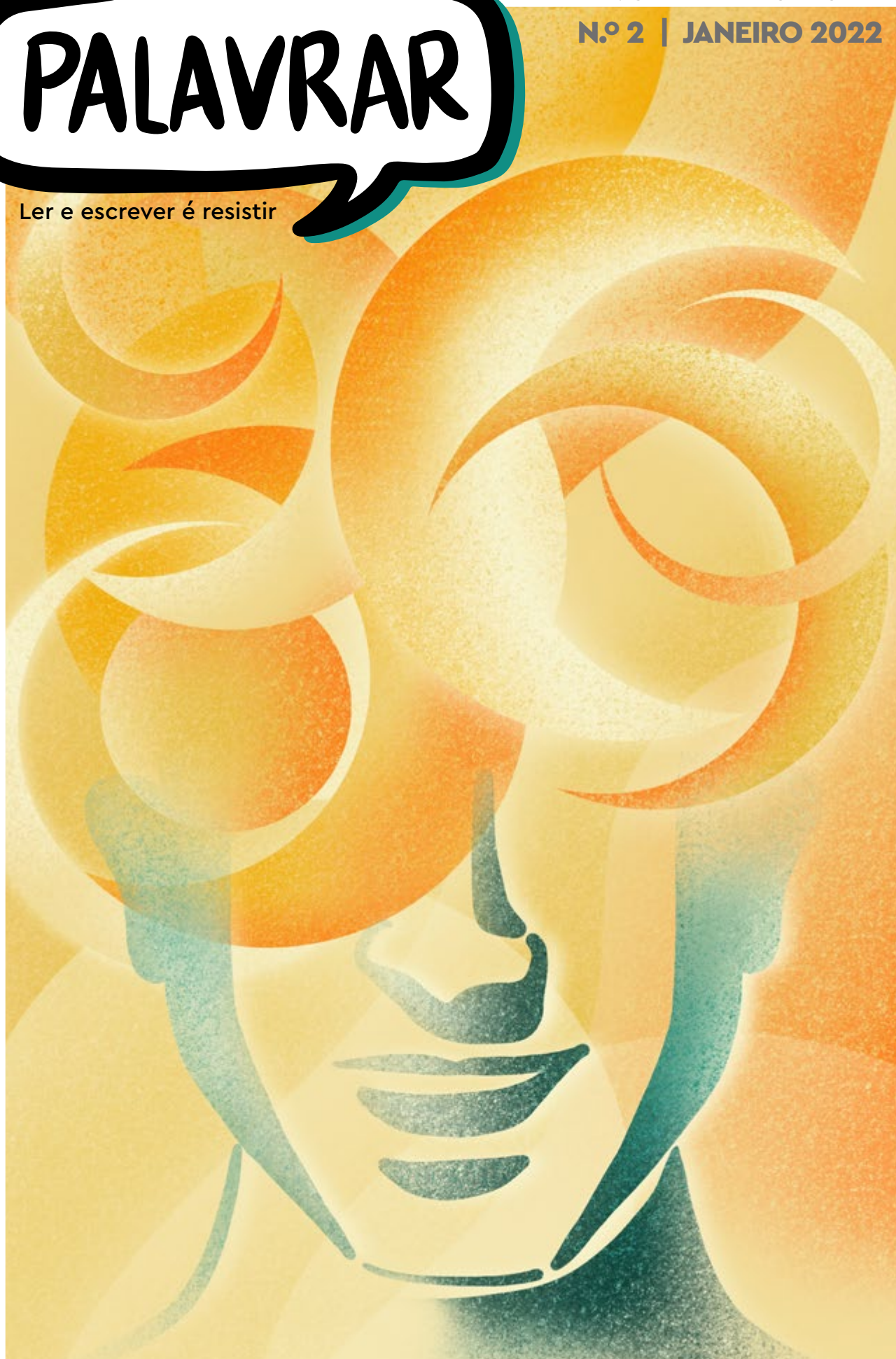


PALAVRAR

Ler e escrever é resistir

REVISTA LITERÁRIA SEMESTRAL

N.º 2 | JANEIRO 2022



EDITORIAL

3 Analita Alves dos Santos
Diana Almeida

PER FICTA, RESISTERE

10 **A TERCEIRA TORRE**
Alexandra Duarte

16 **SALVADOR**
Ana Costa

20 **VALENTIM, SONHO MEU**
Ana Pinheiro

24 **SONHOS E RETALHOS**
Carla Carmona

28 **O SONHO COMANDA A VIDA**
Carlos Musga

32 **UMA ESPÉCIE DE CICLOS QUE NOS TRANSCENDE**
Cláudia Passarinho

36 **A GRANDE PERDA**
Cristina Bento

38 **A ANATOMIA DE UM SONHO**
Inês Pinto

42 **UM CONTO DE NATAL**
José Mendes

46 **ASAS EM QUATRO DOBRAS**
Lúcia Mendes

50 **A POUSADA KOOKABURRA**
Marisa Rocha

54 **A OLIVEIRA E A ESPADA**
Nuno Gonçalves

GAVETA CRIATIVA

102 **ESCREVER E AMAR**
David Roque

LUSOFONIAS

106 **SONHOS E CERTEZAS**
Olinda Beja

PALAVRA DE LEITOR

110 **"INTERVENÇÕES" DE UM RABUGENTO**
Mário Rufino

A LITERATURA PELOS TEMPOS

4 **MOACYR SCLiar | E SE AQUILO FOSSE UM HOMEM**
Filipa Melo

LETRA MIUDINHA

58 **UM ESTRANHO NO CIMO DA ÁRVORE**
Maria Susel Gaspar

61 **FLOCO E GOTINHA**
Patrícia Lameida

64 **CARAMINHAU E TAU**
Teresa Dangerfield

SALTANDO DO PARÊNTESES

77 **SONHOS COLETIVOS**
Ana Candeias

79 **PELO SONHO É QUE VAMOS**
Carmo Marques

82 **O ALQUIMISTA COM CHEIRO A MANJERICÃO**
Gabriela Pacheco

84 **DIREITO A SONHAR**
Isaura Correia

86 **BLUE SKY, O SONHO DE ÂNGELA**
Margarida Constantino

88 **LETRAS ABRAÇADAS**
Maria Celeste Pereira

LÍNGUA MATRIA

104 **ELOGIO DA PONTUAÇÃO**
Marco Neves

CRÓNICA DO VIAJANTE

108 **«ÉTONNANTS VOYAGEURS» - EM MEMÓRIA DE MICHEL LE BRIS**
João Ventura

SENTENTIA

114 **POR QUE A MAIORIA DAS CARREIRAS DE ESCRITOR NÃO DESCOLA?**
James McSill

118 **ESCRITORES E PÁGINAS EM BRANCO: UMA CERTEZA, UMA INEVITABILIDADE E UM CLICHE**
Lénia Rufino

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

6 **JOÃO DE MELO**

RESISTENTIA POÉTICA

68 **OS SONHOS NUNCA SÃO VELHOS**
João Melo

69 **O BARCO DO SONHO**
Daniela Rosa

70 **NOTHING'S GONNA HURT YOU, BABY**
Francisco Mouta Rúbio

72 **NÃO É O TEMPO QUE NOS MOLDA**
Isa Silva

73 **DA ESPERANÇA**
Margarida Correia

74 **FINITUDE**
Maria Bruno Esteves

75 **O SONHO E O POEMA**
Maria Luísa Francisco

76 **SONHOS**
Maria Silvéria dos Mártires

DA PALAVRA A FORÇA

90 **UMA NOVA ESTRELA**
Analita Alves dos Santos

92 **DO SONHO**
Eduardo Fernandes

94 **O LEITOR SABE A IMPORTÂNCIA DE FAZER A ESCOLHA CERTA?**
Helena Gregório

96 **OS SONHOS NÃO PODEM SER SÓ SONHOS**
Júlia Domingues

98 **QUANDO O SONHO ACONTECE**
Manuela Vieira

100 **ONDE TUDO COMEÇA**
Paulo Jorge Pereira

BESTIÁRIO ARDILOSO

112 **O ONIROMANTE DE AZARUJA**
Porventura Correia

A BIBLIOTERAPEUTA SUGERE

120 **TUDO É POSSÍVEL**
Sandra Barão Nobre

Ficha Técnica

Diretora: Analita Alves dos Santos | Editora: Diana Almeida | Capa, design e paginação: Isa Silva | Revisão: Ana Candeias, Ana Costa, Carmo Marques, David Roque e Teresa Dangerfield | N.º de inscrição na ERC: 127573 | Propriedade: Analita Alves dos Santos | Sede: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | Sede da redação e da Editora: Rua dos Missionários, Lote 11 L 8500-309 Portimão | analita.santos@oprazerdaescrita.com | Estatuto editorial ©2022 Revista Palavrar | Todos os direitos reservados. Todos os textos são publicados segundo o Acordo Ortográfico em vigor, excetuando-se os de alguns cronistas.

O SONHO COMANDA A VIDA

Analita Alves dos Santos

O tema desta segunda edição soa prosaico, mas vivemos tempos em que urge resgatar a capacidade de sonhar. O óbvio também necessita do elogio da palavra.

Não raras vezes, me questiono se não estaremos a viver um sonho ou, melhor dito, um pesadelo, uma distopia idealizada pela mente fecunda de um escritor. George Orwell, Margaret Atwood ou Aldous Huxley não teriam dificuldade em imaginar tal história: um coletivo mundial de máscaras no rosto e liberdades reduzidas.

Sonhar. Acreditar. Realizar.

Prometeu deu-nos o dom da profecia para o entendimento dos sonhos e, mesmo com essa dádiva, não antevimos a leitura do primeiro número da PALAVRAR por milhares de pessoas e... aconteceu.

Para Denis Diderot «É tão arriscado acreditar em tudo como não acreditar em nada.». Na PALAVRAR escolhemos crer com a força do ponto final e a subtileza da vírgula. Confiamos que estas novas páginas chegarão ainda mais longe — a positividade fica-nos bem.

Reunimos mais de quarenta probabilidades de sonhar com a palavra escrita, entre poemas, contos, crónicas, histórias infantis e conhecimentos que nos engrandecem. Juntam-se de novo autores (ainda) desconhecidos, singulares vozes literárias nacionais, falas vincadas da Lusofonia, a demonstrar que é possível realizar a Língua Mãe que nos une. Sonhar. Acreditar. Realizar. O sonho comanda a vida? Sim. Escutámos o seu retumbar duplicado, acreditámos na sombra do vento, na força dos dedos que não se cansam e

realizámos obra. Cento e vinte e três páginas que folheará com os olhos, um testemunho pleno da criatividade dos nossos autores.

Diana Almeida

Sonhamos porque somos humanos. Entre os raciocínios que nos automatizam os gestos diários a mente vagueia, questiona, sonha, mesmo que em programa de fundo. Seja dia ou noite, a dormir ou acordados, construímos em continuum composições de ideias, sensações e emoções a que chamamos sonhos.

Nem sempre o que criamos, ou sonhamos, está envolto numa aura de esperança — cenas de devastação e sofrimento são possíveis, frequentes até. E nem sempre o cenário criado é projetado num futuro — perseguições do passado, acontecimentos alternativos de situações ocorridas, ou potenciais variações do presente em que nos encontramos são também representações sonhadas pelo espírito inquieto inerente à nossa natureza. Esta riqueza torna a palavra sonho bastante mais controversa do que o significado que esta nos imprime à partida. Uma variedade que ela nos agita, impulsiona. Por medo ou alento, são essas representações sonhadas, imaginadas, que nos movem a fazer, a quebrar a rotina de atos diários e a mudá-la. Comandando. A PALAVRAR foi sonhada, imaginada por todos nós. Neste número prestamos homenagem ao sonho que lhe deu vida. Entre mais de quatro dezenas de vozes reveladas, traduzimos em cada texto essa comemoração de maneira ideal — escrevendo.

MOACYR SCLiar E SE AQUILO FOSSE UM HOMEM

FILIPA
MELO



Moacyr Scliar imaginou um judeuzinho brasileiro que nasceu metade cavalo. O romance é uma fábula alada, que atravessa o tempo.

Na altura de dar os primeiros passos, o bebê Guedali Tartakovsky apercebe-se da sua cauda farta, do grande bojo da barriga, do pénis, gigantesco e... circuncidado. Leva à boca uma das patas, mas, dada a desproporção entre as duas partes tão contrastantes do seu corpo, acaba por bater com o casco no lábio, ferindo-o. É assim, com esta primeira experiência de dor, que Guedali se dá conta «do conflito entre a dureza e a maciez, entre o bruto e o delicado, entre o equino e o humano». O Centauro no Jardim, romance datado de 1980, é uma fábula brilhante sobre a dupla identidade, a inadequação social do sujeito e o desejo de assimilação, e foi colocado pelo norte-americano National Yiddish Book Center entre as cem melhores obras de temática judaica dos últimos dois séculos.

Gaúcho (de Porto Alegre), filho de imigrantes judeus russos (como

«O Centauro no Jardim, romance datado de 1980, é uma fábula brilhante sobre a dupla identidade, a inadequação social do sujeito e o desejo de assimilação.»

Guedali), Moacyr Scliar (1937–2011) projetou na prosa esta insólita combinação de origens. O corpo central da sua obra literária é alegórico, fabuloso, com um toque de absurdo kafkiano e humor iídiche (um mecanismo de defesa, «aquele nosso meio sorriso, meio amargo, meio filosófico», dizia ele). E, no entanto, na fisicalidade e na sensualidade, o texto parece ter brotado dos pampas; na objetividade, dos

«A metáfora da dualidade impregna também o cenário secundário: o de uma classe média em conflito com as convenções e em busca de uma possibilidade socialista, mas na qual também germina o Golpe Militar de 1964.»

prontuários clínicos. Scliar, médico (higienista, com pós-graduação feita em Israel), compulsivo contador de histórias, escritor profissionalíssimo, publicou mais de 80 livros, em todos os gêneros ficcionais. Ganhou três prêmios Jabuti (1988, 1993, 2009) e uma cadeira entre os «imortais» da Academia Brasileira de Letras.

O Centauro no Jardim vive do paradoxo entre a extraordinária condição do protagonista e o cenário realista das suas aventuras, vividas numa fazenda do Rio Grande do Sul, em São Paulo ou em Marrocos (onde o centauro Guedali e a sua amada, Tita – não judia, mas também centaura —, se fazem operar e adquirem finalmente pernas, ainda que mantenham cascos, que os obrigam a usar botas ortopédicas). A metáfora da cisão está presente desde logo no contraste entre o recurso a uma figura mitológica grega (o centauro, símbolo da fusão entre o humano e o bestial), adotada pelos modernistas latino-americanos, e todas as outras referências culturais e religiosas, advindas maioritariamente do universo judaico. O choque da diferença motivou os pais de Guedali a emigrar para o Brasil, fugidos ao confronto entre os habitantes dos shtetl e os cossacos russos, que os pisavam sob os seus cavalos possantes. A metáfora da dualidade impregna também o cenário

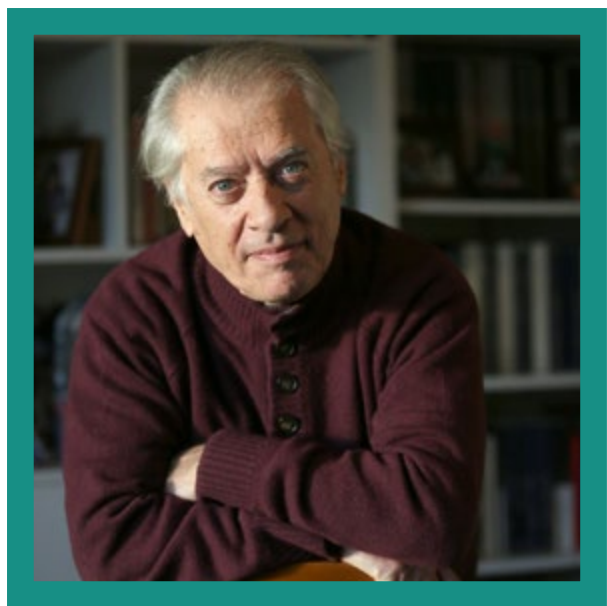
secundário: o de uma classe média em conflito com as convenções e em busca de uma possibilidade socialista, mas na qual também germina o Golpe Militar de 1964.

Tornada familiar pelo tom empregado pelo narrador (tão direto quanto encantatório), pelo uso do humor e pela ancoragem em referências realistas (por exemplo, à afirmação de Guedali no mundo dos negócios), a dimensão fantástica ou utópica desta história serve para que Scliar eleve a narrativa para além do tempo. Neste aspeto, O Centauro no Jardim ultrapassa as coordenadas do realismo mágico e insere-se na longa tradição das alegorias rabínicas. A interpretação quer-se mais-do-que-literal, isto é, da ordem do estranhamento em relação ao que se lê e ao que se narra, pleno de significados ocultos.

«Tornada familiar pelo tom empregado pelo narrador (tão direto quanto encantatório), pelo uso do humor e pela ancoragem em referências realistas (por exemplo, à afirmação de Guedali no mundo dos negócios), a dimensão fantástica ou utópica desta história serve para que Scliar eleve a narrativa para além do tempo.»

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

JOÃO DE MELO



João de Melo nasceu nos Açores, em 1949. Aos 11 anos, deixa a sua ilha natal para prosseguir os estudos no continente, como aluno interno do Seminário dos Dominicanos, onde permanece entre 1960 e 1967. Abandonado o seminário, passa a viver em Lisboa, prosseguindo os estudos enquanto trabalha e iniciando colaborações na imprensa escrita. É, aliás, num jornal, o Diário Popular, que publica o seu primeiro conto, aos 18 anos. A partir de então publicará contos, crítica literária e poemas em diversos periódicos de Lisboa e dos Açores, integrando-se na geração literária que, sediada em Angra do Heroísmo – e ligada ao suplemento literário do jornal A União – renovou a literatura açoriana contemporânea. A incorporação no exército, com o posto de furriel e a especialidade de enfermeiro, em 1970, e a posterior ida para Angola, onde permaneceu 27 meses numa zona de guerra, marcá-lo-ão em termos pessoais e literários, sendo tema de vários livros seus, de que se destaca, na ficção, "Autópsia de Um Mar de Ruínas", romance que é uma referência na literatura portuguesa sobre a guerra colonial.

Já após a revolução de Abril de 1974, João de Melo licencia-se em Filologia Românica pela Faculdade de Letras de Lisboa, mantendo sempre colaboração em diversas revistas literárias (Colóquio-Letras, Vértice e, mais tarde, Sílex, Ler, etc.). No início da década de 80, torna-se professor do ensino secundário, atividade em que reparte até hoje o seu tempo com a escrita literária.

1 | Qual o principal aspecto da sua personalidade?

Encobrir a minha timidez recorrendo ao humor e até a alguma desfaçatez, com a intenção de me fazer valer junto dos outros e ficar à altura deles.

2 | Qual é a sua qualidade favorita num homem?

A honestidade pública e privada. Gosto de gente límpida, transparente, escorreita. Nada de traulhices nem manigâncias. Todos os ladrões e corruptos me são execráveis.

3 | Qual é a sua qualidade favorita numa mulher?

A feminilidade própria, conjugada com as convicções: defesa dos seus direitos sociais, igualdade de género e consciência da condição familiar. A mulher dá coragem e determinação ao homem.

4 | O que mais aprecia nos amigos?

A generosidade. O amigo atravessa a cidade para nos valer em qualquer situação. Tenho vindo a perder alguns dos melhores. Por cada um que se vá, fico mais pobre e sobretudo mais só.

5 | Qual é o seu principal defeito?

Perguntei à minha filha: disse-me que eu era "teimoso" e um pouco "fona". Não concordo. E anda um pai a criar filhos para isto!

6 | Qual seu passatempo favorito?

Gosto das artes e das letras. Do cinema, do teatro e do futebol na televisão. De estar em casa, de receber e visitar pessoas. Mantenho correspondência com alguns leitores.

7 | Qual sua noção de felicidade?

Amar e ser amado. A explicação da minha vida. Fui funcionário público, militar, sindicalista, professor e diplomata. Mas "fugi" sempre a tudo isso para me refugiar na literatura. A finalidade da escrita? O amor que passa de nós para os outros através da palavra. De cada vez que um leitor me agradece um livro, mais do que feliz sinto-me "completo" na minha humanidade.

8 | Qual sua noção de infelicidade?

A ideia de perda. Vivemos para perder. Os que morrem, o tempo, a idade. Ou seja: a consciência da nossa efemeridade sobre a terra. Depois o monstro da morte, que a tudo preside.

9 | Se não fosse você mesmo, quem quereria ser?

Talvez o Gabriel García Márquez, mas ainda vivo. O tal que me "roubou" um livro chamado "Cem Anos de Solidão": porque devia ter sido eu a escrevê-lo.

10 | Onde gostaria de morar?

Adoraria ser mais "ibérico": viver em Madrid (onde fui feliz) ou em Barcelona e voar para Lisboa sempre que me apetecesse; e daqui para as minhas ilhas dos Açores, ao encontro do mar.

11 | Qual sua cor favorita?

Sou pelo azul. Não pela cor dos meus olhos, mas porque nele vejo céu e mar na sua plenitude. O azul vai bem comigo em tudo: é também a cor do horizonte, que se move connosco à medida que caminhamos (disse-o o escritor e meu amigo Antonio Tabucchi).

12 | Qual seu escritor favorito?

Tenho uma paixão tranquila por Eça de Queirós. Admiro a sua escrita (bela e descabelada), o sentido de humor e o seu poder de criação de caricaturas tipológicas e sociais dos portugueses.

13 | Qual seu poeta favorito?

Álvaro de Campos. Poemas como "Aniversário", "Ode Triunfal", "Tabacaria" ou "Lisbon Revisited" são tão geniais quanto profundos e intemporais, na sua modernidade positiva. Pessoa é um mistério literário, estético e ideológico na nossa vida e na literatura portuguesa.

14 | Qual seu herói favorito na ficção?

Chama-se João-Lázaro, é do meu livro "O Meu Mundo Não É Deste Reino". A personagem

QUESTIONÁRIO DE PROUST A...

JOÃO DE MELO



foi-me sugerida por um velho pedinte da minha infância. No livro, fi-lo morrer e ressuscitar transformado em profeta do progresso insular; depois, resistente contra o Salazarismo e revolucionário do mundo (à semelhança do Che Guevara). Finalmente, os americanos desembarcaram na ilha e levaram-no nos submarinos para com ele proceder a experiências genéticas. Esse livro fez de mim um escritor.

15 | Qual sua heroína favorita na ficção?

Orlando, do livro com esse mesmo título, de Virginia Woolf. Na primeira parte da obra, Orlando é mulher; na segunda, homem. Há ali um cruzamento genial das naturezas feminino/masculino.

16 | Quais seus pintores e compositores favoritos?

Pintores: Marc Chagall, Salvador Dalí e Paula Rego; Compositores: os inigualáveis Beethoven e Mozart; e o melodioso e heróico Verdi das óperas e árias famosas.

17 | Quais os seus heróis na vida real?

No passado: Nelson Mandela, Ghandi, Gorbachev e Salgueiro Maia. No presente, António Guterres, secretário-geral da ONU, e os movimentos ecologistas que lutam para salvar o planeta.

18 | Qual sua figura feminina favorita na história?

Inês de Castro, que teve a coragem de afrontar, com o seu amor de paixão, a burguesia cortesã que a perseguiu e assassinou. Ninguém a cantou tão magnificamente como o grande Camões.

19 | Quais seus nomes favoritos?

Gostei sempre do meu nome; se não tivesse sido João, não me importaria nada de o ser agora.

20 | O que você mais odeia?

Os cartéis da droga, a corrupção das consciências, a ladroagem e a prepotência; e este sistema sociopolítico que inflige dor, fome, trabalho e sacrifícios sem nome às crianças do mundo inteiro.

21 | Quais as figuras históricas que você mais odeia?

Os monstros ainda nossos contemporâneos: Hitler, Estaline e Mao Tsé-Tung. Os maiores facínoras do século XX. Houve vários outros, mas quero concentrar nestes o meu repúdio.

22 | Qual o evento militar que mais admira?

O nosso 25 de Abril, pelo qual tanto ansiei. Pena não ter chegado a tempo de evitar a guerra colonial e sacudir o Salazarismo daqui para fora.

23 | Qual o talento natural que gostaria de ter?

Músico (compositor e instrumentista). Talvez pianista.

24 | Como gostaria de morrer?

Podia ser de eutanásia, se fosse o caso. Assisti a duas aplicadas a cães doentes: foram mortes tranquilas, sonolentas, quase doces. E sem metafísica nenhuma.

25 | Qual é seu estado mental atual?

Luto contra o desânimo e contra a doença. Mas sinto-me mais vivo do que nunca.

26 | Por qual defeito você tem menos tolerância?

Não aturo fanatismos, sejam eles ideológicos, políticos, religiosos ou outros.

27 | Qual seu lema favorito?

«Há quem tenha palácios. Eu tenho amigos». (Frase minha).

A TERCEIRA TORRE

ALEXANDRA
DUARTE

Roubei as palavras ao mundo
e guardei-as na gaveta.

Durante muito tempo seria esta a última frase escrita naquela folha de papel solta, atirada para um canto. Acontecera durante uma tarde chuvosa e fria, seguida de um anoitecer precoce. Igualmente sombrio se encontrava o espírito de Gael ao registar aquele pensamento.

Em criança vivia numa pequena cidade do interior, pintalgada de edifícios pomposos e pequenas casas térreas. Fora debruada a verde, amarelo e vermelho nos trilhos das árvores plantadas em redor. Para completar, no cimo da encosta onde nascera a cidade, aflorava o que restava de um castelo, edificado havia séculos. Os sentidos de Gael despertavam com o mundo e, atento, escutava o que este lhe dizia. Acompanhava-o o sussurro das folhas das árvores que ondulavam com a brisa da manhã, quando ia para a escola: contavam histórias de quando eram pequenos arbustos e se quebravam facilmente. Outras vezes, cantava em dueto com as ondas do mar

**«Em criança vivia numa
pequena cidade do
interior, pintalgada de
edifícios pomposos e
pequenas casas térreas.
Fora debruada a verde,
amarelo e vermelho
nos trilhos das árvores
plantadas em redor.»**

naquela praia onde passava as férias de verão. O mar dizia da sua imensidão e dos filhos que acolhia dentro de si. A chuva, viajante dos tempos e conhecedora da eternidade, falava do caminho que percorria desde o alto céu até às mais profundas rugas no solo. Quanto às ruínas do castelo, em tempos idos fortificação imponente, essas gostavam de contar histórias de guerreiros audazes e conquistas de outras eras. A bem da verdade, intimidavam-no. *Não há que temer, nem torres nem muralhas* — dizia-lhe o pai — *todas podem ser vencidas, contornadas ou até destruídas*. Mas aquele amontoado de pedras rudes, que Gael achava lhe podia cair em cima a qualquer momento, impunha respeito.

Tal como as escutava, o pequeno gostava também de contar as histórias do mundo, não perdendo a oportunidade de o fazer. Os adultos ouviam e sorriam, mas não davam mais importância.

Gael não compreendia a aparente falta de interesse. Sentia-se desolado. Assim, uma após outra, as histórias sonhadas esmoreciam. O rapaz foi crescendo e foi deixando de ouvir. Por fim, deixou também de contar. *Roubei as palavras ao mundo e guardei-as na gaveta*, escreveria mais tarde. Não sabia, ainda, que o mundo não gosta de estar fechado em gavetas.

Certa madrugada, ao abrir os olhos, Gael sentiu-se desconfortável e com sabor a terra nos lábios. Confuso, levou uns segundos a habituar-se à claridade e a perceber que estava deitado de barriga para baixo, num chão duro. Virou-se e, a custo, levantou-se. Não estava no quarto. Ficou assustado, sem perceber como ali tinha ido parar, sendo ali onde quer que fosse. Encontrava-se num caminho largo, de terra batida, campos a descoberto, com algumas árvores a avistarem-se ao longe. De resto, terra seca e a alvura do céu. Atrás de si havia um lanço de escadas feitas de pedra, sujas e gastas; estavam ladeadas de ciprestes com pontas que se uniam apontando para o céu, formando um túnel, em cujo início não se avistava o fim. Sem outro caminho mais desejável, começou a subir os degraus. Parecia deixar para trás a poeira que o cobria, respirando agora uma frescura oferecida pelas árvores. Levou alguns minutos a chegar ao cimo, onde o calor e a luminosidade contrastavam com o ar fresco oferecido pelos ciprestes.

Estava agora no que, aparentemente, fora a alcáçova de um castelo, do qual já pouco restava. As temíveis muralhas continuavam erguidas, entrecortadas por três pequenas torres ameadas e acompanhadas, aqui e ali, por pequenos aglomerados de pedras que tinham ruído. Embora se sentisse perdido, intuía que a sua presença cumpria uma missão. Apenas não sabia qual.

Nada a temer, recordava. Entrou, então, dentro da primeira torre, mais temeroso do que destemido. Penetrava, através da porta, a única claridade. Encontrou uma estátua de um deus. Os traços do rosto eram rudes, preenchidos por uma barba cerrada. Na cabeça, uma coroa que parecia pequena sobre a farta cabeleira. Vestia uma armadura e segurava uma lança tão alta quanto ele. Embora surpreso, Gael sossegou, era apenas uma estátua. Mas algo inesperado aconteceu. Esfregou os olhos, procurou ver nitidamente. Sim, era certo, a estátua respirava e começava a ganhar vida. O rapaz tremeu — o deus de pedra espreguiçou-se e no gesto tornou-se maior, um gigante aos olhos de Gael. Assombrado, deu um passo atrás e acabou por cair ao tropeçar nos próprios pés. Recusava acreditar no que os sentidos lhe diziam. Mas a estátua, agora viva, inclinou-se, até quase tocar o rosto do jovem. *Como ousas despertar-me, pequeno insolente?*

Curiosa troca de papéis esta, quando da pedra nasce vida e a vida jaz inerte; Gael queria fugir, mas o corpo não respondia ao que o cérebro ordenava. *Sei quem és*, continuava a estátua, *és aquele que quer dar palavras ao mundo, enriquecê-lo*. Um tremido e quase inaudível sim surgiu desesperado na voz de Gael. *Não podes*, disse bruscamente o deus. Ergueu-se e começou a andar de um lado para o outro. A cada passo a terra tremia, reacendendo em Gael o medo de pedras e muralhas caídas. O deus continuou a divagar: *Só a nós está reservado esse papel. Que seria do mundo se meros humanos almejassem acima das suas virtudes? Somos nós que fazemos a história, vocês apenas passam por ela*. E continuava, arrogante, a enaltecer os feitos dos deuses quando, de súbito, a adrenalina se fez sentir.

Aproveitando um momento em que a estátua lhe virava costas, quase sem saber como, Gael deu um salto e correu para a porta, sem olhar para trás. Saiu da torre e continuou a correr, ofegante, até se encontrar no centro da alcáçova. O que é que acabara de acontecer? Enquanto recuperava o fôlego, tentava acalmar a mente. Olhou para trás, não fosse a estátua segui-lo. Mas nada saiu pela porta e, por

momentos, sentiu-se a salvo. Olhou para as torres seguintes e depois para o túnel dos ciprestes. Surpreendeu-o a indecisão. Estaria a curiosidade a superar o medo? De modo algum, mas Gael sentia-se impelido a ficar. Parecia que, se saísse agora, alguma coisa ficaria inacabada. *Nada a temer?* Não sabia, mas mesmo assim avançou em direcção à segunda torre e entrou.

No centro encontrava-se a estátua de um demónio que irradiava uma luz vermelha. A pouca claridade que entrava pela porta passava despercebida. A figura tinha, na cabeça, dois pequenos chifres e os olhos, embora de pedra, pareciam perscrutar a alma do rapaz. Enrolada ao torso sobressaía uma cauda bifurcada, longa e fina, que só era ultrapassada, em comprimento, pelo tridente que agarrava na mão esquerda. Cauteloso, Gael esperava uma reacção. E, tal como acontecera antes, também esta estátua se espreguiçou, tornando-se colossal. Assustado, mas já não desprevenido, o jovem manteve-se imóvel.

Ousas despertar-me, humano desprezível? Sei quem és..., começava assim o demónio o seu discurso. Gael esperava ouvir, resignado, o que antes lhe fora dito, *queres dar palavras ao mundo, assombrá-lo, torná-lo maior*. Iria agora ouvir falar do poder dos demónios e da insignificância dos humanos. De como os humanos nada podem ao invés dos demónios, poderosos imortais. *É possível*, replicou o gigante. *O quê?* Gael abriu os olhos, surpreso, *não me vai dizer que sou um simples humano e isso está além da minha condição?*

Claro que está além da tua condição, não passas de uma vil criatura terrena. Mas eu posso ajudar-te. Os olhos ardiam-lhe num fogo de vermelho vivo. Gael continuava atónito. *Mas como?* O demónio sorriu, perverso, *basta que me dês algo em troca*. Desconfiado, o jovem interrogava-se sobre o que lhe era

pedido. Adivinhando o pensamento do pequeno humano, a estátua ergue os braços e, numa voz gutural, exige: *A tua alma!* Em sobressalto e percebendo o perigo, Gael fugiu sem perder tempo. Correu ligeiro sem olhar para trás até se encontrar, de novo, no meio da alcáçova, sentindo-se perdido e terrivelmente só.

Era agora certo, não tinha qualquer intenção de entrar em mais nenhuma torre. Era hora de regressar. Iniciou, assim, o caminho em direcção aos ciprestes quando notou que a entrada estava tapada por fortes e densos arbustos, como se sempre ali tivessem estado. Não havia qualquer abertura por onde Gael pudesse passar. Num profundo desalento, questionava-se sobre o propósito que o levava àquele lugar; fosse qual fosse, deixara agora bem claro que o jovem ainda não terminara a sua viagem. A terceira torre esperava-o. Descansou um pouco até que aceitou dar lugar à coragem e seguir caminho na sua desventura.

Preparou-se para conhecer uma terceira estátua e, decidido, entrou na última torre. Surpreso, descobriu-a vazia, tomada de uma quietude desconcertante. Era mais clara do que as anteriores, embora não se percebesse bem por onde entrava a luz. O silêncio era apenas interrompido pelo suave gorgolejar de fios de água que, nascendo nas ameias, corriam translúcidos em direcção ao solo. Eram suficientes para formar quase um espelho ao longo da parede. Gael esperou, andou para a frente e para trás, sem ver nada nem ninguém, a não ser o seu reflexo que, de vez em quando, aparecia nos fios de água. Por fim, saiu da torre. Nada mais havia a procurar.

Sem outro caminho de saída, regressou aos ciprestes, decidido a procurar uma abertura de acesso ao túnel. Foi com espanto que a encontrou livre e desimpedida. Gael sorriu aliviado, mas empreendeu a descida com o coração apertado; sentia que algo ficara por

**«Olhou para
as torres seguintes
e depois para
o túnel dos
ciprestes.
Surpreendeu-o
a indecisão.
Estaria a curiosidade
a superar o medo?»»**



» decifrar. Estaria o mundo a contar-lhe outra história? Convidá-lo-ia a escutar de novo? Embrenhado nos pensamentos, foi apanhado de surpresa ao ser abruptamente atirado ao chão. Os degraus de pedra tremeram ferozes, quebrando-se a meio. Os ciprestes, violentamente arrancados pelas raízes, já não olhavam o céu e caíam, agora, por enormes buracos abertos entre as pedras e a terra revolvida. Gael, caído, perdeu apoio e mergulhou numa escuridão assustadora que não chegava ao fim. Tudo se desmoronava, pedras, arbustos e terra. O coração de Gael batia acelerado, esperando tão só que o corpo, pesado, batesse em qualquer fundo. Mas o fundo não se avistava. Por fim, estremeceu e acordou.

Quase caiu da cama, tal o sobressalto com que despertara. Sentou-se, reavivando os sentidos. Adivinhava-se no quarto, em segurança, mas entorpecido — nunca um sonho lhe parecera tão real. Um raio de lua, ténue e brilhante, entrava pela janela, incidindo na secretária de Gael. As folhas em branco que por ali tinha clamavam por ele. Saltou da cama num ímpeto e sentou-se a escrever, não queria esquecer qualquer pormenor. Os ciprestes, as torres, as estátuas. Parou ao descrever a terceira torre. Continuava sem entender. Pela janela entreaberta percebia, ao longe, o perfil negro das ruínas do castelo. A lua cheia, triunfante, impunha a sua presença, parecendo querer bisbilhotar-lhe a escrita. Ao virar a cabeça, inadvertidamente, viu o seu reflexo no espelho que estava pendurado numa das paredes do quarto. O outro eu devolvia-lhe o olhar e prendia-o, como se hipnotizado estivesse. Entrava-lhe pela alma e pelo coração, de tão profundo que era. E assim, forçado, compreendeu. Tal como agora, também na terceira torre, Gael vira o próprio olhar e,

naquele instante, tinha sido ele o ser magnífico e extraordinário. Venham deuses ou demónios, que a eles nada compete. Só a Gael. Seria tão só ele o responsável, se quisesse, por dar voz às palavras do mundo.

«Quase caiu da cama, tal o sobressalto com que despertara. Sentou-se, reavivando os sentidos. Adivinhava-se no quarto, em segurança, mas entorpecido — nunca um sonho lhe parecera tão real. »

Estranhos modos tem o universo de se fazer ouvir. O sonho ensinara-o como a realidade nunca o fizera. Aprendera que, quando há sonhos, as gavetas não podem estar fechadas. Gael recordaria mais tarde, ao escrever a sua primeira obra, o dia em que enfrentara o medo e arriscara a ousadia: *Não foi a realidade que me fez, foi o sonho que me ensinou. Abri, por fim, a gaveta e atirei as palavras ao mundo. Façam delas o que quiserem.*

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

«O sonho
ensinara-o como
a realidade
nunca o fizera.
Aprendera que,
quando há
sonhos,
as gavetas
não podem estar
fechadas.»

O silêncio era cúmplice da escuridão e ambos seguiam de perto o desejo ansioso dos passos de Salvador, entre corrimões de videiras despidas e terrenos baldios. Um silvo cortou o ar e ele, de pronto, meteu a mão no bolso. A pistola de alarme dava-lhe alguma segurança, mas não desvanecia o medo. Apurou o ouvido e perscrutou o terreno em redor para se fixar nos olhos de uma coruja no ramo de uma carvalha. Parecia que o questionava «Que fazes aqui a estas horas? Até quando vais continuar nisto?». Ignorou e seguiu caminho. A respiração tornara-se mais ofegante e o seu bafo largava pequenas nuvens no ar. Apesar da temperatura baixa, não sentia frio. Sob os seus pés estalavam ramos e folhas. Firmou ainda mais a passada, antecipando o prémio daquela empreitada noturna.

O coração pulou ao avistar a pequena casa caiada de branco entre os pinheiros. Observou a área e não viu o carro dele. A luz acesa no quarto com a persiana fechada até meio era o sinal combinado para avançar. Sacudiu as botas, passou as mãos pelos cabelos cor de avelã e

compôs o casaco. Caminhou em direção à casa. Parou em frente à porta, levantou a mão direita fechada e fez soar duas pancadas secas. O calor escalou-lhe a coluna e as calças reprimiam o desejo que crescia, provocando um desconforto prazeroso.

Ela abriu e puxou-o, bebendo-lhe um longo beijo, enquanto o conduzia para o quarto, trancando a porta atrás de si. Num ápice, as roupas estavam no chão e eles buscavam-se como quem procura água no deserto. Ela deixou-se desabrochar, ávida de o sentir entrar, ele não pensava em outra coisa e assim fez. Vezes repetidas silenciou o gozo, não podia ser ouvida pelo filho que, alheio a tudo, dormia tranquilo no quarto ao lado. Depois, repousaram os corpos nos lençóis exaustos. Em silêncio, Salvador soltou-se daquele abraço viciante. Os pés arrepiaram-se ao tocar o chão. Vestiu-se e saiu cauteloso. Apertou o casaco e meteu as mãos nos bolsos.

Nova passagem pelas vinhas e pelos terrenos baldios. Para seu espanto, reencontrou a coruja, no mesmo ramo da carvalha, com as perguntas ainda em suspenso no olhar. «Maldito bicho! Não és o símbolo da sabedoria? Então encontra as respostas sozinho!». Ainda o pensamento não havia terminado, sentiu que se enterrava em lama. «Só faltava mais esta!» Bateu os pés ao som do piar da coruja, todavia não se libertou da sujidade da alma.

Entrou no carro, ligou a ignição e esperou que os vidros desembaciassem. Uma música romântica conquistou-lhe os sentidos e o seu pensamento voou até Anabela. «Será que ele já chegou? Estará a abraçá-la, a beijá-la? Não, não!». Não podia pensar nisso que logo o coração

acelerava e o calor subia ao rosto. Pegou no telemóvel e escreveu «Amo-te tanto, meu amor, és tudo para mim. Já tenho saudades tuas.» A resposta não tardou: «Também te amo muito! És tudo para mim! O meu coração vai ser para sempre teu!» Saboreou com prazer aquela mensagem e arrancou. De olhos fixos na estrada, as duas mãos no volante, recostado no acento, acelerou e fez as mudanças deslizarem de tal forma que em breves minutos estava a atingir os cento e vinte quilómetros à hora. Embriagado pela adrenalina e pelo poder, dir-se-ia que o Volkswagen Golf GTI Mk2 levantava voo, não denunciando os anos que tinha.

Chegou a casa. Silêncio. Descalçou-se e foi tomar um duche rápido. Meteu-se na cama. Gabriela dormia. Fechou os olhos, na tentativa de adormecer. Ela mexeu-se e ele sentiu as suas pernas nuas e macias. Começou a percorrer-lhe o corpo numa carícia faminta. Meio desperta, ela deixou-se ir naquele embalo e saciou-o. Quando acordou, Gabriela já tinha saído. Afagou a almofada que guardava ainda o seu perfume e sorriu. «O que mais pode querer um homem?!» Pegou no telemóvel e enviou uma mensagem «Bom dia, amor!». Anabela rapidamente retribuiu. «Bom dia, amor! Só penso em estar contigo!». Quando ia responder, uma chamada impediu-o. Atendeu. «Tem de estar pronto no próximo sábado, sem falta!» Mais do mesmo. Precisava de concluir aquele trabalho, não podia continuar a adiar. Foi para o ateliê decidido a avançar. Vestiu a bata, calçou as luvas e olhou com satisfação para o móvel. «Sem dúvida que está a ficar bonito!» Ia inclinar-se para retocar uma porta, quando um pensamento se precipitou. «Esqueci-me completamente da consulta com o naturopata!» E largou tudo. Decidira procurar alternativas para aquele estado que oscilava entre a depressão e a euforia. Gostara do primeiro encontro, por isso, lançou-se à estrada para não perder a consulta. Agora, de regresso, recordava o tom perentório com que Jorge lhe falara «Ou tomas uma atitude e fazes alguma coisa por ti ou escusas de cá voltar!». Parecia que o céu se ia desfazer em água.

«Ela abriu e puxou-o, bebendo-lhe um longo beijo, enquanto o conduzia para o quarto, trancando a porta atrás de si. »

O limpa-vidros no máximo não garantia boa visibilidade. Resolveu encostar. Ali, na berma da estrada, ao som da chuva, o olhar perdeu-se para além do horizonte. Recordou a coruja da noite anterior. «O que ando eu a fazer? Esta vontade não me larga... A Anabela é um espetáculo, as coisas que nós fazemos! Até o perigo do marido descobrir me excita! E a Gabriela? Se ela sonha, coitada! Tão boa rapariga... podia ser melhor na cama, é verdade, mas pronto! Não se pode ter tudo... Ainda bem que vivo no apartamento dela, afinal, é menos uma despesa. Dinheiro, dinheiro! Tanta falta que ele me faz! Quando é que isto vai acabar? O trabalho em atraso... e os clientes estão a perder a paciência. Mas eu não resisto, preciso de estar com a Anabela... Serei viciado em sexo? Não! Qual é o problema de gostar de mulheres? Elas também gostam... Mas por que sinto este vazio? Eu até sou perfeito e dedicado ao que faço. Se quisesse, tinha a casa cheia de clientes... Mas eles estão a desaparecer... o trabalho fica sempre para trás, estas saídas para me encontrar com a Anabela, os motéis, as refeições, o gasóleo... quando dou por ela, já o dinheiro se foi... O Jorge tem razão. Tenho de tomar uma atitude. Preciso de sair disto. Mas como?» Deitou as mãos à cabeça e recostou-se no banco. Através do tejadilho, as nuvens pintavam-lhe os olhos de um cinzento carregado. «E se a chuva levasse todos estes problemas? Como seria a minha vida? O que quero para a minha vida?» Admirou-se mais com o facto de

» estar a questionar-se a si mesmo do que com as perguntas. O som da chuva a cair captou toda a sua atenção, parecia-lhe ouvir música... Recordou as palavras do pai, tantas vezes repetidas: «Os músicos são uns vagabundos! Não são canções que põem pão na mesa!». «Como eu gostava de ter aprendido a tocar guitarra... Mas foi o meu irmão que recebeu uma para nunca a usar...» Um nó amordaçou-lhe a garganta... «Vá deixa-te lá dessas coisas! Já passou! Não é agora que vais aprender a tocar guitarra! Vai mas é trabalhar, que é o melhor que tens a fazer!»

A chuva abrandou e Salvador retomou a viagem até ao ateliê. Foi à caixa do correio. Entre cartas e publicidades, deteve o olhar num folheto que anunciava aulas de música para todas as idades. Separou as cartas e pôs os folhetos publicitários no cesto dos papéis. Retomou o trabalho. Um toque. Passados breves minutos, outro toque. Coçou a cabeça. «É ela.» Tirou as luvas e ligou. O corpo deleitava-se com aquela voz e tinha sede dos beijos que se lhe ofereciam. «Tenho de a ver!» E, sem pensar, tirou a bata e meteu-se no carro. Ela já o esperava. Enquanto conduzia, as mãos dela passeavam-lhe pela perna, acendendo o fogo que já os consumia. Acelerou ainda mais e, rapidamente, entrou no estreito caminho de terra batida. No carro, escondidos pelas árvores, mataram a fome, mataram a sede e tudo o mais que sentiam. Deixou-a no sítio onde a apanhara. O corpo estava satisfeito, contudo a alma, essa, agitava-se inquieta e, pela segunda vez naquele dia, a chuva cantou para ele.

Foi nessa mesma noite que teve pela primeira vez aquele sonho. No início, ignorou-o, no entanto, aquela imagem, pouco a pouco, instalou-se na sua vida ao ponto de, cada vez com mais frequência, surgir nos momentos mais acesos com a Anabela. Quando isso acontecia, murchava. Ela não aceitava e procurava aticar

«Sentada de costas, a mesma figura do seu sonho tocava guitarra com uma graça tal que deixou cair o maxilar.»

o fogo. Ele, não querendo dar parte de fraco, incandescia-se.

Aquele romance era, cada vez mais, uma lâmpada em vias de se fundir, oscilando entre a luz e a sombra. Ela continuava a ligar. Salvador, de olhar indiferente para o visor do telemóvel, pensava: «Isto já não me diz nada... deixa-me em paz!» — e continuava a lixar o armário que tinha diante de si ou a aplicar o verniz com cuidado. Também ali, a mesma imagem lhe vinha à ideia. Sem perceber bem porquê, alegrava-se com ela e isso refletia-se nos seus trabalhos de restauro. Certo dia, entrou no ateliê um cliente novo com uma guitarra antiga. Salvador nunca fizera um trabalho daquele tipo e hesitou. Mas o homem tinha a certeza de que ele era a pessoa certa para dar nova vida àquele objeto, sem brilho e repleto de riscos. Quando ficou sozinho, fez soar as duas cordas que ela ainda conservava. Segurou-a pelo braço e contornou-lhe o corpo. «Vais ficar como nova!» pensou, confiante. O restauro da guitarra ocupou-o durante alguns dias. Depois de a limpar, passou-lhe uma lixa fina para retirar todo o verniz, ou o que sobrara dele, passou-lhe óleo de coronha, depois cera de



abelha e de novo o óleo de coronha. A imagem do sonho fazia-lhe companhia, inspirando-o e motivando-o. Quando terminou, olhou com satisfação para o resultado.

Durante todo aquele tempo, nem pensou na Anabela e recusou os convites insistentes que ela continuava a fazer-lhe. Após cada consulta, acreditava cada vez mais que conseguiria pôr um fim definitivo àquele relacionamento e dar um rumo melhor à sua vida. Apesar de não amar Gabriela, sentia-se bem ao seu lado. E o sonho, noite após noite, trazia-lhe algo que não conseguia definir.

O cliente da guitarra nunca mais apareceu, nem atendia o telefone. Salvador, cansado de a ver sem vida, pegou nela e procurou uma loja de música. Veio de lá com ela num saco próprio e com um folheto. «Aulas de música para todas as idades... Já tinha visto isto...» recordou e, desta vez, guardou o papel. Sentou-se, pegou na guitarra e passou os dedos pelas cordas.

Os ouvidos sorriram e a alma cantou. À noite, o mesmo sonho.

No dia seguinte, regressou à loja, desta vez para começar a aprender música. Quando entrou na sala de aula, o coração começou a bater-lhe mais rápido. Sentada de costas, a mesma figura do seu sonho tocava guitarra com uma graça tal que deixou cair o maxilar. Os mesmos cabelos longos e negros. «Andei a sonhar com a professora de música? É ela a mulher do meu sonho! Aquela que toca num palco para uma multidão rendida ao seu encanto, no momento em que também eu me preparo para entrar em palco e fazer-lhe companhia. Nunca consegui ver-lhe o rosto, porque acordo antes. É ela! É real! Até tem uma blusa branca como no sonho!» — Sou o Salvador e inscrevi-me nas aulas de guitarra! — anunciou.

No momento em que ela se virou e sorriu para ele, ambos souberam que nascia ali um caminho que trilhariam juntos.

VALENTIM, SONHO MEU

ANA
PINHEIRO

Percorre os corredores gelados, numa ânsia descontrolada. As luzes amareladas perturbam-lhe a visão. Por todo o lado, vozes gritam orientações, para si não soam a mais do que palavras desconexas. A mistura de cheiros fortes, sobrepostos, adensa o torvelinho na sua cabeça. Sem nunca desviar o olhar, segue atentamente os passos desenfreados dos maqueiros que o transportam. Vê as portas brancas abrirem de par em par e a maca desaparecer na curva. O acesso é-lhe negado. Orientam-na para aguardar pelo médico na sala de espera. As lágrimas fustigam-lhe o rosto cansado, enquanto procura resposta para as suas agonias. Não poderia imaginar que o dia mais feliz das suas vidas se transformaria num pesadelo descontrolado. É certo que havia alguns dias em que Valentim se queixara de fortes dores abdominais. Associaram a algo que pudesse ter comido e não deram mais importância ao assunto. A rotina diária afastou-os de negros pensamentos.

**«As forças
abandonam-na.
Fecha os olhos,
enquanto uma
forte vertigem lhe
sacode o corpo.
Por instantes, não
reconhece o espaço
onde se encontra,
tudo lhe parece
estranho e confuso,
sem perceber
o que faz ali.»**

Ao altifalante, uma voz roufenha desperta-a da angústia em que mergulhara. Sem pestanejar, encaminha-se para onde a voz indica. A expressão pesarosa do médico que encontra desfaz-lhe a leve esperança. O médico começa, titubeante. De tudo o que diz, Susana apenas retém "lamento, a situação do seu marido é muito crítica...".

Peritonite, septicémia, são palavras que se lhe colam ao ouvido, mas não ouve nada mais. O vazio que lhe percorre o ser açambarca-a tal qual um usurpador, cola-se-lhe na pele e suga-lhe as entranhas.

Concedem-lhe autorização para o ver através do vidro. Equipada a rigor, dentro da parafernália de acessórios que a assistente a ajuda a vestir, entra na antecâmara do quarto, e ali se queda. Valentim, o seu querido Valentim, jaz envolto em fios, máquinas, tubos, segurando-o à vida. Segue-lhe os movimentos do peito, irregulares e fracos.

As lágrimas soltam-se, desobedientes, gotejando por entre os dedos. As mãos suplicantes escorregam pelo vidro, deixando um rasto de desolação.

Instintivamente, a mão direita aninha-se no ventre, lembrando-lhe que não está só. O choro redobra e, pela cabeça, avolumam-se questões, para as quais não encontra justificação.

— Porquê o Valentim!? Estamos tão perto de concretizar o nosso sonho... anos e anos de tentativas, exames, consultas, porquê agora!? Como vou suportar, sozinha!? — num desespero aterrador.

As forças abandonam-na. Fecha os olhos, enquanto uma forte vertigem lhe sacode o corpo. Por instantes, não reconhece o espaço onde se encontra, tudo lhe parece estranho e confuso, sem perceber o que faz ali. Uma enfermeira vem em seu auxílio. Demora a recuperar a consciência dos acontecimentos, como se tudo tivesse ocorrido numa vida passada. Aos poucos, o espaço clareia e devolve-lhe a perceção dos factos. Valentim permanece imóvel.

A casa, outrora alegre, é palco de uma agonia imemorial. Fragilizada, Susana abandona-se pelo chão, enquanto lágrimas derramadas lhe queimam a pele, arranham a garganta seca. Agarra-se à barriga, vociferando impropérios, até perder as forças. No meio da desolação, só uma certeza permanece: é urgente abdicar da realização daquele sonho; sem Valentim não faz sentido continuar.

**«Não consegue
precisar quanto
tempo permanece
abandonada pelo
chão, em posição
fetal. Desperta,
estremunhada e
tremelicante.
O frio dos mosaicos
enregela-a e
até o coração
se assemelha a
pedra. Agarra no
telemóvel, caído
da mala aberta.
A fotografia do
ecrã, onde Valentim
sorri em grande
plano, arrepia-a.»**

Não consegue precisar quanto tempo permanece abandonada pelo chão, em posição fetal. Desperta, estremunhada e tremelicante. O frio dos mosaicos enregela-a e até o coração se assemelha a pedra. Agarra no telemóvel, caído da mala aberta. A fotografia do ecrã, onde Valentim sorri em grande plano, arrepia-a. Levanta-se a custo, olha à volta, como se o procurasse. ➤

» Em todas as divisões, o mesmo vazio. Deixa-se cair na cama, exausta. Adormece, todavia, o sono não é tranquilo. Valentim aparece por fim, esticando-lhe a mão aberta. Susana deixa-se levar no seu encalço, contudo não o consegue segurar. Mal percebe as palavras que brotam da sua boca, só distinguindo duas: sonho e filho. E Valentim desaparece.

Susana acorda num repelão. Encharcada em suor, recosta-se nas almofadas, dominando a custo a respiração arquejante. O sol desponta pelas frinchas da janela e o ar fresco da manhã ajuda-a a raciocinar com clareza. Estonteada, veste-se apressadamente e corre para o hospital.

É neste mesmo hospital que Susana entra todas as manhãs, religiosamente, à mesma hora. A barriga crescente acompanha-a nesta malograda jornada. Cada dia que passa, a esperança da recuperação de Valentim é reduzida. Mas todas as noites, Valentim está presente e sussurra-lhe ao ouvido:

— Amor, nunca desistas do nosso sonho!

Susana leva sempre uma novidade para contar a Valentim. Tem autorização para permanecer no quarto, junto dele, o tempo que lhe convir. Numa das tardes, coloca-lhe a mão sobre o ventre, fazendo-o sentir ligeiros pontapés. Há uma pequena reação, quando dos olhos cerrados de Valentim brotam discretas lágrimas. Susana chora, ri, estremece, num misto de emoções. Ao segundo toque ritmado da campainha, a enfermeira Júlia entra no quarto. Emociona-se com ela, abraça-a, conforta-a.

— Pequenas, mas importantes melhorias — sorri Júlia, ternurenta. — Tenha esperança, é a vida que aí vem.

Madrugada dentro, Valentim piora. Levado de urgência para o bloco operatório, a situação é delicada. Susana segue para o hospital, tão depressa quanto a sua barriga de oito meses o

**«Ao raiar da
aurora, enquanto
Valentim luta
para afastar a
morte, Susana
traz ao mundo a
vida, embrulhada
em tons de
azul. O pequeno
Valentim repousa
na quietude
do berço. »**

permite. Agarrada a um terço, é a imagem da desolação naquela fria sala de espera. Pobre Susana, perdida num abatimento absoluto, a viver o sonho da maternidade, por entre o pesadelo da doença. A vida e a morte. Antagonistas. Caminhando pela mão de Susana, lado a lado. Quão ténue pode ser a linha que as separa?

Ao raiar da aurora, enquanto Valentim luta para afastar a morte, Susana traz ao mundo a vida, embrulhada em tons de azul. O pequeno Valentim repousa na quietude do berço. Susana experimenta uma paz invulgar, que a enleva e faz sorrir. Como que num murmúrio, uma voz conhecida segreda-lhe ao ouvido:

— Obrigada amor, por não teres desistido de viver o nosso sonho! Estarei sempre aqui para ti... — olhando para o berço — para vocês!



**«Agarrada a um
terço, é a imagem
da desolação
naquela fria sala
de espera. Pobre
Susana, perdida
num abatimento
absoluto, a
viver o sonho da
maternidade, por
entre o pesadelo
da doença.»»**

SONHOS E RETALHOS

CARLA
CARMONA

Boneca de trapos é como me sinto.

Hoje, olhei-me e vi-a, cosida com vários e diferentes bocados de pano. Cada um representa uma vivência. Pedacos de alegria, risos, angústias, perdas, vitórias: todos cosidos, juntinhos, formam o eu. Acabo de me vestir e apresso-me, para não chegar atrasada.

Oiço o anúncio de nova paragem e levanto os olhos. É a minha estação; fecho o livro, guardando-o na minha mala, levanto-me e navego até à porta. Sigo com a manada para a saída, percorro o mesmo caminho e depois da curva lá está o hospital. Mais um dia se sucede.

De volta, passo pela mercearia, nas arcadas do meu prédio, para comprar maçãs. Tornaram-se minhas aliadas nestes dias em que enjoo e indisposição são piores. Fico a olhar para o pacote das bolachas de aveia que costumava comprar. Hoje não, mas em breve.

Entro no meu apartamento, pouso o saco com as maçãs e a mala, troco os sapatos pelas pantufas, e entro na sala. À direita tenho o móvel com a televisão, à esquerda o sofá e na

«Hoje, olhei-me e vi-a, cosida com vários e diferentes bocados de pano.

Cada um representa uma vivência. Pedacos de alegria, risos, angústias, perdas, vitórias: todos cosidos, juntinhos, formam o eu.»

minha frente quatro janelas, do tecto ao chão, por onde entra uma luz dourada e quente. Fico ali junto às janelas a energizar-me.

Onze meses depois, as cicatrizes mais recentes vão-se desvanecendo. Passo a mão por algumas, umas do acidente de carro, outras de doenças, diferentes cores e estados de cicatrização. A fisioterapia ajudou-me a recuperar força e movimentos. Estou mais forte, sou mais forte. Deixo a casa de banho, visto-me e apresso-me para ir apanhar o metro.

Na carruagem observo as pessoas: é hora do rebanho se juntar para ir trabalhar. Pondero sobre a minha rotina. Agora já não vou para um escritório, após o acidente e

a longa recuperação, a empresa quis chegar a um acordo comigo para a minha saída. Vivemos burlados, no embuste de sermos importantes ou marcantes. Acreditamos ter tempo, desmarcar um jantar com amigos por causa do trabalho passa a ser normal, existem muitos outros dias. Até aquele minuto em que a existência muda. Contratar alguém para me substituir é lógico, porém rejeitarem a minha volta foi chocante. Hoje aceito que na altura não me respeitava o suficiente, nunca dizia não, independentemente do pedido.

Entro no edifício da junta de freguesia onde agora dou aulas de desenho.

— Boa tarde, Maria, vem cedo!

— Boa tarde, D. Judite, sim, quero preparar algumas coisas antes dos alunos chegarem.

Quarenta minutos depois, os meus alunos começam a chegar. São maioritariamente pessoas reformadas, demasiado jovens e ativas para se tornarem vegetativas, ocupando-se com diferentes atividades. Somos todos um bando de egoístas, tendemos a esquecer aqueles que estão na reforma.

Duas horas, às terças e quintas-feiras. Pessoas carinhosas, sempre a contar histórias, umas com piada, outras que passaram dos avós para os pais e que repetem para não se perderem. Aprendo sempre qualquer coisa. Eles estão entretidos, ativos. Por vezes, falam de como os filhos estão ocupados. O Sr. Rogério e a D. Irene são os que mais se destacam. Ambos viúvos, ela adora contar histórias, cantilenas, como as narradas pela minha Avó; o Sr. Rogério está sempre na brincadeira, com piadas. O tempo debanda como o vento, mas no final da cada aula sinto-me acarinhada.

Presentemente, também faço doces e bolos, vendo-os para dois cafés e um restaurante no bairro. O passa-palavra é uma excelente forma de publicidade, íntegra e sem custos. Comecei a ter pedidos para festas de aniversário e a minha clientela foi crescendo.

Acordo cedo. No dia anterior deixo o que posso preparado, mas o meu produto é fresco, por isso há ainda muito a fazer. A minha cozinha tem

«Pessoas carinhosas, sempre a contar histórias, umas com piada, outras que passaram dos avós para os pais e que repetem para não se perderem.»

sempre vários cheiros, hoje os mais intensos são a canela e o café. As farófias estão prontas, polvilhadas com a canela; a mousse de café no frigorífico; só falta terminar o bolo de bolacha, mas antes tomo o pequeno-almoço. Ligo a chaleira, coloco a saqueta do chá de cidreira na caneca, tiro do frigorífico a minha tigela de fruta, coloco-a sobre a mesa e verto a água quente sobre a saqueta do chá. Sento-me na mesa da cozinha e fico a olhar pela janela. Ao longe vislumbro um pequeno monte coberto de verde, saboreio a fruta, o chá e a paisagem. Uns vinte minutos depois é tempo de terminar o bolo de bolacha e fazer as entregas. Não me posso atrasar, hoje é quinta-feira. A aula decorre, como sempre, com boa disposição e, quando termina, despedimo-nos e todos saem. Eu fico para arrumar a sala. Assim que saio, reparo no Sr. Rogério, do meu lado direito, parado.

— Sr. Rogério, ainda aqui está?

— O meu filho ficou de se vir encontrar comigo para irmos jantar, mas atrasou-se.

— Podia ter ficado lá dentro comigo e não aqui na rua, sozinho.

— Maria, posso ficar um pouco na rua, ele está a chegar, além disso, sei que, depois de arrumar tudo, fica um bocadinho a desenhar. Sou observador, reparei que, por vezes, quando

» chego para uma nova aula, há um trabalho a secar.

— Mas, como sabe que é meu?

Poderia ser de outra pessoa.

— Pelas aulas, quando desenha para nos explicar qualquer coisa; reconheci o seu traço. Parece intrigada. O meu filho é arquitecto, por isso percebo de traços.

— Ok, apanhada, é verdade, por vezes fico a desenhar e a pintar. Não sabia que o seu filho era arquitecto. Agora, que penso bem, o Sr. Rogério não costuma falar muito da sua vida pessoal.

— Gustavo! — Acena-lhe e, voltando-se para mim — É o meu filho. Olho na direcção do filho do Sr. Rogério. Um homem alto, moreno, de cabelos pretos, olhos verdes e uma expressão séria; o conjunto é atraente.

— Desculpa o atraso, Pai. — Coloca-lhe a mão no ombro e volta-se para mim — Boa tarde, peço desculpa pelo meu atraso e ainda mais se, com isso, atrapahei a sua vida.

— Não atrapahei nada, o seu Pai é excelente companhia.

— Esta é a nossa bonita e doce professora de artes, a Maria. Ela também desenha e pinta.

— O seu Pai é um galã. —

Gustavo sorri, caramba é ainda mais bonito quando sorri. —

Desejo-vos um bom jantar. Adeus, Sr. Rogério, e até terça-feira.

— Adeus, Maria.

Segui pela rua até à estação



de metro. Na viagem de regresso não olhei em volta como usualmente, concentrada em perceber o que se tinha passado; mesmo antes do acidente, o olhar de um homem não mexia comigo. Depois do acidente, em jantares com amigos e desconhecidos, nenhum me tinha feito sentir aquele formigueiro bom.

Continuei a minha rotina, todavia, sentia um calor e uma leveza maiores.

Uma semana depois, a aula correu como sempre. Ao terminar, todos se despediram e foram saindo, só o Sr. Rogério ficou para trás.

«Gustavo foi contrapondo com a história da arquitectura, notando-se uma cumplicidade entre ambos. Acabaram por brincar com algumas lendas.»

— Maria, desculpe abordá-la assim, mas gostaria de lhe perguntar duas coisas. A primeira é se posso ficar a fazer-lhe companhia, uma vez que o meu filho virá ter comigo novamente, para irmos jantar.

— Claro que sim, Sr. Rogério.

— Obrigado — sorrindo —, espero igual resposta à segunda pergunta. Gostaria de jantar connosco hoje?

— Sr. Rogério, agradeço o convite, mas este é um momento seu e do seu filho, não quero intrometer-me.

— Não estaria a fazê-lo. Ambos gostaríamos da sua companhia.

Como estava de costas para a porta não me apercebi da chegada de Gustavo.

— Olá, Gustavo. Agradeço o convite, mas, para além de achar que não me devo intrometer no vosso jantar, ficaria tarde.

— Levo-a a casa depois do jantar, o meu carro fica estacionado ao pé da casa do meu Pai.

— Muito bem, vamos jantar.

O sorriso de Gustavo parecia eletrizar-me.

Fomos a um restaurante italiano, não muito distante.

O jantar foi descontraído, o Sr. Rogério, antigo professor de História, gostava de falar das pequenas narrativas menos conhecidas. Gustavo foi contrapondo com a história da arquitectura, notando-se uma cumplicidade entre ambos.

Acabaram por brincar com algumas lendas.

Terminado o jantar, despedi-me do Sr. Rogério e o Gustavo levou-me a casa.

No carro, a caminho da minha casa, ouvindo uma música suave, Gustavo diz-me que sabe onde fica o meu bairro e ficamos em silêncio.

— Espero que não tenha sido muito chato, o jantar, ou a nossa companhia.

Sorrio e olho para ele, apanhando-o a olhar pelo canto do olho.

— Nada Gustavo, fizeram-me rir e ainda aprendi umas coisas.

— Ainda bem. O meu Pai comentou que, para além das aulas, de pintar e desenhar, faz doces, para venda?

— Sim. O meu prédio é já este.

— Maria, quero voltar a estar contigo, jantar, ou almoçar no fim-de-semana, dar um passeio, cinema, teatro, só os dois.

— Gustavo, antes de responder, preciso que saibas que eu tive um acidente grave, quase há um ano, e... deixou marcas.

— Todos temos marcas, umas mais visíveis que outras, doenças, medos. Deixa-me conhecer-te. Poderemos ficar amigos, ou algo mais, ou nada, apenas conhecidos.

— Não é medo de conhecer alguém, só queria que soubesses que tenho limitações.

— E achas que eu não as tenho? Acredita que não sou uma excepção. Tens o teu telemóvel? Posso?

Aceno-lhe com a cabeça e ele introduz o número na minha lista de contactos, de seguida liga para o dele e desliga.

— Vou esperar até amanhã à tarde, se não me ligares, eu ligo-te. Boa noite, Maria.

— Boa noite, Gustavo.

No dia seguinte, os meus olhos deparam com uma publicidade a uma agência de viagens: a imagem de uma praia paradisíaca. O que me prendeu a atenção foi o slogan: O sonho comanda a vida; Sorrio. Sim, é altura de voltar a sonhar.

A pedido da Autora, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O SONHO COMANDA A VIDA

CARLOS
MUSGA

Olhou uma vez mais para a disposição da mesa: tudo tinha de estar impecável. De uma maneira geral gostou muito do que viu. Sempre tinha sido obcecado pela limpeza e ordem. Voltou a contar e recontar o número de pratos, verificou a limpeza reluzente dos talheres, confirmou a brancura nívea dos guardanapos, roçou os dedos pela toalha madeirense, herdada da avó, que saía apenas em dias muito especiais. Atreveu-se até a percutir os copos, para se deleitar com o cristalino som que emitiam. O lustre de oito braços que pendia sobre o centro da mesa — onde reinava a floreira com as flores mais frescas e exóticas — enchia-o de orgulho. Quanto mais borboleteava à volta da mesa mais entusiasmado se sentia com o jantar tão próximo — dava pequenos pulos e batia as mãos de contente. Jantar oferecido anualmente, a um naipe restrito de amigos e familiares, para comemorar uma ocasião única: o seu aniversário, que acabaria com o famoso bolo, emoldurado com velas suficientes para incinerar um regimento de infantaria.

« Voltou a contar e recontar o número de pratos, verificou a limpeza reluzente dos talheres, confirmou a brancura nívea dos guardanapos, roçou os dedos pela toalha madeirense, herdada da avó, que saía apenas em dias muito especiais.»

Foi até à cozinha pois tinha de verificar se as iguarias solicitadas à cozinheira estavam a ser habilmente preparadas de modo a perdurarem na memória dos seus convidados. A Céu — sua cozinheira há mais de quarenta anos —, afadigava-se, acolitada por três aprendizes, para transformar uma simples noite de Outono numa ocasião para relembrar. Pelos aromas que insidiosamente invadiam o seu nariz sabia que o palato iria bater palmas. Parecia-lhe ter revisto tudo quando se lembrou dos vinhos, sempre elogiados e bebidos com fervor quase espiritual. Não podia haver qualquer falha ou esquecimento. Chamou o Oliveira, o mordomo, levantando a questão, recebendo de volta a confirmação de que todos os néctares estavam à temperatura certa e seriam o complemento certo das virtualhas preparadas pela Céu.

Passou os dedos suavemente pelas teclas do piano e lamentou uma vez mais não saber tocar, aliás, ninguém na família sabia. Talvez ainda fosse a tempo de aprender: para o ano é que é, prometeu a si próprio.

Depois desta inspeção minuciosa, derreado de excitação, sentou-se na sala satisfeito consigo mesmo — os seus jantares continuariam a ser famosos. Puxou um charuto e deleitou-se com o perfume que só os grandes conhecedores conseguem encontrar.

Lembrou-se da primeira regra daquele jantar — todos viriam vestidos de branco, como acontecia desde a primeira edição. Era uma boa cor para homens ou mulheres. Teve a ideia quando a sua barba ficou alva. Com a careca não havia nada a fazer: os seus caracóis de juventude — outrora tão invejados —, tinham levantado ferro sem destino conhecido. Tinha experimentado vários capachinhos, mas até os seus empregados se riam quando passava por eles: deitou-os para o lixo e assumiu de forma estoica aquela longa pista brilhante.

O fumo do charuto trouxe-lhe à memória os convidados dessa noite: em primeiro lugar o seu velho tio António a quem estava eternamente agradecido pela ajuda permanente, permitindo-lhe alcançar uma posição de relevo na sociedade.

Só com sete ou oito anos lhe contaram como tinham morrido os pais: após uma viagem ao Egito contraíram umas febres que nenhum medicamento conseguiu debelar. Apesar das fortunas gastas em médicos e internamentos, em Portugal e no estrangeiro, foi impossível salvá-los. Talvez por isso nunca se tenha aventurado em viagens longínquas, preferindo a calma e o bucolismo da quinta ali para os lados de Colares, quando o bulício de Lisboa o sufocava. Quando queria viajar deleitava-se na leitura de crónicas de viagens, sentado comodamente à sombra da sua monumental biblioteca.

O tio, sempre presente nos jantares, vinha normalmente vestido de almirante — farda branca de muitos dourados e condecorações tão bastas e numerosas que quase lhe

**«Quando
queria viajar
deleitava-
-se na leitura
de crónicas
de viagens,
sentado
comodamente
à sombra
da sua
monumental
biblioteca. »**

blindavam o peito. Se bem se lembrava o tio nunca tinha estado na Marinha; era apenas quando queria impressionar o sexo feminino que se fardava a rigor — e como iria lá estar a tia Gertrudes, viúva, recebida com fanfarra quando ia ao banco, ainda fresca para os seus setenta(?) anos, era a ocasião ótima para se pavonear e puxar pelos galões. Monóculo no olho (que no último jantar, de tão alvoroçado com a perspectiva de pedir a mão da amada, deixara cair no prato da sopa e salpicado a frontaria da sua paixão), bigodes retorcidos e pingalim — uma figura inesquecível.

A tia Gertrudes com uma pele branca encarquilhada (exceto ao olhar do tio António — amor é cego!), — era sempre o centro das atenções, não só pelo seu porte aristocrático, mas acima de tudo pela placa dental que usava pois as gengivas foram mirrando e a placa ficando um pouco folgada, provocando sons de castanholas entre cada mastigadela — uma espanholada —, levando o tio António a sair da mesa e ensaiar uns passos de flamenco para gáudio generalizado — quase sempre no fim do repasto. »

» Também o Lopes, seu antigo sócio e amigo, era presença certa e garantida; em conjunto tinham gerido e feito prosperar uma retrosaria na baixa de Lisboa. Quem agora o trata por Conde não imagina a destreza manual usada para aviar a freguesia (maioritariamente feminina), desdobrando-se na venda de lãs, fios para crochet, penas naturais, tecidos a metro, linhas, entretelas e botões, tudo arrumado em caixas e caixinhas, gavetas e gavetinhas. Muitos mirones entravam no estabelecimento apenas para admirar o trabalho de estuque que ornamentava o teto. Não foi difícil trespassar o negócio por bom dinheiro e cada um ir para seu lado, embora mantendo sempre o contacto e amizade desenvolvida na retrosaria. O Manuel dedicou-se a educar a alma, a cultivar o espírito e a comprar o título de Conde a um fidalgo(?) falido — que ficou tão radiante que lhe ofereceu o piano que continua mudo e atravancador. O Lopes prosperou nos negócios, até os filhos recusarem seguir as suas pisadas. Depois vendeu tudo a chineses ou indianos (não interessa) sem verter uma só lágrima.

Quando o Lopes chegou, abraçaram-se longamente e mentiram-se mutuamente — Estás na mesma! O Lopes, vestido de branco, tinha um ar de manequim da rua dos Fanqueiros, com o cabelo ondulado cheio de brilhantina escorrendo por vezes para a gola do casaco levantada no pescoço devido à marreca galopante. Bigode amarelo, pintado pela nicotina, destacava-se numa cara ossuda de olhos inexpressivos. Para o grupo estar completo faltava apenas a Eulália: a noiva do Conde havia trinta anos! Por várias razões o casamento foi sendo adiado: uma doença aqui, um ano desaconselhado pelos astrólogos ali, problemas familiares variados e, finalmente, o internamento forçado do Conde durante períodos intermitentes, atiraram a hipótese de casório para as calendas gregas.

Claro que nada disso tirava o apetite a Eulália, conhecida como um bom garfo e um bom copo. Costumava dizer — o estômago (e não só) não tem culpa de eu ser noiva há trinta anos — e se bem o dizia melhor o fazia.

Acontecia com frequência que a meio de refeições mais copiosas (e bem regadas) tivesse um ou outro ataque de flatulência, tendo ficado célebre a frase do Conde em idêntico jantar anos atrás:

— Agarrem os móveis que a Eulália vai arrotar!

Neste jantar — mantendo a tradição —

enquanto Eulália arrotava alto e bom som, a tia Gertrudes ficava mais destrambelhada e castanholava com a dentadura meia solta, enquanto o Lopes — até aí sossegado — era atacado por uma crise de tosseira, fruto de eternos cigarros sem filtro acendidos uns nos outros. O lustre de cristal desatou a vibrar. Parecia uma orquestra desafinada que teve o seu auge quando o tio António — já um pouco tocado —, começou a rressonar (roncar!).

O Conde ficou sem palavras, sem saber o que fazer!

De repente uma figura alta e entroncada, também vestida de branco, entrou na sala e dirigiu-se a ele:

— Senhor Conde, boa noite. São horas de recolher ao seu quarto, e tomar os medicamentos. Eu próprio me encarregarei disso.

— Desculpe, mas o Senhor não foi convidado para o nosso jantar. É preciso atrevimento para interromper o nosso banquete — disparou de rajada o Conde.

— O senhor Conde (tenham-lhe aconselhado tratar o Senhor Manuel por Conde que ficava menos agressivo), não me conhece. Sou o novo enfermeiro da ala onde está hospedado e tenho de fazer respeitar os horários de recolher. Não há cá filhos e enteados!

— Já? Logo agora que estava a dar uma festa

para os meus melhores amigos!
Posso ficar mais um pouco?
O que vão eles pensar de um
anfitrião que abandona os
seus convidados? Ainda nem
consequimos cortar o bolo.
— Senhor Conde, os seus
convidados têm de sair
também. Já dei instruções
para trazerem os carros para
a entrada da casa — disse
o enfermeiro, mergulhando
de braço dado no delírio. O
respeito pela hora de recolher
é muito importante para a
sua saúde. Se continuar assim
agitado tenho de recorrer
a outros métodos menos
simpáticos — ameaçou a figura
branca, sorrindo, mostrando
uma camisa daquelas em que as
mangas dão a volta ao corpo.
— Ainda não tínhamos chegado
aos licores — resmungou.
Íamos agora para a sala de
fumo. Agora que a festa estava
a ficar tão animada! Para o ano
organizo outra — disse em voz
baixa e raivosa.
— Está bem. Eu vou. Eu vou.
Amanhã tenho que falar com o
administrador do condomínio
para expressar de forma
veemente e acutilante o meu
desagrado pela forma brutal e
carrancuda como a minha festa
foi interrompida. Além disso, o
cão do segundo andar passa a
noite a uivar.
A figura branca impassível
escoltou o Conde até ao quarto,
enfiou-lhe os comprimidos pela
goela abaixo, fechou a porta à
chave com duas voltas e abalou.
Todos os dias acordava a sonhar
com a realização da festa. Só
assim se mantinha vivo.



**«O fumo do charuto
trouxe-lhe à memória
os convidados dessa
noite: em primeiro
lugar o seu velho tio
António a quem estava
eternamente agradecido
pela ajuda permanente,
permitindo-lhe
alcançar uma posição
de relevo na sociedade.»**

UMA ESPÉCIE DE CICLOS QUE NOS TRANSCENDE

CLÁUDIA
PASSARINHO

S ONHO:

*Atividade mental não dirigida,
que se manifesta durante o sono,
e da qual, ao acordar, se pode
conservar certa lembrança;
conjunto de ideias e de imagens
que perpassam o espírito; o que é
produto da imaginação, devaneio,
desejo veemente, aspiração;
projeto cuja execução parece difícil
ou impossível, utopia;
coisa muito bela; visão*

In Infopédia, pt 15-10-2021

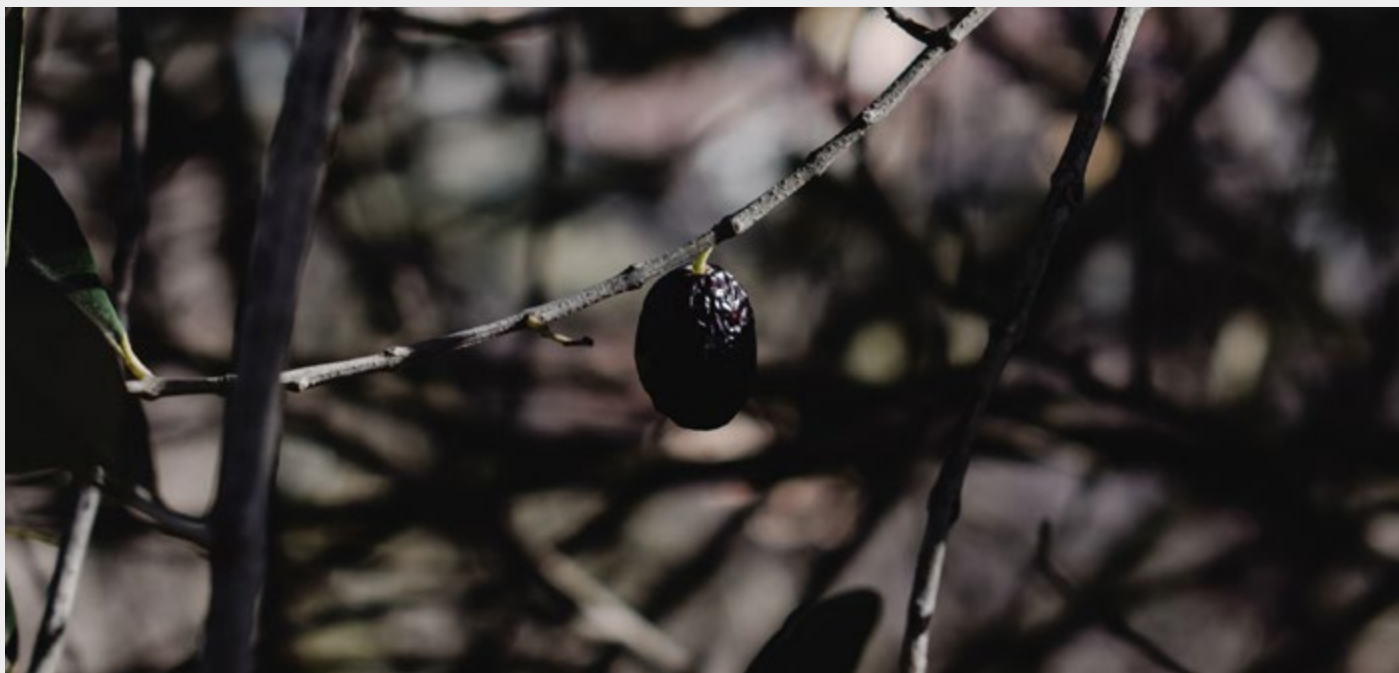
A aventura começou sem sermões.
Apenas um: *porque não?* curto e
desajeitado.

«Partiste de um sonho», dir-me-ias tu,
avó. Eu dir-te-ia que o sonho é que
partiu de mim.

Nas mãos transportava duas malas.
Na direita, meia dúzia de roupas que,
enquanto não estivesse devidamente
instalada, teria que bastar. O pouco
seria o suficiente. Pendia a mais
pesada na mão esquerda. Dentro
dela a vida. A prova da longevidade.
Seria mais uma existência num monte
cheio dela.
No topo do outeiro, o vento não

**«Nas mãos transportava duas
malas. Na direita, meia dúzia
de roupas que, enquanto não
estivesse devidamente instalada,
teria que bastar. O pouco seria
o suficiente. Pendia a mais
pesada na mão esquerda. Dentro
dela a vida. A prova
da longevidade. »**

me emaranhou o cabelo, tornando-o tão solto quanto
desconfortável. Tal como os longos entrançados que
a avó me fazia, com início no topo da cabeça. Naquela
altura, os puxões pareciam-me excessivos, mas hoje
penso neles com saudade. Houve momentos em que
desejava ter coragem para fugir debaixo das mãos
dela, especialmente quando arrepanhava finos fios que
chegavam a humedecer-me os olhos. Se fugisse, fugiria
para a paisagem, com a qual me deparo trinta anos
depois. Nunca serei tão boa quanto ela, mas encontro-
-me focada na técnica de fazer crescer (sozinha) uma
oliveira e a mim. A liberdade tem destes inconvenientes,
e o maior deles é aprender a gerir a solidão.



Voltemos à mala da mão esquerda: penso na raiz ainda no escuro. Embrulhada num plástico com pouca terra húmida. A humidade dá-lhe oxigénio e mantém-na ligada ao solo, pedindo-lhe apenas algumas horas para poder voltar a ter um espaço para ganhar novas raízes. O pedido parece simples: desejo que a pequena amostra de oliveira se mantenha curiosa para continuar a conhecer o mundo! Lutaremos contra o sol. Será dos raios que retiraremos energia. Lutaremos contra a chuva, pois será da sua água que consumiremos recursos. Unidas no crescimento. Significará sempre uma corrida, em que as duas estremeceremos contra o vento. Não importando o quanto poderei crescer, estou consciente de que a oliveira se elevará sobre mim. Pergunto-me se ela saberá no que um dia se poderá tornar. Sufoco uma risada com a palma da mão, mas deixo-me logo disso e liberto-me numa gargalhada, para que fuja até ao céu.

COMANDAR:

*dirigir, como superior, uma força
militar, um navio, etc.
figurado dominar; mandar*

In Infopédia, pt 15-10-2021

Passaram-se meses e ainda aqui estou. Aquilo que parecia um cliché, assemelha-se a um diamante por lapidar. Continuo a esculpi-lo, diariamente. Cada contorno. Enquanto me volta a crescer o cabelo e os tratamentos são passado; mas essa é a verdadeira magia da coisa. Num curto tempo, aprendi que o interior das paredes alentejanas que me albergam é feito de taipa, herdadas da era Muçulmana. Verdade que, quando aqui cheguei, deparei-me com alguns pontos da casa que esfarelavam ao primeiro toque. Todavia, ao contrário deles, o meu sonho alcançava consistência no momento em que os meus dedos ganhavam a cor da argila, à medida que lhes tocava. Permito-me sentar na única cadeira, confraternizando com o crepúsculo na mesa de ferro preto, já este não precisa de assento porque é no céu que repousa. Sabe sempre bem. E olho para o meu pedaço de terra, onde ofereço tempo em troca de comida. Congratulo-me por promover o culto da luta entre o Homem e a Natureza. Depois vem a alfazema, um aroma que dá à costa, e acorda-me do marasmo. Pego novamente no livro. Tinha parado a meio do poema "Invictus": *Não importa quão estreito o portal, / Quão carregada de punições a lista,*

» /Sou o mestre do meu destino:/Sou o capitão da minha alma. Continuo embevecida, por tudo e por nada.

VIDA:

estado de atividade dos animais e das plantas; condição do ser animado; vigor dos seres orgânicos; ser(es) vivo(s) e/ou a(s) sua(s) atividade(s); o facto de estar vivo; o tempo que decorre desde o nascimento até à morte; existência num sentido figurado tempo de vigência ou duração de algo; modo de viver; período específico da existência de um indivíduo; fase; idade; conjunto dos acontecimentos e experiências durante a vida de um indivíduo; motivo que anima a existência de alguém; energia, dinamismo, vigor, vitalidade
 RELIGIÃO em certas doutrinas religiosas, cada uma das existências de uma alma; encarnação em videojogo cada um dos períodos em que decorre a ação de certos jogos, durante o qual o jogador dispõe da possibilidade de atingir o objetivo proposto e que está sujeito a condição de perda relacionada com o desempenho do jogador, geralmente implicando algum tipo de penalização, como o regresso ao início ou a estágio anterior do jogo

In Infopédia, pt 15-10-2021

A essência da oliveira que vibra sob o vento é a azeitona. Já a essência do javali demora dez segundos a esvaír-se.

O Joaquim Chouriço ensinou-me a disparar. Não sei se existirá o dia em que terei coragem de acertar em alguém ou em algum animal vivo. Porém, parece-me importante saber acertar numa perna ou num braço o quanto baste, provocando um ferimento e salvaguardando-me.

Disparámos os dois ao mesmo tempo, ou pelo menos assim me pareceu.

«Fui eu?» — pergunto-lhe.

«Não sei, menina.» Parece ter medo de saber.

Aproximamo-nos de espingarda ainda morna.

Aperto o cano de alma lisa com a mão esquerda e com a direita faço o sinal da cruz, primeiro sobre o rosto e depois cruzando o peito, recordando-me vagamente de que não sou católica. Ouço a minha respiração e as árvores que não param de acudir ao animal morto. «Era bom não presenciar a minha morte», penso. O meu bafo cheira a arrependimento e ainda me faltam cem metros para dar de caras com o inanimado. Revolta-se-me o estômago quando ouço «este é grande, menina». Contudo a alfazema, as oliveiras, as pereiras com bicho, o poço com substâncias assustadoras, estalam-me no sangue, e uma parte de mim torce no interior e arranja subterfúgios, unindo-se a este modo de vida.

Vejo o reflexo do Joaquim na íris do javali, desvio-me dois passos para permitir que o animal seja puxado por uma pata, deixando um rasto de sangue na terra arenosa.

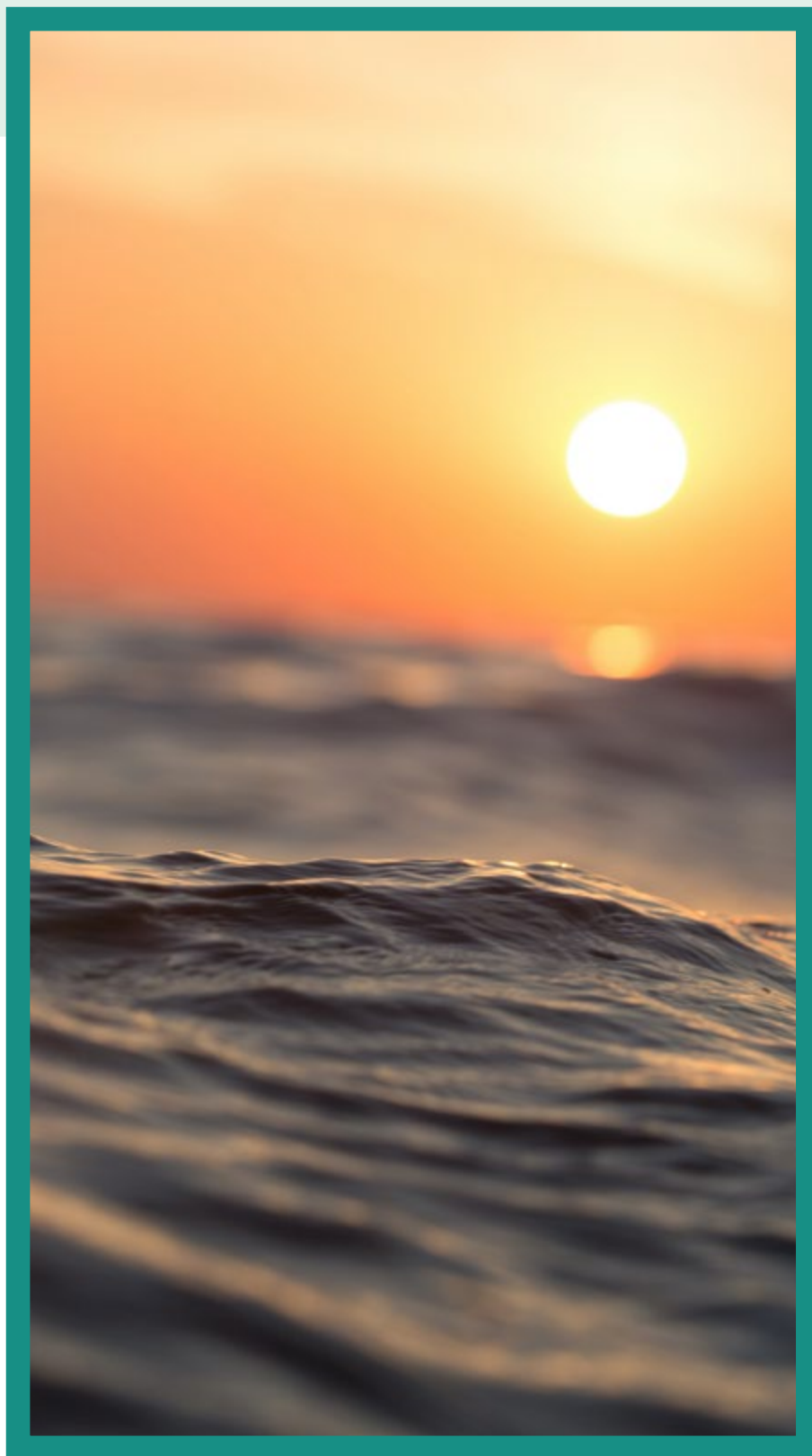
Nessa madrugada, cheguei a casa e abracei todas as árvores do pomar e do olival. Estavam carregadas de fruto, excitadas com a primavera. Se as árvores são eternas, cada pessoa deveria plantar uma árvore para que os outros se lembrem delas. Desta forma, agradecemos a existirmos e, quando a nossa voz deixar de se ouvir, as folhas continuarão a refolhar, não fazendo esquecer que um dia passámos por aqui. Agora, a pele parece engelhada e de um tom acastanhado, não se parece com a minha. Atento ao tudo que sofre constantes transformações. Uma espécie de ciclos que nos transcende e nos faz partir sem defesas. Que havemos de fazer, senão viver a vida que nos procurou?

«Aperto o cano
de alma lisa com
a mão esquerda e
com a direita faço
o sinal da cruz,
primeiro sobre
o rosto e depois
cruzando o peito,
recordando-me
vagamente de que
não sou católica.»»

A GRANDE PERDA

CRISTINA
BENTO

Deleito-me a estender o corpo na imensidão da praia. A areia envolve-me num turbilhão de grãos soltos e conchas abertas. Ouço o grasnar das gaivotas, que procuram alimento ao entardecer. Pintam o céu escarlate, com as suas tonalidades de branco e cinza. Não me incomodo com as pessoas que por ali deambulam. Caminham lado a lado, com as minhas gotas salgadas salpicando-lhes o rosto e os pés. Já se acostumaram à minha presença. Oíço-lhes as conversas e os gracejos indecorosos quando estão a sós, escondidos entre as rochas ou tapados pelas dunas. É curioso ver os filhos dos homens, que se tornam pais e mais tarde avós, num breve passar de anos que, para mim, é um pouco menos do que a eternidade. Recordo os tempos já idos. Na Era dos Descobrimentos, as conquistas e viagens marítimas



engrandeceram os homens, pela bravura e determinação, que mereceu o registo nos anais de Histórias de Além-Mar. Foram grandiosos os sonhos e a fé que depositaram em mim, assim como as fantasias e temores. Fizeram-se odes e pregões em meu nome.

Há anos que os ouço clamar por tudo o que sentem ser seu, por direito. Continuo a ser o espelho do céu que, acima de vós, reveste os dias. Nos momentos tranquilos, repouso o olhar bem alto, observo as nuvens e os traços suaves da minha luz. Arrasto comigo o desalento de nada compreender sobre a humanidade. Parecem viver sem amanhã. São a sombra dos antepassados, que se perpetua por gerações. No meu seio, desbravaram até aos confins da Terra. Quisera eu que me amassem, em vez de apenas tirarem o proveito.

Foi devido a mim que se gerou a vida. E sou eu que, ao romper e inundar a terra, a torno fértil. Do solo árido, uma réstia de esperança faz com que as sementes brotem e despontem em direção ao sol.

Como me encanta ver a felicidade no rosto das crianças. O seu chapinhar quando me espalho em densos charcos que lhes inunda o calçado, não se importando com o que as suas mães dirão.

Então, porque me mancham a alma? Porque jazem os despojos de vidas mundanas e sem regra no meu leito?

Cansado, torturado, incompreendido, por vezes encolerizo-me e mostro-lhes a minha força. Na minha revolta, insurjo-me pelas cidades, rasgando o ventre daquela civilização. Aí, aterrorizados, choram e atormentam-se. Perguntam a um Deus que desconhecem, e que talvez somente naqueles momentos lhes sirva de consolo...- Porquê agora? O que fizemos para merecer esta desgraça?

Deixem-me rir... só um pouco. Até o posso fazer baixinho, embora, na realidade, quisesse gritar-vos aos ouvidos. Este planeta, onde me encontro e a vós me dirijo, só tem espaço para um número finito de pessoas. Quando alguém está a mais, a Natureza encarrega-se de levar o excedente. Nada disto tem a ver com a crença

em alguma divindade. Mas preferem continuar a acreditar, por teimosia e obstinação. É o vosso desejo de que a vida tenha um propósito. Nem sempre tem um propósito ou faz sentido. Existe a continuidade e o equilíbrio, e estes fatores não dependem de vós. Àquilo a que vocês chamam sacrifício, eu chamo necessidade.

Não é tarde para reconhecerem que o passado já não é o presente e que, se nada for feito, não saberemos qual será o futuro. Entre o sonho e o pesadelo, abram os olhos e observem, a maneira como, a cada dia que passa, o filamento de prata que rasa as minhas águas se dissipa numa imensa escuridão. Aguarda-vos a clemência do Criador, a quem tanto oram, ou a ira implacável da Natureza.

É ou não verdade que lutam uma vida inteira contra o esquecimento?

Se pudessem, apurariam um decreto contra a perda. Não teriam mais de esgravatar a terra ou de correr contra a gravidade inexistente dos sonhos, agarrando-se a coisas já idas. Aquilo que veem partir ou que é arrancado às vossas mãos, por vossa inteira responsabilidade, denota um total alheamento. Na falta de perdão, submetem-se ao esquecimento. Talvez a perda e o esquecimento sirvam para vos preparar para uma outra realidade, a Grande Perda, chamada morte, à qual ninguém escapa.

**«É curioso ver os
filhos dos homens,
que se tornam pais
e mais tarde avós,
num breve passar de
anos que, para mim,
é um pouco menos
do que a eternidade.»**

A ANATOMIA DE UM SONHO

INÊS
PINTO

« Declaro-vos marido e mulher ». Sentado no átrio da igreja, esperava ouvir o coro de contentamento típico destas ocasiões, afinal, caros leitores, a Virinhas casara-se! Mas o que recebi foi um silêncio opaco, seguido de murmúrios espantados. Intrigado, dirigi-me à porta – mero instinto. Quase embati na Dona Laurinda, pálida e de olhos arregalados, como que perseguida pelo demónio. Segui-a com o olhar até se tornar um vulto disforme na direção da casa do Manca-Mulas. A curiosidade saltou que nem uma mola. Por entre cabeças, desabafos e abanicos, vislumbrei o altar-mor. Benzi-me por respeito e sorri por satisfação. Afinal, como era possível? Virei costas e regresssei ao banco que, tal camarote, me daria uma visão privilegiada do que seria o desenlace. Perdoem-me, caros leitores. Para não desorientar os menos conhecedores, talvez seja aconselhável começar pelos bastidores desta reviravolta teatral, que teve lugar numa aldeia transmontana.

Apesar de ter vivido mais de meio século no bulício citadino, nunca esqueço que sou filho desta terra. Sempre fui visitante frequente; hoje sou hóspede permanente nos meses de verão.

« Idealizava gerir a quinta do pai, enquanto daria rédea larga à sua criatividade. Fizera amizades excêntricas: o seu melhor amigo, um especialista em efeitos especiais, fora conhecer a aldeia disfarçado de cinquentão sem ninguém se aperceber do disfarce. »

Este ano, quando cheguei com vontade de desfrutar da tranquilidade campestre, a aldeia andava num rebuliço. Não demorei a saber que a Virinhas iria casar, apesar do que acontecera. Eu percebia a razão de tamanho espanto. Desde há muito que todos se alimentavam dos azedumes entre duas famílias.

«Afastei-me, não por medo, mas porque em questões de família nem colher nem outros utensílios.»

A Virinhas, Oliveira de apelido, ficara órfã e fora criada por uma tia-avó, mulher solteira, rígida e conservadora. Aceitara aquela missão de mãe, sem dores de parto, e jurara fazer da sobrinha uma mulher de respeito. Depois de completar o sexto ano de instrução, a Virinhas não quis estudar mais. Dedicou-se à lavoura: aprendeu a rotina das sementeiras, a tratar dos animais e até a regatear os preços das uvas na adega. Mulher de braço firme e determinação de ferro! Quando a tia-avó morreu, herdou o que era seu por direito, bem como a relação desavinda com o Manca-Mulas, Carvalho de apelido, homem rude e autoritário. Ele nunca perdoara à família Oliveira por ter comprado umas terras, junto ao ribeiro, o que o impedira de expandir os seus domínios. A partir daí, nasceu uma desavença que nem o nascimento do filho Henrique amainou. Virinhas e Henrique, quase da mesma idade, tornaram-se colegas de escola. A convivência proporcionou a amizade às escondidas, sem que pai e tia-avó suspeitassem. O tempo percorreu meses. A maturidade desbravava as suas mentes e os dois, jovens adultos, decidiram que poriam fim a tão fútil desentendimento. Nessa altura, Henrique completava o mestrado em artes plásticas no Porto. Idealizava gerir a quinta do pai, enquanto daria rédea larga à sua criatividade. Fizera amizades excêntricas: o seu melhor amigo, um especialista em efeitos especiais, fora conhecer a aldeia disfarçado de cinquentão sem ninguém se aperceber do disfarce. Só a Virinhas sabia destas artimanhas, pois, mais tarde, acabaria por mo confidenciar. Sempre que visitava o povoado, o Henrique passeava com a Virinhas pela praceta, numa afronta que entusiasmava todos e indignava o pai. Tal como uma erva daninha, o rumor floresceu. Todos desconfiavam que eles se deixaram apanhar no enredo da paixão. As opiniões divergiam sobre as consequências.

— O Manca-Mulas anda com ar de Mafarrico. Nunca vai aceitar — asseguravam uns.

— E porque não? Os jovens querem lá saber de desavindas do antigamente — argumentavam outros.

Eu assistia aos desenvolvimentos desta história com a regularidade que as visitas me permitiam. No verão passado, percebi que Henrique e Virinhas conviviam sem qualquer pudor. Cruzei-me com eles junto ao canastro. Entretidos a desfolhar um malmequer, talvez a acertar as agulhas do destino, cumprimentaram-me. Nem tive tempo para retribuir, pois uma voz aziaga ecoou de uma esquina. Afastei-me, não por medo, mas porque em questões de família nem colher nem outros utensílios. O Manca-Mulas espumava, virado do avesso e sem cerimónias no palavreado. Embora eu pretenda ser fiel à história, é impróprio reproduzir os insultos e ameaças disparadas pelo canhão bocal do homem. Resumo o que aconteceu a seguir. Henrique regressou ao Porto sem se despedir e Virinhas refugiou-se em casa. Raramente se mostrava, mas, quem a via, comentava as olheiras, uma tristeza na alma que a devorava. Este ano, pela primavera, precisei de ir à aldeia para fiscalizar as obras do telhado na minha casa. Como coincidiu com a feira do gado na cidade vizinha, decidi passar por lá. Entre estábulos portáteis e fardos de feno, avistei a Virinhas. Surpreendi-me com o ar obstinado desenhado nas sobranceiras erguidas. Preparava-me para a saudar, quando o Manca-Mulas, com uma gargalhada trocista, escarrou para o chão, frente a ela. A Virinhas encarou-o. Vestida de uma altivez pouco familiar, devolveu-lhe um sorriso feroz. Olhei para o Manca-Mulas, preparado para serenar o ambiente, mas o que vi foi receio. Incrível, pensei. ➤

» Nessa noite, no café, só se falava do incidente na feira. Tentei perceber o que acontecera enquanto estivera ausente. Disseram que o Henrique não visitava o pai há meses. Telefonava-lhe para saber da saúde e pouco mais. A Virinhas também seguira caminho, sem lamentações. Imaginem que até aparecera com um homem elegante, de bons modos, mas pouco dado a convívio. Todos concordavam que era menos formoso do que o Henrique, uma vez que no seu rosto, decorado por uma barba farfalhuda, ressaltava uma verruga na narina esquerda. Passeavam, visitavam os terrenos e até tinham ido à missa. Ninguém ousou fazer perguntas, pois não previam a reação da Virinhas. O brilho que ela emanava prendia os menos precavidos. E assim, sem grande surpresa, o casamento foi marcado para agosto. Toda a aldeia fora convidada, salvo Henrique e o Manca-Mulas, como compreendem. Quando cheguei em finais de maio, a rotina aldeã decorria ao sabor de um verão antecipado. Poucos dias depois, a Virinhas fez-me uma visita. Conversámos sobre banalidades, antes de ela me convidar para o casório, citando o seu palavreado. Notei-lhe uma felicidade genuína e, num ímpeto, perguntei-lhe se esquecera o Henrique. Retorceu os dedos, antes de me presentear com as seguintes palavras: "O medo amordaça e tolhe os sonhos frágeis, mas nunca os que estão envoltos pelo manto da vontade e do acreditar". No imediato, não atingi o alcance daquelas letras, conjugadas em palavras que destilavam sabedoria. Aceitei o convite e aguardei pelo tão extravagante dia.

Caros leitores, voltamos ao início desta história. Se bem se recordam, sentei-me no banco, espectador de primeira fila para o desenlace.

"Marido e mulher" foi o mote e, assim, as gentes abandonaram a igreja. Cochichavam entre si. Muitos deles felizes, quase nenhuns apreensivos. Comentavam a coincidência de os convidados do noivo não aparecerem, nos seus carros citadinos, os homens de fraque, a lembrar louva-deus enlutados, e as senhoras de vestidos compridos, género esfregonas andantes. Pensativo, relembrei as palavras da Virinhas sobre os sonhos, mas optei por apreciar o cortejo aldeão a preparar-se para o confronto.

Todos nós aguardávamos o casal, frente à igreja. Os noivos estariam a assinar os papéis na sacristia. O padre, com certeza, não se juntaria à multidão. Afinal, teve o papel de encenador! Foi então que pressenti o toque da bengala na escadaria que dava para o átrio. A multidão fez alas e o Manca-Mulas posicionou-se frente à entrada da igreja. Incrédulo, passava, com um olhar de laser, por todos os rostos à procura de confirmar o que a Dona Laurinda lhe denunciara. Confesso que, naquele instante, entendi por que razão comemos tantas pipocas, quando assistimos a um filme. A tensão entranha-se de tal forma que a subconsciência mecaniza o movimento. Seria muito pior se comêssemos pedacinhos de bacon frito!

A falsa serenidade quebrou-se com o roçar do vestido e a batida de sapatos altos. No peito de cada um de nós um tambor rufava. Pouco depois, o Manca-Mulas aproximou-se para ver melhor. Esfregou os olhos. No alto da entrada, a Virinhas apareceu, feliz, de mãos dadas com o Henrique que segurava, na mão esquerda, a barba farfalhuda. Largou a mão da Virinhas e retirou a falsa verruga do nariz. O Manca-Mulas não reagiu. O povo uniu-se no silêncio e eu pensava, caros leitores, em como os sonhos são reviravoltas da vida!



**«A falsa
serenidade
quebrou-se com
o roçar
do vestido
e a batida
de sapatos altos.
No peito de cada
um de nós um
tambor rufava.»**

UM CONTO DE NATAL

JOSÉ
MENDES

Aquele dia de véspera de Natal amanheceu frio. As nuvens, cinzentas e com manchas avermelhadas e douradas, reflectiam, na geada branca, furtivos reflexos dourados. Pareciam empenhadas em melhorar o sabor e ajudar na cura das pencas tenras e quase albinas. Estas iam ser cozidas nas panelas de ferro de três pernas e saboreadas logo depois, na ceia de Natal, quando toda a família se reunisse ao longo dos dois lados da comprida mesa de grossas tábuas de carvalho rústico. Respeitando o poder hierárquico instituído na família, um dos topos da mesa era ocupado pelo chefe da casa, sentado na cadeira de encosto mais alto que havia, a do Papa, como diziam os mais novos, em tom galhofeiro. O outro topo, estava reservado aos tachos e panelas com batatas, bacalhau e as pencas apanhadas nessa manhã, quando ainda polvilhadas de gelo branco, formado durante a noite. Completando o conjunto, lá estava também, pronta a ser servida, a galheta de folha de estanho, com o azeite. O estado virgem do precioso

«Cobria a mesa a toalha de linho rústico, só usada na noite de consoada. Fora tecida em duas peças, cozidas uma à outra, ao comprido. Era o que permitia a pequenez do velho e estreito tear manual de madeira, na família há mais de três gerações.»

óleo coloria de verde o fundo alvo do prato. Fora trazido, especialmente, do Douro, da quinta de um velho amigo da tropa, cujas provações vividas conjuntamente em teatro de guerra com o dono da casa, o tornaram um amigo para a vida. Havia uma tigela com alho picado miudinho para ser servido cru. Para quem preferisse, estava disponível, num pequeno tacho de alumínio fundido — que, por tanto ser polido com a cinza da lareira, mais parecia de prata — o azeite e alho fervidos com cominhos. O seu aroma, junto com o da canela dos vários doces feitos ao longo do dia — a aletria, as rabanadas, os formigos, as filhoses — partia dali intenso e atrevido, a propagar-se pela casa. Cobria a mesa a toalha de linho rústico, só usada na noite de consoada. Fora tecida em duas peças, cozidas uma à outra, ao comprido. Era o que permitia a pequenez do velho e estreito tear

manual de madeira, na família há mais de três gerações. A brancura do tecido, apenas quebrada por duas listas carmesim nas pontas, contrastava com o achocolatado claro das paredes da cozinha, outrora brancas por sucessivas camadas de cal. Dessa cor se encarregara o fumo que, quando havia vento a dificultar-lhe a saída, se escapava matreiro e cinzento da saia da chaminé. Nela ardiam, lentamente, bem secos, grossos troncos de carvalho, provenientes da poda de árvores, de anos anteriores. Desde a manhã até à hora de ir para a cama, aqueciam a casa e aconchegavam os corações nas longas conversas ao serão. O Inverno, longe dos ares amenos e húmidos do mar, corria frio. No dia seguinte ainda conservavam um brasido meio adormecido que, depois de soprado, facilmente inflamava novos toros, num ciclo que durava até à chegada da Primavera.

No dia anterior, à noite, logo a seguir à passagem do Gordo (*Preço Certo*) na televisão — que não dera nenhum carro — o casal de idosos, pais do dono da casa, que com ele fora viver há uns meses, manifestara a intenção de ir à sua terra, que distava dali meia dúzia de quilómetros. Pretendiam visitar a sua antiga e arruinada casa, construída há quase três séculos e que tivera como única melhoria de vulto a construção de uma casa de banho no seu interior. Embora bem tratados pelos seus cuidadores, filho e nora, e alegrados pela traquinice dos netos, as saudades que sentiam da casa doíam-lhes imenso. Por isso o velhote, já afectado por alguns sintomas de declínio cognitivo, de vez em quando, sentia a necessidade de lhe fazer obras, para nela irem morar de novo, desejo incontido de autonomia que já não tinham. Por pouco tempo seria, decerto. As patologias de que sofriam já não lhes permitiam viver muito tempo sozinhos.

— Está bem! Vamos lá amanhã, a seguir ao almoço. Tem de ser uma visita rápida, porque é véspera de Natal e temos que vir descascar as batatas — dissera-lhes o filho cuidador, um tanto contristado por não saber mais o que lhes fazer para se sentirem bem e, ainda assim, ver desconsiderada a sua filial dedicação.

Após o almoço do dia seguinte, chegou a hora de se porem a caminho, ao encontro do mestre, previamente contactado para lhes fazer as desejadas obras. Seriam iniciadas, sobretudo ao nível do telhado, o qual já não impedia a água de entrar, nalguns pontos.

A mãe, que já só caminhava dentro de casa com a ajuda de um andarilho, foi colocada na sua cadeira de rodas, presa a um cabo de aço que enrolava ou desenrolava numa roldana, através de um engenhoso sistema electromecânico. A ajuda de um comando permitia-lhe descer ou subir em segurança os cerca de trinta metros de rampa íngreme, da casa até à rua.

O céu mostrava um tempo incerto e estranho, mas, ainda assim, com algum sol. A meio da lenta e cautelosa descida, inesperadamente, começou a cair uma chuva forte, daquelas que nos obrigam a correr à procura de um abrigo. Os trovões e relâmpagos também vieram, furiosos, participar naquele acto de invernica súbita e ruidosa. O resto da descida teve por isso que ser feito a correr, pondo em risco as habituais regras de segurança, sempre adoptadas nas descidas ou subidas. O piso metálico escorregadio, e a pressa, fizeram a cadeira deslizar, projectando a senhora para fora da plataforma. Deteve-a, na queda desgobernada, o portão de ferro, junto à pala de betão armado, ao lado da garagem. Era lá que o velho *Opel Kadett* os esperava, para a curta viagem. As gargalhadas do velhote (a demência por velhice tem destas coisas) contrastavam de forma descarada com a aflição dos restantes participantes na cena.

— Magoou-se? — perguntaram todos, aflitos. Sacudindo as pingas do grosso casaco preto, a mãe respondeu, com um meio sorriso nos lábios, sabe-se lá se contagiada ou envergonhada pelo riso descarado e despropositado do marido: — Não! Está tudo bem. Ajudem-me a sentar na cadeira por favor.

A preocupação começou a diminuir. Tudo não passara de um grande susto!

Lá se mantiveram algum tempo, que todos acharam longo, abrigados debaixo da pala de cimento. Continuava a chover e a trovejar, com intensidade. Ninguém falava. Até ao momento

» em que o filho cuidador —, instantaneamente lembrado do que lhe diziam quando era menino e trovejava —, resolveu quebrar o silêncio:

— O Jesus está zangado!

Seguiu-se um novo silêncio.

— Alguém se andou a portar mal... — insistiu. Continuou o silêncio durante minutos.

— Vamos? — disse-lhes, quando a chuva, tão repentinamente como começara, parou. Olhando-se meio envergonhados, imbuídos daquela cumplicidade de muitos anos que faz adivinhar pensamentos, os velhotes responderam à vez.

— Não vale a pena. Vamos para cima.

O filho, algo surpreendido, ainda aguardou por uma mudança de planos. Como tal não aconteceu, lá foram todos rampa acima a recolher-se.

Das obras, os idosos, nunca mais falaram. Nesse dia, estiveram mais simpáticos do que o habitual e não só por ser Natal. Sentia-se que queriam pedir desculpa por alguma coisa e não conseguiam fazê-lo.

Aquela chuva repentina e despropositada, a queda aparatosa da mãe e o curto diálogo trocado fizeram libertar recordações longínquas. Mais do que isso, operara um milagre naqueles corações sensíveis e crentes, que em todas as boas e más manifestações da natureza ou perante qualquer sucesso ou insucesso, como uma simples queda, veem mão divina que, às vezes, castiga.

A ceia de Natal correu melhor do que em anos anteriores. O bacalhau estava no ponto. O vinho tintão — em todas as suas fases produzido com a ajuda dos membros da família — deixava, nas antiquíssimas canecas de porcelana branca, alguns traços que escorriam até à toalha.

— É forte o vinho, este ano. Está muito bom. Vê-se pela forma como escorre nas canecas! — disse o pai do dono da casa, de repente lúcido,

«A maior surpresa, contudo, ainda estava por revelar, debaixo da calça. À medida que ia sendo retirada da ombreira da porta grande da casa, iam aparecendo caracteres gravados na pedra.»

e a quem, nessa noite, deram o topo da mesa: o destinado ao chefe da casa.

As lâmpadas, em forma de vela, do candeeiro colocado por cima da mesa, punham, nos olhos húmidos de quem as observava, relampejos de estrelas: certamente por causa do fumo que se escapava da chaminé. A refeição acabara. A garrafa de Porto, aberta para encerrar o repasto, ia a meio. O "pestanudo" tardava em chegar. As histórias de outros natais de muito longe, saíam lentas e emotivas.

No dia seguinte, e em muitos outros, a vida pacata e simples daqueles velhotes e dos seus cuidadores corria simples e sem sobressaltos. A velhota continuaria a preencher as suas tardes sentadas na pequena varanda envidraçada.

— Vou para o aquário — costumava dizer, agarrada ao andarilho que a ajudava nas pequenas deslocções. Ali gostava de apanhar o tímido e morno sol dos dias. Enquanto prosseguia na leitura dos "Contos da Montanha" e observava os gatos no quintal, às voltas com as suas coreografias amorosas. Embora tivesse apenas a terceira classe — bem tirada, como fazia questão de frisar —, gostava muito de ler. Adorava o livro que o filho lhe oferecera,



escolhido do armário grande da sala. Por vezes não sabia o significado de alguma palavra que fugia ao seu léxico habitual e lá indagava curiosa: — O que é um dólmén?...

Os velhotes viveram tranquilamente mais uns anos na companhia dos seus cuidadores. Regularmente, tinham de recorrer aos cuidados do serviço de urgência do hospital concelhio. Partiram com o intervalo de um ano. Uma pneumonia, contraída no mesmo hospital, pôs fim à sua presença entre os entes queridos.

A mãe, a última a partir, ainda pode assistir ao início da recuperação da sua casa, que o filho, entretanto, resolvera encetar. Na sua cadeira de rodas, não dispensava o acompanhamento das obras. Primeiro o telhado, com madeiras e isolamentos novos, para lhe dar um mais eficiente isolamento térmico. A seguir passara-se ao retirar de toda a velha calíça que a revestia, por já não cumprir a sua função isolante e estética. À medida que a operação decorria, iam ficando a descoberto lindíssimas paredes de xisto avermelhado, que pareciam exigir-nos que não as tapássemos mais. Apenas as ombreiras e padieiras das portas e janelas eram de granito irregular. Também elas pareciam fazer coro com as de xisto: — Não nos tapem!

— Está bem, não vos tapamos — pareciam todos dizer-lhes, rendidos à beleza das suas cores. A maior surpresa, contudo, ainda estava por revelar, debaixo da calíça. À medida que ia sendo retirada da ombreira da porta grande da casa, iam aparecendo caracteres gravados na pedra. Primeiro três iniciais, certamente de um nome. A curiosidade obrigava a acelerar a remoção. Quatro números, irregulares e toscos vieram depois: 1760! De olhos brilhantes de emoção, ouviu-se a idosa: — Eu bem vos disse que a casa era muito antiga...

Na sequência de uma pesquisa posterior, ficou a saber-se que a casa era a mais antiga da freguesia que já tivera o nome de Sacro Salvatore de Vilario. Permanece ainda de pé, depois de alguns episódios em que se pensou demoli-la, antes de se partir para a reconstrução. Decerto as memórias que ela guarda, umas mais recentes, outras remontando a séculos passados, terão contribuído para que se tornasse, quem sabe, eterna.

A pedido do Autor, este texto não segue a grafia do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

ASAS EM QUATRO DOBRAS

LÚCIA
MENDES

São pontos negros embrenhados no verde resistente aos tempos de trevas. São o vestido da paisagem em movimentos retóricos. Famintos e conscientes da tabidez só voam em desespero para não desperdiçar as forças. Nas árvores, nas ervas, no cume das casas, movem-se quando o vento passa e agita as suas penas. Ocultam o corpito tísico, poupando-o para os voos urgentes. É mais fácil assim, leve, mas a energia não se acumula. Nada está em conformidade. Tempo árduo. Um daqueles pontos negros ousou pensar em visitar a torre. A ideia já tinha surgido várias vezes. Emana ditos que se querem verídicos: fartura soberba durante dias, semanas, meses, o reconhecimento de seres no mundo.

Poderia passar uma semana à procura de uma migalha, de um ratito que se aventurasse na rua, coisa rara. Eram tantos na procura incessante. Tinha de ser o mais persistente. Quando todos dormiam, continuava vigiando cada rua, cada canto breu, à procura do engano às suas forças.

«A ideia já tinha surgido várias vezes. Emana ditos que se querem verídicos: fartura soberba durante dias, semanas, meses, o reconhecimento de seres no mundo.»

Se o encontrava, nem um segundo demorava a engolir, escondendo um grasnar de euforia curta, a sobrevivência. Nas árvores onde se esconde, observa as casas umas em cima das outras. Vê as pessoas a atirarem imundices janelas fora, para os caminhos estreitos e escuros. A chuva cai e escorre para o rio. Não se admira de que as pessoas andem cabisbaixas com braços inúteis. Sem asas, para onde vão? Não voam independentes dos passos da história, do sistema ou de si mesmas. Outras procuram a mudança, mas vão lavar o corpo ao rio, nauseabundo, que as prende ao fundo. Porque não caminham então em direção à torre? Oh! Corpos inertes! Choram e morrem nos cantos.

No dia seguinte partiria, enquanto tinha forças para voar. — Já visitaste a torre? — perguntaram-lhe.

— Não, dizem que o fulgor lá se esconde, as gentes se arredondam e os corvos não regressam — fez uma vénia



involuntária, desequilibrou-se. Disfarçou com dois passos curtos subindo o ramo e, num crocitar rouco, disse — Quem quer vir comigo? Alguns corvos focaram os seus olhos pretos com admiração, outros com escarnecer grasnaram e bateram as asas sem levantar voo. — Cuá! Cuá! Cuá! Olha lá quem quer ser rei! — Partirei amanhã! — enfiou o bico nas penas. Tantas vezes exaltou esta frase, num grito de coragem. Acabava sempre por se acabrunhar. O medo também é dono. De madrugada, sem contas nem previsões,

partiu. Voou, com movimentos atabalhoados, longe da perfeição. Ia, só isso já lhe acrescentava um vigor inexplicável. O nevoeiro foi descendo, continuou na direção certa. Um vento repentino deu-lhe dez voltas ao corpito. Sem norte nem sul, não sabia mais por onde seguir. Desceu à terra. Não encontrou abrigo, só as ervas rasteiras de um prado já muito mexido. Sentiu os pingos da chuva, cravavam-se nas penas pretas, rebentavam a terra à sua volta, formando uma cova. ➤

» Quando o nevoeiro desapareceu, sacudiu as asas e partiu em direção à torre, sem olhar para trás. Se o tivesse feito, veria a fartura. A chuva intensificou-se durante a noite. Com as casas inundadas, os ratos saíam agora à rua. Os corvos, que tinham ficado para trás, num ápice os caçaram, para uma satisfação efêmera. Chegou. O negrume não deu azo à alegria que alcançou. Tocou o chão despedindo-se já da vida medíocre.

No escuro, sentiu um cheiro intenso e a presença de outros corvos. Alimentavam-se em silêncio, resignados a uma condição. Não se deram ao trabalho de saudar o recém-chegado. Foram partindo. Apagaram-se na noite sem lua. Não ouviu o bater das asas, apenas garras riscando o chão.

Depois, sozinho, voou como um louco, vibrando sobre os arcos. A cadência das suas asas fazia eco nas perpétuas paredes.

— Chamarei todos lá fora para virem matar a fome!

Quatro da manhã, quando a luz alvejava as sombras, viu bem de perto o rio. Subindo a torre, toda a podridão ganhava invisibilidade. Os corvos uniam-se formando uma mancha preta. Seguiam as delineações que o recém-chegado edificava no ar. Não o acompanhavam. Comia o mais que podia quando um corvo se aproximou em pequenos saltos:

— Voa enquanto é tempo.

Um alvoroço fez-se sentir na ala aberta da torre. As pessoas, descalças e vestidas de cores cruas, entraram de rompante naquele compartimento. Os gritos foram tão invasores do silêncio que o primeiro instinto do corvo foi fugir. Com a barriga demasiado farta, desequilibrou-se e foi então abeirar-se numa janela peculiar em forma de cruz. Dentro daquelas paredes estava um homem. De pé, dirigia o olhar, para o adro. Esfregava a barba ruiva com as suas mãos

**«As pessoas
afastavam-se e
davam passagem
a uma mulher, de
cabelos longos
e pretos que
avançava de
cabeça erguida,
apesar de
consciente de
seu fim. Subiu uns
pequenos degraus
de madeira, ao
encontro do
patíbulo. Ouviram-
-se as suas últimas
palavras. »**

pálidas. Tremiam. Colocou-as sobre o peito, sustendo a respiração.

As pessoas afastavam-se e davam passagem a uma mulher, de cabelos longos e pretos que avançava de cabeça erguida, apesar de consciente de seu fim. Subiu uns pequenos degraus de madeira, ao encontro do patíbulo. Ouviram-se as suas últimas palavras. Outra mulher aproximou-se e, prendendo nos lábios o choro, vendou-lhe os olhos com um lenço branco dobrado em quatro, deu dois passos para trás e inclinou a cabeça para a frente, para

que os seus cabelos a vendassem também. A condenada colocou-se de joelhos, com a cabeça assente numa plataforma. O som de um corte afiado, direto e único rasgou o ar.

O homem agachou-se nesse instante, fez-se pequeno, escorregando pelas colunas até ao chão, abraçou os joelhos. Prisioneiro da torre e de si próprio, nada poderia fazer para evitar aquela desgraça.

O corvo depressa concluiu o porquê de tanta fatura. Bateu as asas em pavor e foi cair diante dos outros corvos, apagou-se.

Quando despertou, uma dor aguda lacerava-lhe o lado direito. As penas das asas tinham sido cortadas. Tentou voar, não conseguiu.

Percebia agora o aviso e o deslumbramento dos outros perante o seu voo. Tarde de mais. Teria sido melhor morrer do que viver preso à vertigem de uma vida farta.

Passou dias sem comer, lamentando a sua ambição. Arrancou ele próprio as restantes penas. Nu, restava-lhe a coroa negra na sua pequena cabeça. Era rei, era nada.

Aos poucos, arrastou-se até ao jardim. Bicava bagas entre os lírios. Rebentavam fragrâncias e luz na terra negra. As farpas de penas cresciam entre as formigas. Esperava eliminarem a sensação de incapacidade.

Ficava cada vez mais ágil e preciso nos movimentos das suas patas que granjeavam sola grossa.

Passados dois outonos, já se vestia de preto e os saltos eram acompanhados de flutuações que balançavam o seu corpo em voos curtos, sempre rentes ao chão.

Utilizando pequenos muros, aproximava-se da janela em forma de cruz, desafiando a gravidade. O homem esculpia palavras perpetuadas em sonetos que depois lia em voz alta. Quando dava pela presença do corvo, levantava-se e estendia-lhe pão através da pequena abertura.

Numa noite, viu surgir um pano: alongava-se em vários nós até o solo. Por ele descia o homem de barbas ruivas. No barco, escondido entre os arbustos da margem do rio, aguardavam-no outros dois. Os seus pés, quando assentaram

nas folhas secas, provocaram um crepitar que fez despertar os guardas. O homem iria ser apanhado. Surgiu então uma ideia. O corvo, usando o que ouvira muitas vezes, disse, num crocito frio e duro:

— Viva ao rei!

Os guardas estremeceram. Em vez de avançarem, recuaram de encontro às paredes e hesitaram. Aquela voz rouca e sarcástica parecia levantada das trevas, vingando todas as mortes. De repente, o homem agitou os braços desesperado. Tinha deixado cair algo importante na fuga. Queria saltar borda fora. Tentavam controlá-lo. Apontava para o jardim. Então o corvo percebeu a sua aflição.

Com patas curtas, tentava ser veloz, nos muros, nos degraus, nas pedras, na terra. Por mais rápido que tentasse e se movesse, o tempo era ladrão. Os guardas, com as suas lanternas, aproximavam-se, denunciando a morte certa. Então, pela primeira vez, desde aquele dia fatídico, abeirou-se do seu próprio precipício, abriu as asas e atirou-se.

Dois homens controlavam a pequena embarcação e o vento forte em seu favor. Iriam conseguir escapar. O fugitivo baixou os braços, escondeu a cabeça no carapuço preto e fechou os olhos abraçando o livro que trazia embrulhado à cintura. Chorava.

Os dois guardas olhavam a pequena embarcação, correndo de mãos à cabeça. Num voo triunfal, o corvo aproxima-se, batendo as asas em euforia. Largou o que o homem perdera nas suas mãos. Este depressa saltou em exaltação. Beijou suavemente o lenço dobrado em quatro, esticou-o. Susteve-o na haste e elevou-o bem alto, formando uma bandeira branca. O tecido balançou ao sabor do vento e do mar.

O corvo descansou por um instante no topo do mastro. Pôde ver a árvore de onde partira. Lá permaneciam os mesmos pontos pretos.

O homem de barbas, dirigindo-se ao lenço esvoaçante ao vento, declarou:

— Cumprirei o que prometi, meu anjo. Juntos conheceremos os quatro cantos do mundo e tornarei a nossa história eterna.

A POUSADA KOOKABURRA

MARISA
ROCHA

Olhava, de novo, o mapa manipulado inúmeras vezes e cheio de apontamentos escritos a lápis. Já havia anos que o estudava e conhecia de cor todos os lugares. Suspirou profundamente e, dobrando-o, voltou a colocá-lo na gaveta da secretária. Ficou ali sentada na cadeira giratória a observar o dia soalheiro pela janela. «Devia largar tudo e fazer o que sempre sonhei, de que é que eu estou à espera? Os paizinhos já não estão cá, nada me prende... Bom, vou espairecer e procurar o Afonso.»

Encontrou o amigo no ginásio onde se exercitavam. Combinaram ir beber um copo à saída. Os dois com quarenta e cinco anos conheciam-se desde a infância e partilharam apartamento em Lisboa enquanto frequentaram o Técnico. Afonso casara e descasara. Engenheiro de profissão, baixote, moreno e sempre de bem com a vida, era um bom camarada que via Constança como uma alma gêmea com quem passava boa parte dos seus tempos livres. Ela sofrera um desgosto na altura da faculdade

«Não só foram beber uma caipirinha, como decidiram que precisavam também de um jantar. O ânimo era tal que a conversa durou até à uma da manhã.»

e desistira de relações amorosas. No seu rosto ovalado sobressaíam uns olhos muito verdes com pestanas enormes. Os cabelos castanho-escuros ondulados caíam-lhe sobre os ombros. Mulher alta, bonita e despachada, dedicara a sua vida ao trabalho e adorava viajar. Não só foram beber uma caipirinha, como decidiram que precisavam também de um jantar. O ânimo era tal que a conversa durou até à uma da manhã. A ideia da viagem à Austrália caíra bem a Afonso, ele dispunha, todavia, de apenas três semanas devido ao trabalho e à filha de doze anos. Constança, no entanto, pretendia viajar por dois meses — era o seu país de sonho. Apesar da apreensão inicial, dispôs-se a pedir uma licença sem vencimento por esse período. Ficando sozinha, as probabilidades de conhecer mais pessoas aumentavam. Precisava de se alhear do seu trabalho de programadora numa multinacional.

Partiram nos primeiros dias de novembro, quando o calor já se ia fazendo sentir nos antípodas. Em Sydney, início da viagem, pernoveram em casa de amigos e não podiam ter tido melhores ciclerones para visitar esta cidade cosmopolita, recortada sobre o mar, formando um porto natural e a Casa da Ópera que ofusca qualquer monumento. Exploraram ainda nos arredores as praias Manly e Bondi, mecass do surf.

Percorreram de autocaravana a estrada de Sydney a Cairns junto à costa, parando nas inúmerass praiass, muitas delas desertass, onde se banharam nas águas quentes e cristalinas sempre atentos aos tubarões, embora parecessem ser os únicos preocupados com os mesmos. Paragem obrigatória foram também algumas das cidades e vilas costeiras que constavam dos guias turísticos. No interior, descobriram parques com fauna e flora invulgares e vilas tipicamente australianass, com nomes tão estranhos como Woy-Woy. Deliraram com as experiências no país dos cangurus e coallas. Os *aussies* (diminutivo para australianos) com quem se cruzaram tiveram sempre tempo para dois dedos de conversa, oferecendo até as suas cervejass. Com uma pronúncia, por vezes, difícil de entender, abreviavam as palavras e usavam um calão único. No letreiro à porta de um restaurante em Byron Bay, zona *hippie* chique, proibiam os clientes de entrarem com *thongs*. No seu inglês britânico, Constança reconhecia a palavra como sendo calcinhas de senhora e não entendia. Puseram os fregueses todos a rir, depois de alguém lhes apontar para os pés e explicar que na Austrália eram chinelos. Mas, por fim entraram... com ténis! Passaram a anotar num caderninho as expressões mais emblemáticas.

Em Harvey Bay visitaram a ilha Fraser, maior ilha de areia do mundo, com nascentes naturais, zonas de floresta subtropical no interior e dingos, os cães selvagens australianos. Simpatizaram com os colegas da excursão, sobretudo com Steve e Michelle, oriundos de Perth. À pergunta usual sobre donde vinham, Afonso, sempre bem-humorado, respondera-

-lhes «*From good old Portugal! Good Port wine!*» fazendo Steve soltar uma gargalhada. Com cabelos encaracolados cor de palha e alguns brancos nas têmporas, o alegre *aussie* era um homem atraente, alto e atlético, com cerca de cinquenta anos, que contrariava a ideia alimentada pelos portugueses de que o australiano era só surf e cerveja. Michelle era a sua única filha. Rapariga adorável que se preparava para tirar o mestrado em Inglaterra e viajar pela Europa. A mulher de Steve morrera com um cancro quando ela tinha apenas dez anos e Steve educara-a sozinho com a ajuda dos pais. A sua firma em Perth, a Aussieland, formava pessoal em novas tecnologias.

Constança, perdida no seu olhar azul, não queria acreditar, era tudo demasiado para ela. «Ou é o destino a brincar ou já não sei o que pensar. No mesmo ramo de trabalho que eu?» O interesse de Steve por Portugal e pela nova amiga crescia a cada momento que passavam juntos. Sabendo que ela iria depois seguir viagem sozinha e que tencionava visitar ainda Melbourne, Adelaide e por último Perth, ele fez-lhe uma lista de hotéis onde pernover nas primeiras duas cidades e entregou-lhe o cartão de uma pousada nos arredores de Perth.

Voltaram a encontrar-se em Cairns onde os dias passaram a correr. Na pequena cidade tropical os quatro dedicaram-se a descobrir a região e os seus pontos de interesse. Visitaram os parques, as ilhas da barreira de coral, fizeram mergulho, *snorkelling* e apreciaram o fundo do mar nos barcos de casco transparente. Viajaram no trem cénico até Kuranda, regressando no

**«Constança, perdida
no seu olhar azul, não
queria acreditar, era tudo
demasiado para ela.»**

» teleférico que passava por cima da floresta tropical. Ambos os trajetos com vistas deslumbrantes. Na última noite viram um espetáculo aborígene. Após o *show*, Afonso simulou estar cansado e Michelle, percebendo a intenção, disse ao pai que também se ia deitar. A sós, Steve e Constança passearam pela praia, conversaram até o sol varrer as últimas sombras da noite e deixaram-se levar pelos sentimentos. A Constança tudo parecia belo, a praia com palmeiras sobre ela debruçadas, Steve, a comida... enfim, perdia o fôlego, mas ao mesmo tempo sentia os pulmões cheios de vida. Com Steve passava-se algo semelhante, nunca conhecera ninguém que o tivesse cativado da forma como Constança o fizera. Sabiam que o futuro se mostrava difícil, por isso, aproveitaram o momento, sem arrependimentos e sem fazerem quaisquer promessas.

«Esquece os receios em relação a Steve e aproveita ao máximo a tua estadia e a companhia dele em Perth. Quero muito ver-te feliz!» Foram as últimas palavras de Afonso, antes da sua partida.

Constança seguiu para Melbourne e à sua espera no quarto tinha um ramo de rosas com um cartão lindo. Steve apareceu-lhe ainda no hotel uns dias depois, sem avisar, tornando memorável o fim de semana passado nesta cidade. Invasos por um turbilhão de sentimentos, experimentavam uma falta de controlo que os assustava. Constança achava que os dois se estavam a envolver demasiado depressa. Homem perspicaz e sensato, o australiano propôs-lhe que ficasse a trabalhar com ele durante alguns meses, para verem como tudo evoluiria. Ela, mais assustada do que surpreendida com a proposta, adiou a decisão. Como programado, a portuguesa apanhou o comboio até Adelaide. Visitada a cidade, ainda acampou em Uluru, no centro do deserto, o cartão-postal da Austrália.

«Constança seguiu para Melbourne e à sua espera no quarto tinha um ramo de rosas com um cartão lindo. Steve apareceu-lhe ainda no hotel uns dias depois, sem avisar, tornando memorável o fim de semana passado nesta cidade.»

Steve não se conseguia concentrar no trabalho. Parecia um adolescente em alucinada felicidade. Estava ávido de paixão e só se recordava da sensação dos seus dedos na pele sedosa da portuguesa, das suas gargalhadas, da sua mirada cor de esmeralda. Os amigos notaram-lhe o brilho especial no olhar, coisa que há anos ninguém via.

Entretanto, Constança partiu para a última etapa da viagem. Do avião encantou-se com Perth. Sem o charme de Sydney ou a beleza tropical de Brisbane, era uma cidade acolhedora com o oceano Índico claríssimo a afagar-lhe as costas. Tomou um Uber no aeroporto e foi conduzida à pousada indicada por Steve. A excitação era muita. Não conseguia deixar de pensar nele desde Melbourne, de sentir os seus lábios quentes, as carícias fazendo estremecer o seu sangue...

Já fora da cidade, numa zona de campo, avistou uma grande propriedade com uma casa imponente em madeira. Estava rodeada de cavalos, num dos lados, e de um mar de videiras, no outro. Uma funcionária, trajando

calções de caqui e uma camisa creme com o nome da pousada Kookaburra Lodge, veio ao seu encontro com um grande sorriso e cumprimentou-a com um G'Day. Viam-se alguns hóspedes junto à piscina. Ao conduzi-la ao quarto, a moça informou-a de que, naquela noite, Constança seria convidada do dono da propriedade para jantar. Ela agradeceu perguntando a si mesma se seria prática corrente daquela pousada o primeiro jantar ser oferecido pelo proprietário. Tomou um bom banho, descansou, vestiu um dos vestidos frescos de verão que trouxera e calçou umas sandálias a condizer. Às dezanove horas, como combinado, dirigiu-se ao salão.

Na lareira de aspeto rústico, uma pintura aborígene pendia da parede e dois pássaros Kookaburra decoravam a prateleira. No salão, a decoração era clássica, predominando os tons neutros e várias almofadas coloridas

completavam os sofás confortáveis. A mesa para seis pessoas tinha apenas dois lugares postos. Sobre ela, destacava-se um par de velas em candelabros de prata e um centro de mesa com flores silvestres em tons amarelo e branco, que aliás decoravam também toda a sala. Perguntou à empregada se só ela tinha chegado naquele dia. Ela sorriu-lhe e confirmou. De repente ouviu em português com sotaque: «Bême-vindá mênina Constannssa!» O seu coração parou. «Hum?! Mas... eu conheço esta voz!» Voltou-se rapidamente e os seus olhos verdes surpreenderam-se ao encontrarem os azuis de Steve que trazia um ramo de lírios, a sua flor favorita. Abraçou-o, beijou-o, deixou-se abraçar, beijar, ria e chorava, sem conseguir dizer nada, sob uma chuva de palmas de todos quantos estavam na pousada. Lágrimas de emoção caíam-lhe pelas faces e as dúvidas que a assombravam dissiparam-se por completo.



A OLIVEIRA E A ESPADA

NUNO
GONÇALVES

Esperais que as chamas me
ocultem o olhar?

Pois se todos vós me conheceis desde que nasci. Todos me vistes ainda menina, rompendo as plantas dos pés nos caminhos criados pelos vossos pais, roubando fruta das árvores plantadas pelos vossos avós. Todos me conheceis o olhar curioso, inquieto, apesar de incapaz de penetrar na pele dos animais. E assim me vistes levar para casa rãs, cobras e salamandras que eu cortava com minúcia à janela para perceber que segredos os faziam mexer, saltar, viver. Alguns de vós até me abristes as portas para me mostrardes os órgãos do porco acabado de matar. E apontáveis-me a faca ao ventre, gracejando, "se te abrisse a barriga, ninguém saberia a diferença da do porco". Esperáveis choque ou medo e não o fascínio que eu derramava. A troça parava quando eu me ajoelhava no chão ensanguentado e separava fígado, pulmões, coração.

Esperais que o fumo vos disfarce o remorso?

«Todos me conheceis o olhar curioso, inquieto, apesar de incapaz de penetrar na pele dos animais. E assim me vistes levar para casa rãs, cobras e salamandras que eu cortava com minúcia à janela para perceber que segredos os faziam mexer, saltar, viver. »

Pois se fostes vós mesmos que me levastes à casa de quem me poderia ensinar. E a Velha, enrugada, artrítica e cega, carregava mais saber do que vós todos juntos alguma vez conhecereis. Mostrou-me as ervas que a Natureza espalha por aqui e por ali, e que pisais com botas imundas e ignorantes. Desconheceis que a camomila vos alivia o queimor, ou que a cidreira vos purga os gases. E assim viveis, aziados e flatulentos. Desconheceis a terra que pisais, apesar do vosso porte de sapos arrogantes.

E vistes-me crescer, insaciável de saber, carregando já as rugas da Velha na minha testa, tal era o uso que eu dava

à cabeça. E quando deixei de ser uma menina, quando os vossos filhos se deixavam enamorar quando eu passava, desdenhastes-me, evitastes-me.

Mas batíeis-me à janela do quarto, escondidos pela noite, para me mostrardes mazelas, feridas, inchaços, pápulas, vermelhões, tumores. E sabíeis que eu teria um chá, uma planta, um unguento que vos aliviasse.

Esperais que o calor derreta os vossos pecados? Pois não viestes tantos de vós trazendo as filhas de arrasto? Prenhas de vida e arrependimento. Porque tinha de se "resolver a questão", já que nem elas sabiam quem seria o pai ou, se sabiam, não era do vosso agrado, pois lhe faltavam terras, posses ou títulos.

E quantos dos vossos filhos e netos trouxe eu a este Mundo, com estas mãos agora trucidadas pelas cordas? Quantos salvei de se enforcarem no cordão? E quantas das vossas mulheres teriam partido se não tivésseis mandado chamar-me?

Até ao vosso gado eu acudi. "Deus me ajude que se eu perco esta vaca... Que vai ser de nós?" E nem perdestes vaca, nem vitelo, nem o sustento daquele ano.

Esperais que os meus gritos vos purifiquem? Pois que agora me olhais com desprezo, porém já me olhastes com gratidão. Já me olhastes através de lágrimas de alívio. Já me deixastes à porta leite, bolos, legumes, cestos de fruta. Já rezastes a Deus pela minha saúde, pois a minha saúde seria também a vossa.

E, apesar de saberdes que a vossa vida, a da vossa família, a dos vossos filhos, a do vosso gado, não terminou graças ao meu saber e às minhas mãos, nenhum teve coragem de erguer a voz quando eles vieram.

Eles chegaram e perguntaram nesta e naquela porta, aproximando-se da minha janela aos poucos. Irromperam sem pedir permissão, exibindo o selo que eu já esperava enfrentar um dia. Dizem eles que a Espada simboliza a justiça. Vos pergunto: é isto justiça? É justiça dar a comer ao fogo quem vos ajudou?

«Esperais que o calor derreta os vossos pecados? Pois não viestes tantos de vós trazendo as filhas de arrasto?»

Dizem eles que a Oliveira simboliza a misericórdia. Vos pergunto: é isto misericórdia? É misericórdia negar o perdão a quem desconhece os seus pecados?

Lançaram-me perguntas com o chicote e, não descobrindo as respostas que procuravam no sangue que escorria dos vergões, levaram-me para o chão frio e húmido das santas celas. Depois, prenderam-me os punhos e os pés com mais interrogações e fizeram rodar a manivela esperando que respostas saltassem dos meus poros.

Esperais que a minha alma carregue as vossas falhas?

Não tenho vergonha de vos contar o que revelei. Confessei com palavras o que a dor

«Esperais que os meus gritos vos purifiquem? Pois que agora me olhais com desprezo, porém já me olhastes com gratidão. Já me olhastes através de lágrimas de alívio.»

» me sussurrava. Confessei ser uma bruxa capaz de encantamentos vários, desde a sedução à maldição. Confessei ter sido violada por um demónio que, em troca, me emprestava os seus poderes místicos. Confessei ter bebido sangue de réptil para evitar envelhecer. Confessei ser mãe de mais de vinte crianças e as ter entregado todas aos inimigos da Igreja. Confessei tudo aquilo que eu não sabia ser verdade, sem duvidar que fossem verdades, já que fizeram com que a dor amainasse. Ainda sobravam, porém, alguns cétricos que exigiram mais provas. Então, ataram-me uma corda e atiraram-me ao rio. Podereis não acreditar, mas, ó feitiçaria das feitiçarias, flutuei! Como só uma bruxa poderia flutuar, pois um corpo pio afundar-se-ia como granito.

Agora aqui me vedes. Presa, vergada, marcada. Esperando que as tochas toquem a madeira que me suporta.

A Velha chamava-lhe "O Caminho". Não me arrependo de o ter seguido. Pois que outra vida poderia ter sido a minha? Enveredar pelo mesmo nevoeiro obnubilado e terminar esposa de um de vós, temente de que a graça divina me reservasse desgraças e misérias, aceitando, sem questionar, os parcos conhecimentos que encherão as vossas sepulturas? Ou talvez morresse no primeiro parto, sem ninguém capaz de me acudir. Teriam sido menores as dores, mas mais escuras as sombras.

Percebo agora que "O Caminho" continuará a ser percorrido, por outras que virão depois de mim, com a mesma vontade, a mesma inevitabilidade.

Poderia apontar, entre cada um de vós, aqueles que me denunciaram, aqueles que confirmaram e aqueles que simplesmente calaram. Pois bem vejo o alívio que tentais esconder, já que esperais que, se eu me desfizer em cinza,

«Poderia apontar, entre cada um de vós, aqueles que me denunciaram, aqueles que confirmaram e aqueles que simplesmente calaram. Pois bem vejo o alívio que tentais esconder, já que esperais que, se eu me desfizer em cinza, também sejam carbonizados os segredos que partilhastes comigo. »

também sejam carbonizados os segredos que partilhastes comigo. Os filhos bastardos, os adultérios, os abortos. E sabeis que ainda poderíeis precisar de mim. Porém, é maior o medo que a razão.

Esperais que o sofrimento seja só meu? Não.

Pois agora que o fogo me toca, vós sentis as brasas queimar-vos os membros.

E é a minha pele que estala e contrai, mas é a vossa que berra por alívio.

E os músculos estrangulam os meus ossos, mas são os vossos que se partem com estrondo.

E as córneas opacificam-se, as lágrimas evaporam-se, mas sois vós que cegais.

E a minha alma sobe, libertando-se da carapaça disforme, mas a vossa não.

A vossa ficará presa a esse corpo inútil, até que o Inferno clame por ela.

«E é a
minha pele
que estala e
contraí, mas
é a vossa que
berra por
alívio.»



UM ESTRANHO NO CIMO DA ÁRVORE

MARIA SUSEL
GASPAR



Nos finais de tarde, sem chuva e sem ventania, há sempre um grande rebuliço no tronco mais entroncado do Caminho das Árvores Altas, na Mata das Areias. Todos querem chegar cedo, para terem lugar nas pernadas e nos galhos que ficam mais perto do céu. Os mais leves bem lá no alto e os mais pesados logo a seguir. Esse é o melhor lugar para sentir o mar e ver o sol pincelar novas cores, até tudo ficar em tons de luar. Não há melhor sítio para conversar,

pensar ou até sonhar. Quando há uma brisa, então é mesmo o paraíso. A balançar, de cá para lá. De lá para cá. Daqui para ali, de ali para acolá. Até se pode adormecer, como se estivéssemos em cima de uma nuvem ou no borbulhar da espuma do mar.

Primeiro, costumam subir os que se deslocam mais devagar; a seguir, os que vão assim-assim e, por fim, os mais rápidos. Todos na mira do seu lugar favorito, sem esquecerem do lema "quem não vai cedo, perde o folheto".

Ora, num desses entardeceres, os que já estavam a chegar ao cimo voltaram para trás, tão depressa quanto podiam, em grande alarido. Parecia terem visto o pior dos fantasmas ou o monstro mais temido.

No meio da confusão, somente as formigas estavam entusiasmadas.

— Nem imaginam o que está mesmo em cima do nosso ramo — gritou a formiga Loriga, prima da Rabiga, completamente eufórica e com a cabeça às voltas. — Um escorrega! Um enorme escorrega verde, todo espiralado, todo espiiiiiraaaaalaaaaaadoooooooooooooooooo. — Uaaauuuu! — exclamou a formiga Estiga, também prima da Rabiga, em rodopio sem parar.

Estavam as parentes da Rabiga já a sentir borboletas na barriga de tanta animação, quando um dos pardais, que sabia sempre tudo o mais, veio estragar a festa.

— Cuidado, que eu não vi nada disso. Primeiro, essa coisa estranha nem sequer é verde, é meio alaranjada, quase da cor do fogo e tem dois faróis que rodam em todas as direções e veem tudo, mesmo tuuuuuuudo, em seu redor. Não pode ter boa intenção.

Quando as formigas primas da Rabiga iam começar a explicar melhor o que viram, um dos ouriços, da família dos Eriços, que vivia no tronco ao lado, confirmou o pânico do pardal:

— Também acho que essa coisa, ou melhor, esse monstro, não se apoderou dos nossos lugares com bom propósito — concordou ele.

— Temos de ter muita cautela, pois o que eu observei é muito pior. Não é verde, nem cor de fogo. Nem tem escorrega, nem faróis a girar.

«Todos concordaram que podiam não ter olhado bem ou não ter observado tudo. E, além disso, juntos, podiam enfrentar qualquer estranho ou monstro, por mais cabrês que fosse.»

Eu descobri que tem uma garra comprida, muiiiito compriiiiiida.

As formigas primas da Rabiga, impacientes, tentavam falar do escorrega, que tinham a certeza de ter avistado, mas ninguém as ouvia. Cada um advertia para um perigo maior do que o outro e o medo aumentava como um nevoeiro cada vez mais denso.

— Com faróis para procurar, garras e, talvez, enormes dentes bem afiados, não deve ser coisa boa — afirmaram muitos dos animais que se aproximavam para ouvir a tragédia do roubo dos lugares altaneiros com vista para o mar.

— Nunca mais vamos ter o nosso cantinho preferido — começaram a choramingar outros, já a sentirem-se nostálgicos.

— Uma autêntica injustiça — reclamavam os ouriços Roliços, compadres dos Eriços.

No meio de tamanha confusão e desânimo, uma das formigas, a que mais sentia a força rabiga a correr-lhe nas veias, resolveu intervir:

— Esta discussão é inútil e os lamentos não nos servem para nada!

— Mas o que podemos fazer? — perguntou, curioso, um dos pardais.

— Temos de saber quem é esse estranho que

» se instalou no cimo da árvore — respondeu a tal formiga, com uma energia capaz de enfrentar até a Cabra Cabrês.

Todos concordaram que podiam não ter olhado bem ou não ter observado tudo. E, além disso, juntos, podiam enfrentar qualquer estranho ou monstro, por mais cabrês que fosse. As palavras da formiga, que até era prima direita da Rabiga, aguçaram a vontade de conhecer melhor o que todos viram, mas ninguém parecia ter entendido.

O medo transformou-se em entusiasmo e a força de todos em ação.

Decidiram, pois, que tinham de ver melhor e, quem sabe, enfrentar a perigosa criatura.

Então, com muita cautela, pata-ante-pata ou asinhas de lã, consoante os casos, subiram, subiram, subiram, de pernada em pernada, até conseguirem avistar o estranho.

E lá estava tudo. Uma cauda verde enrolada e agarrada a um tronco, tal e qual um escorrega em espiral. Dois olhos que giravam como faróis. Uma língua comprida em forma de tubo, como uma garra para chegar longe. Cores que podiam variar. E até quatro patas que ninguém notara.

— Mas é um cama... cama... — começou a

anunciar a formiga Loriga, prima da Rabiga.

— Uma cama? — interrompeu um dos ouriços Roliços. — Mas o que faz uma cama no cimo da árvore? É muito estranho.

— ...leão — terminou a formiga que começara a falar.

— Um leão? Está tudo doido — resmungou um pardal.

— Nem sequer há leões por estas bandas, nem eles gostam de subir às árvores — apressou-se a explicar outro dos pardais, que sabia sempre tudo o mais.

— Um cama...leão! — disse, entusiasmado, outro dos pardais.

Só aí todos perceberam.

— Um camaleão. É um camaleão. Um camaleão com as cores do arco-íris — gritaram todos ao mesmo tempo.

A algazarra interrompeu o descanso do monstro, que afinal não era monstro.

Com a cauda e as patas bem agarradas ao galho onde se encontrava, lá estava o camaleão. Nisto, virou a cabeça e focou ambos os olhos no local onde todos se esconderam entre a folhagem, uns quantos ramos mais abaixo.

De repente, um silêncio medonho espalhou-se como uma onda de arrepios.

Por instantes, pensaram que iam estremecer até serem engolidos, ou esmagados, ou triturados... Mas não. O camaleão, apenas ergueu um pouco a cabeça, alinhou o olhar e desafiou-os, em voz suave e cores de amizade:

— Venham. Aqui o mar chega para todos. Mas não façam barulho — disse a segredar. —

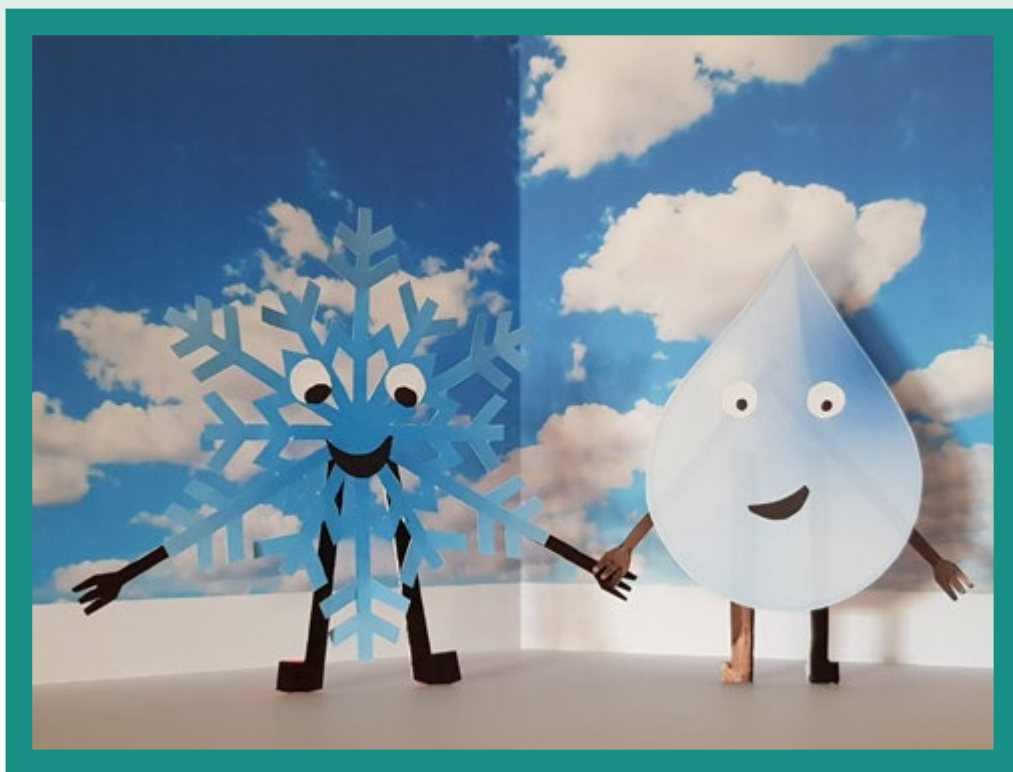
— Não quero que assustem alguma amiga que possa aparecer com tons de amor e olhos emparelhados para mim.

Nesse dia, todos sentiram que o toque da brisa do mar e o canto da folhagem podiam trazer novos sonhos e amigos.

«Nesse dia, todos sentiram que o toque da brisa do mar e o canto da folhagem podiam trazer novos sonhos e amigos.»

FLOCO E GOTINHA

PATRÍCIA
LAMEIDA



Lá em cima, bem no alto, onde nos dizem que fica o céu, existe uma grande cidade que está sempre em movimento, empurrada pela energia dos seus habitantes – raios de sol, trovões, brisas, ventos, gotas de chuva e flocos de neve.

A cidade-céu tem as ruas pavimentadas com pequenos azulejos azuis, claros e puros, quase transparentes. E as nuvens são as casas dos seus habitantes, tão diferentes uns dos outros – os raios de sol são alegres e vibrantes e iluminam quem por eles passa; os trovões, barulhentos e carrancudos, podem ser muito aborrecidos nos dias em que estão mais chateados; as brisas, agradáveis com toda a gente, correm ligeiras e simpáticas; os ventos, rápidos e instáveis, podem sentir-se muito bem-dispostos ou serem verdadeiros rezingões; as gotas de chuva são molhadas e pequenas e evitam aproximar-se para não incomodarem e os flocos de neve, leves e vaidosos, adoram meter conversa e fazer novas amizades.

Nesta cidade, que fica lá em cima, no céu, todos convivem e muita coisa se passa, sendo raro que nós cá em baixo,

na terra, percebamos o que está a acontecer. No entanto, por vezes, é difícil ignorar que um trovão e um vento rabugento se zangaram, porque dessa zanga resulta uma tempestade que arrasta gotas de chuva ou flocos de neve até nós. Outras vezes, podemos perceber que um raio de sol e uma brisa se juntaram para dançar, quando o dia está luminoso e agradável, e conseguimos sentir cá em baixo essa dança entre o calor do sol e a frescura da brisa. E é sempre mágico quando uma gota de chuva e um raio de sol se cruzam, resultando desse encontro um lindo arco-íris. Por muito surpreendente que seja, esta cidade-céu parece-se muito com as cidades-terra. Criam-se amigos, brincadeiras, amores, zangas, birras... Há de tudo. ➤

» Na cidade-céu havia um floco de neve especialmente falador. Adorava passear e caminhar sobre os ladrilhos azuis, que o deixavam ver o castanho e verde da terra bem abaixo. Conversava com todos os que lhe respondessem e, assim, tinha muitos amigos e ainda mais conhecidos.

Aquele era um dia brilhante. Os trovões descansavam depois da tempestade de há duas semanas, e os ventos andavam em maré de boa disposição. Os raios de sol aproveitavam para mostrar todo o seu esplendor e era a altura ideal para espreitar as cores lá debaixo. O Floco procurava sempre um local diferente, confortável, que lhe permitisse espiar as curvas da superfície terrestre. Olhava deliciado as copas das árvores altas e densas que passavam sob os seus pés, quando ouviu um suspiro. Estava pouca gente na rua, e não lhe pareceu que o suspiro tivesse vindo da brisa que acabara de entrar na nuvem à sua frente. Devagar, foi até à nuvem escura que ficava na curva e espiou quem seria. Uma pequena gota de chuva, transparente, brilhava com o reflexo dos raios que ao fundo se preparavam para aquecer a tarde. Parada em frente à porta da nuvem que talvez fosse a sua casa, a Gotinha olhava para baixo com espanto, tal como o Floco estava a fazer. Era tão bonita, a Gotinha, ali quieta, suspirando pela paisagem que também deixava o Floco sem fôlego. Ele não resistiu: — Olá! As árvores são muito lindas, não são? Pergunto-me se serão tão macias como parecem cá de cima.

A Gotinha não esperava ter companhia e assustou-se quando ouviu o Floco. Como todas as gotas de chuva, era bastante envergonhada e temia conhecer coisas novas. Encolheu-se e, embaraçada, não conseguiu melhor resposta do que um murmúrio. O Floco ficou encantado. Agora que pensava, não conhecia muitas gotas

«O dia terminava, os raios de sol recolham e as estrelas (criaturas estranhas e mágicas) começavam a surgir no horizonte.»

de chuva, eram tão tímidas que ficava difícil deixarem-se ver. E aquela Gotinha era muito bela...

— Não tenhas medo. Chamo-me Floco. – Riu embaraçado. – Eu sei que não é um nome muito original, mas pelo menos identifica-me com muita eficácia.

A Gotinha achou engraçado aquele floco de neve, que se chamava Floco, e que não parecia ter medo dela. Os seus pais sempre lhe disseram que deveria ter muito cuidado com estranhos: as gotas de chuva são muito molhadas e, ao aproximarem-se, facilmente poderiam encharcar outros, o que seria com certeza desagradável. Poderia até desencadear um conjunto de insultos! Mas o Floco não parecia preocupado e sorria-lhe, incentivando-a a falar.

— Olá. O meu nome é Gotinha... – Não tinha muito jeito para aquilo. Não sabia bem que mais dizer, pelo que achou seguro voltar à conversa sobre árvores. – Não sei se as árvores serão macias, têm uns ramos que parecem bem pontiagudos.

A Gotinha tinha uma voz baixa, mas clara e melodiosa, como se cantasse suavemente enquanto falava. O Floco ficou ainda mais encantado.

— Tens razão, talvez não sejam macias. Mas a erva será macia, com certeza. É tão leve que baila com as brisas, quando elas vão lá abaixo brincar, só pode ser macia!

— Concordo. Ouvi um dia uma brisa contar a um trovão que a erva alta é muito flexível e que é divertidíssimo fazê-la rodopiar. O mais engraçado é que o trovão respondeu que, com ele, a erva não rodopiava, caía e ficava achatada e mortíça, como se tivesse medo. Acho que não acreditou na brisa.

Sem se darem conta, o Floco e a Gotinha conversaram por muito tempo. Ambos adoravam espiar a terra, imaginando como seria descer até lá. Ao contrário dos ventos, das brisas e dos raios e trovões, flocos e gotas poderiam fazer essa viagem, mas não conseguiriam retornar, pelo menos não imediatamente, e poderiam não retornar sob a mesma forma. Assim, muitos temiam perder-se e recusavam descer da cidade-céu. Não era o caso deles. Floco e Gotinha sonhavam descer e ver de perto tudo o que os intrigava e apaixonava.

O dia terminava, os raios de sol recolhiam e as estrelas (criaturas estranhas e mágicas) começavam a surgir no horizonte. Floco e Gotinha despediram-se, mas não sem antes combinarem novo encontro. E não foi só um. Depois da primeira conversa, viram-se quase todos os dias, nos claros e luminosos e nos escuros e tempestuosos. A cada novo dia gostavam mais um do outro, partilhavam sonhos, paixões e medos. O Floco amava a transparência e melodia da Gotinha, que lhe parecia cada vez mais bonita, e a Gotinha apaixonou-se por aquele floco entusiasta, capaz de ver sempre o lado mais feliz de cada situação. E assim, sem perceberem, foram planeando aos poucos aquela que seria a viagem das suas vidas – a descida até à terra – que já só imaginavam fazer juntos. Os planos eram muitos, todos belos e empolgantes. Tanto falaram sobre o projeto que este se tornou inevitável. Era chegada a altura de tornarem o sonho realidade. As famílias deveriam ser informadas e depois seria esperar pela próxima erupção de trovões rabugentos. Sentiam os ventos inquietos e sabiam que não tardaria até à próxima tempestade.

De mãos dadas, Floco e Gotinha contaram os seus planos a cada uma das famílias. Não

esperavam a reação que receberam, pois nenhuma das famílias parecia tranquila com o plano traçado.

— Tu és um floco de neve! Se te aproximares muito das gotas, derretes! Desapareces! Como queres tu conhecer a terra se deixares de existir? – diziam os flocos de neve.

— Mas Gotinha, ele é feito de neve! Já pensaste que podes congelar? Ficar completamente imóvel? Não serás capaz de criar uma poça, nem de te unires a um ribeiro! Estarás congelada! – eram os medos das gotas de chuva.

Ficaram tristes. Depois de tanto tempo próximos, estavam tão apaixonados que não parecia possível que os outros imaginassem algum perigo. Eles eram perfeitos juntos! Ninguém os impediu de fazerem a grande viagem. Era do conhecimento geral que viajar até à terra seria um destino possível para qualquer floco ou gota. Depois dos avisos e medos, Gotinha e Floco não imaginavam descer um sem o outro. Era o sonho dos dois!

Chegou uma manhã carregada. Sobrevoavam o Polo Norte, tão branco e azul como o céu. Os trovões estavam impossíveis e os ventos decidiram aborrecê-los tanto que conseguiram começar uma tempestade. E que tempestade! Tãmanha era a cólera dos trovões, que nem anunciaram o seu início. De mãos dadas, Floco e Gotinha saltaram, juntos, para o centro da discussão. E dançaram. Loucos de alegria, bailaram agarradinhos, carregados pela fúria dos ventos, ao som dos resmungos de trovões, enquanto viam o céu ficar cada vez mais longe. Abraçaram-se felizes e, embalados pelo temporal, fundiram-se.

Chegaram à terra como um só, na forma de um belo pingente de gelo com formato de gota, que aterrou sereno na superfície polar. Abriu os olhos e viu o verde da mata densa ao fundo, o branco do gelo compacto, macio, onde vários flocos brincalhões se acumulavam, e o azul profundo do oceano mesmo ao lado, onde gotas nadavam eufóricas. Estava na terra! E era bela, como era bela! Rodeado de tantos amigos, neste novo mundo por explorar, o pingente soube que estava em casa.

CARAMINHAU E TAU

TERESA
DANGERFIELD

Chamam-me *Napoleão Maximiliano*. Se calhar acham que é um nome pomposo para um gato. Concordo. Foi ideia da Laurinha e, como ela me trata tão bem, nem me importo. No entanto, o meu nome verdadeiro é Caraminhau.

Tenho vida de lorde, sem dúvida. De vez em quando lá dou umas voltas pela casa, ou salto para cima dos móveis, mas acabo por passar a maior parte do dia esticado, na preguiça, a dormir em cima de uma das almofadas com as minhas iniciais bordadas — sim, isso mesmo, ouviram bem —, ou a olhar pela janela. Só que nem sempre foi assim... Eu era um desses gatos vadios. Vivia num monte de carros abandonados, com pneus por todo o lado. As pessoas chamam-lhe sucata. Fiz lá muitos amigos. Vivemos muitas aventuras, até que vieram uns homens... falaram, falaram e, passados uns dias, os carros desapareceram. Começaram logo a escavar a terra. Como éramos conhecidos no bairro, fomos levados (quase todos, pois alguns preferiram fugir para outro lado) para abrigos de animais, à espera que nos adotassem. Tive a sorte de vir parar a esta casa.

Desenganem-se se pensam que não estou feliz aqui, mas, se querem saber, eu também era feliz no meu monte de sucata. Além dos carros, havia por lá muitas coisas que as pessoas deitavam fora, entre as quais um sofá e um piano partido. Era bem fixe!

Um dia, no meio da nossa sucata apareceu um caixote de madeira cheio de bolor. Apesar de não ser grande e aparentar ser leve, nenhum de nós o conseguia mudar de sítio — parecia colado ao chão. Por baixo dele começaram a entrar e a sair ratos. Fiquei com curiosidade: de onde

«Um dia, no meio da nossa sucata apareceu um caixote de madeira cheio de bolor. Apesar de não ser grande e aparentar ser leve, nenhum de nós o conseguia mudar de sítio.»

vinham; para onde iriam? Eram tão rápidos que era impossível pôr-lhes a pata em cima. Como é que um rato, mais pequeno do que eu, podia entrar e sair assim do caixote, e eu nem era capaz de levantá-lo? Qual seria o segredo? Resolvi esconder-me e observar. Cada vez que um rato entrava, gemia: "Chio, chio" e desaparecia. Eureka! Seria isso? Um código? Esperei até estar sozinho e tentei: "Chio, chio".



Nada aconteceu. Meio chateado, saí-me: "Miau, miau". E não é que o caixote se levantou e eu caí num buraco? Quando abri os olhos, estava tudo escuro, só que, com a minha visão noturna, consegui perceber que estava numa espécie de caverna. Ouvi: "Bip, Bip! Claque, clique, cloque, katchapum!" Estranho! Reconhecia o cheiro a metal, porém aqueles barulhos... De repente, acendeu-se uma luz. À minha volta juntaram-se muitos robôs com cabeças a imitar ratazanas. Nunca vira nada assim! Apontavam para mim e diziam: "Bintivin, cintinvim, zintinvim". Respondi: "Remiau, reminhau, renhau, nhau". Não nos entendemos. Até ali não estava preocupado, só que um dos robôs pôs-me uma trela à volta do pescoço e arrastou-me. Então, preparei-me para o pior. Não fiz nenhum esforço para me soltar, pois sabia que não iria conseguir: eles eram fortes. Levaram-me para uma sala onde um robô, que devia ser o chefe de todos — era tão alto que os outros só

lhe chegavam à cintura — repetiu: "Bintivin, cintinvim, zintinvim". Outra vez! E ainda por cima o som agora era bem mais forte! Que queria dizer aquilo? O que quer que fosse era irritante! Puseram-me numa jaula e trouxeram-me comida. Fiquei desconfiado e nem lhe toquei, ainda mais que me cheirava a nuvens podres. Estive assim uns dias, não sei quantos. Já não podia com o cheiro daquela papa ou sei lá o que era que continuavam a trazer-me. Nada mais acontecia. Estava a ficar fraco. Quase tentado a comer, senti puxarem-me pela cauda. Virei-me e vi um ratinho, mais pequeno que os que via passar constantemente de um lado para o outro. Olhou para mim encolhido e disse: — Não comas isso... Vou ajudar-te a sair daqui. Francamente, noutra altura, o ratinho teria sido um bom petisco. Mas não tinha forças para nada. Um rato a querer ajudar-me? Hum! Fiquei desconfiado. De repente, o ratinho escondeu-se atrás de mim, pois um dos robôs apareceu com mais comida. Quando ele se foi embora, explicou: — Querem fazer experiências contigo. Assim que comeres, levam-te para outra sala. Quando ouvi aquilo, fiquei tão zangado que até ganhei forças e disse: — Não vão conseguir! Quem pensam eles que são? ➤

» Não tenho medo dos ratos normais, quanto mais deles, feitos de lata! Venham cá que eu lhes digo! — Não fales assim! Olha que eles têm tudo controlado. Se puseres uma pata de fora, ou se lhes tocares, apanhas um choque — retorquiu o ratinho.

— Ai é? E como é que eu vou ter a certeza de que não foram eles que te mandaram aqui? — perguntei eu, mostrando-lhe os dentes.

— Estou a dizer a verdade! — continuou ele, a tremer. — Se fores para a outra sala, eu posso ajudar-te a fugir. Amanhã trago-te alguma coisa para matares a fome e levo isto daqui para fora. Assim, vão pensar que comeste tudo.

— Por que estás a fazer isto por mim? — perguntei-lhe, desconfiado.

— Não gosto destes robôs — respondeu ele, com lágrimas nos olhos. — Apanharam os meus amigos e estão a fazer experiências. Obrigam-nos a trazer outros. Ameaçam matar os que ficam, se não obedecerem. Não os vês a entrar e a sair? Eu consigo andar por aqui sem ser visto,

porque sou mais pequeno. Quando chegaste, percebi que só tu nos poderias ajudar. Até amanhã, descansa.

Queria perguntar-lhe como se chamava, mas desaparecera. Só eu os poderia ajudar? Ele dissera isso, sem dúvida. Senti-me importante. Adormeci mais tranquilo.

No dia seguinte, logo cedo, já o ratinho corria sem ser notado, levando para fora da jaula toda a comida que ali estava amontoada. Nem sei como, trouxera-me uns bons pedaços de peixe, que comi num piscar de olhos. Disse-me que tínhamos de libertar os amigos. Não estava a ver de que maneira. Franzi a testa, pensando que se calhar iria cair nalguma ratoeira. Ele percebeu. O que disse depois fez-me sentir que estava a ser injusto:

— Não acreditas em mim? Afinal também já me podias ter apanhado. Eu também estou a confiar em ti. Não vês que precisamos um do outro? Tenho um plano.

Então, explicou-me que tinha passado dias a observar os robôs e que sabia onde desligar os comandos deles e todos os cabos elétricos das gaiolas. Só não conseguiria desativar a sala do robô chefe, mas essa era mais longe e não haveria problema. Iríamos ficar às escuras. Ele conhecia o caminho e sabia que para mim isso não fazia diferença. Precisava da minha ajuda para distrair os robôs. Depois, bastaria esperar por ele. Ora aí estava um plano com pinta! O ratinho era esperto! E eu iria enfrentar os robôs: fixe! Quando um dos robôs passou perto da minha jaula, enchi o peito, para lhe mostrar que tinha comido. Começou com aquela cantilena "Bintivin, cintinvim, zintinvim." Daí a pouco apareceram mais dois, que me levaram pela trela para outra sala. Deixaram-me lá sozinho. Havia espelhos por todo o lado e muitas luzes. Fazia doer a cabeça. Senti-me tonto. O ratinho, que se colara à minha barriga sem os robôs o

«E lá fomos em fila indiana. O ratinho à frente, eu a seguir e todos os outros atrás. Se me dissessem que eu ia fazer aquilo, responderia que deviam estar a gozar comigo!»

verem, saltou em direção a uma bola enorme que estava no meio da sala e, num instante, abriu-se um alçapão. Fomos aos trambolhões por ali abaixo. O pior foi que a minha trela ficou presa na porta do alçapão. Este começou a fechar-se e eu fiquei pendurado! Já se ouvia: "Bip, Bip! Claque, clique, cloque, katchapum!". O ratinho, que continuava colado à minha barriga, trepou pela trela e roeu-a até conseguir desprender-me. Foi por um triz que não voltei a ser apanhado.

Por fim, caímos noutra sala cheia de portas. O ratinho pressionou uns botões da porta mais pequena e apareceu um túnel. Já se ouviam alarmes a tocar por todo o lado. Corremos pelo túnel e chegámos a uma sala que parecia um laboratório. Havia pequenas gaiolas a toda a volta e três robôs de guarda. Entrámos e comecei a correr e a saltar em direções diferentes, para os distrair, enquanto o ratinho se escapou para a sala ao lado. Vieram atrás de mim e um deles começou "Bintivin, cintinvim, zintinvim". Que irritação! "É desta!". Preguei-lhe um murro. Só que não me lembrei do que o ratinho me tinha dito e apanhei um choque tão grande que o meu pelo ficou todo no ar. Os outros robôs vieram para me prender, mas, nesse preciso instante, as luzes apagaram-se e ouviu-se: Plunc! Tlunc! Bléeeemmm! Os robôs começaram a tombar, as gaiolas abriram-se automaticamente e os ratinhos saíram. Já tinham sido avisados pelo amigo do que precisavam de fazer. Não me mexi. Esperei alguns minutos, até que chegou o ratinho.

— Rápido! — disse ele. — Sigam-me!
E lá fomos em fila indiana. O ratinho à frente, eu a seguir e todos os outros atrás. Se me dissessem que eu ia fazer aquilo, responderia que deviam estar a gozar comigo! Chegámos de novo à sala com várias portas. Não havia tempo a perder! Desta vez o ratinho abriu uma porta com uma enorme escada em caracol. Daí a pouco estávamos ao ar livre. Que alívio! Todos os outros fugiram a sete patas e já nem se viam. Não fazia ideia de onde estávamos. Nisto, apareceu um enorme leão. Parecia transparente. Não consigo explicar o que aconteceu, mas fez-

-me sentir um super-herói. Olhei para o ratinho e percebi que sentia o mesmo. Foi como se alguma coisa tivesse mudado dentro de nós e tivéssemos ganhado uma capa invisível. Eu, que sempre tinha sonhado ser uma espécie de Supergato, nem queria acreditar! Quase sem darmos por isso, o leão desapareceu. Já se ouvia por perto "clique, cloque, katchapum!"

— Não te preocupes — disse-me o ratinho.

— Se os robôs saírem da caverna, com a luz, desaparecem! Eu vi isso acontecer com um deles! Então, fechámos os olhos, pensámos no nosso monte de sucata e corremos. Chegámos sem um único pelo a menos.

O ratinho, muito tímido, estava a querer esconder-se debaixo de um pneu.

— Não te vás embora. Salvaste-me a vida! E nem sei como te chamas — disse eu.

— Eu não tenho nome. Sou órfão — respondeu ele. Todos me chamam Ratinho, porque sou mais pequenino do que os outros.

— Não faz mal. Olha, eu sou o Caraminhau. Os meus melhores amigos chamam-se Tracaminhau e Faradingau. Que achas do nome Tau? — perguntei-lhe.

Ficou tão contente! Ainda me lembro das patinhas dele esticadas na minha barriga, a querer dar-me um abraço.

E foi assim que o Tau entrou na minha vida e na dos meus companheiros. Mal podia esperar para lhes contar o que tinha acontecido.

Desde esse dia tudo mudou. Fizemos um pacto: o de ajudarmos todos os animais que estivessem em perigo. E que aventuras tivemos! Ah, já me ia esquecendo de vos dizer que o caixote de madeira nunca mais se viu por ali. Nem os robôs! Não faço ideia do que lhes aconteceu!

Há muito mais para contar, mas terá de ficar para outra vez, pois a Laurinha está a chegar com o meu jantar. Ela não sabe que o partilho com o Tau. Tal como eu, está velhote e só quer mesmo um sítio quentinho para dormir e uns grãosinhos de comida para sobreviver. Se ela o visse, se calhar gritava e alguém o expulsaria daqui... ou pior — nem quero pensar! O que nos vale é que ainda temos as nossas capas invisíveis de super-heróis para nos protegerem.

OS SONHOS NUNCA SÃO VELHOS

JOÃO
MELO



João Melo é um escritor e poeta angolano, publicado em Angola, Portugal, Itália, Brasil e Cuba. Dos seus 11 livros até agora publicados em Portugal, quatro são de poesia: *Auto-retrato*, *Canção da Terra e dos Homens*, *Amor e Polis*, *Poesis*, todos pela CAMINHO. Vários dos seus trabalhos foram traduzidos para inglês, francês, árabe, alemão e mandarim e publicados em antologias, revistas, jornais e sites literários internacionais. Igualmente jornalista, mantém colunas regulares no *Jornal de Angola*, *Diário de Notícias* (Portugal), *Sinal Aberto* (Portugal) e *Rascunho* (Brasil).

Eu vivo apenas.

E sonho.
Mas não tenho técnicas para voar,
como certos poetas
e amantes.

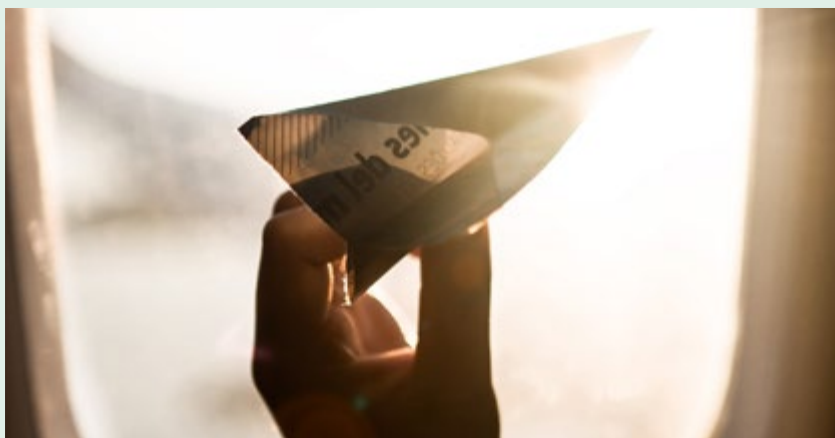
Neste estranho momento da minha vida, por exemplo,
tenho praticado o sedentarismo com irrepreensível afinco.

Os meus próprios sonhos
são velhos.

Tão velhos que não preciso de nomeá-los.

Mas todos os dias, em silêncio,
insisto neles.

Eis a minha técnica para sobreviver a estes dias:
renovar os nossos velhos sonhos
sem alarido nem alarde.



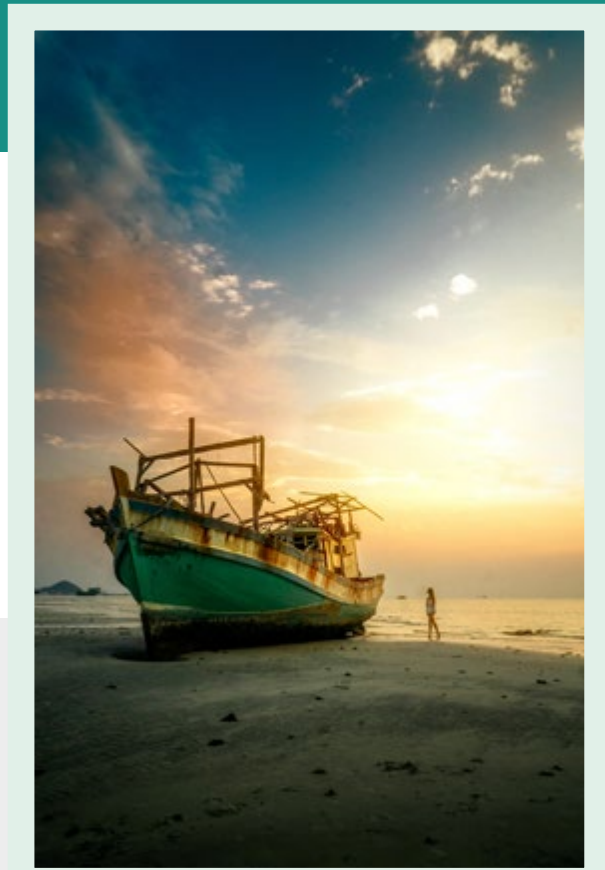
O BARCO DO SONHO

DANIELA
ROSA

Sonho é o barco que nos permite navegar
Os objetivos são a trajetória
Que o permite alcançar
Mas para atingir a vitória
Há que ser obsessivo por ganhar,
Por atingir metas e glória
Mesmo que devagar...
E todos os dias rejeitar
O medo de falhar.

Ao leme vamos nós,
Avistamos apenas nevoeiro.
Traçamos a rota a seguir
E temos constantemente de a reajustar,
Pois se somos o leme, a vida é o mar.
E mesmo que ao longe se aviste terra firme
Há muito ainda que navegar
Lçar as velas,
Ajustar-se ao balançar

Barco a navegar
Assusta as gaivotas.
Na verdade, eram corvos que andavam a pairar,
Eram os meus medos, couraças mortas
Que não me deixavam avançar



Âncora lançada,
Barco já não anda à deriva.
Rotina amada de trabalho
Porém, cada vez que tento,
É garantido que falho
E, cada vez que abro as velas
E me ajusto ao vento,
Sei que a rota está certa.
Porque eu tento e tento.

O mar é porta aberta
Para os navegantes destemidos,
Que seguem com bússola e astrolábio
Porque para perseguir um sonho
Tenho de ter
Um pouco de louco,
Um pouco de sábio.

NOTHING'S GONNA HURT YOU, BABY

FRANCISCO
MOUTA RÚBIO

Penduraste as divisórias num silêncio sem dor, *baby*. Fechaste a porta com a força dos naufrágios, mas eu sou mestre do silêncio, escrevendo névoa florida por ondas sem navios. Por aí nada. Afogava a tua cabeça num poema-canção como Desnos, num mapa de minudências, mas o momento não é tão grave assim. Espero-te na linha do horizonte, como sempre.

A fronteira de vidraça e persianas caídas impenetrável perante toda aquela orquestra retumbante de aves que entoava melodias, perto das palmeiras que espreguiçavam açúcar, memória granulada de uma infância com sabor a férias de verão. Ali dentro, nada para ser olhado pela tarde de inverno. Apenas a mão do homem fechando-se, agarrando a escuridão com as forças que ainda não tinha perdido. A outra mão inquebrável provava a harmonia entre as pontas do cigarro e da boca. O ar denso e melancólico dançava pela sala obscura. Lá fora, o pássaro entre notas musicais experimentava aterragens junto a uma moldura ajoelhada sobre dúvidas. Membro do coro vindo da colina da bravura, o passarinho roçava o campo das alturas gelado. O homem penetrou a fronteira, cigarro na boca, corpo balançado para território estrangeiro e, num gesto mecânico-veloz, o deslizar da janela transformou-se em estalido branco. O vento assobiou-lhe o cabelo e o pássaro, sem educação alguma, irrompeu:

- És brasileiro? — Novak sorriu perante aquela impossibilidade geográfica, devolveu a pergunta ao pássaro:
- És idiota?

Ele, ouvindo o pássaro que engoliu a fala e voltou para a vida doce junto das outras frases musicais, semeou tempestades no pensamento e caminhou seminu pela casa. Não era só o ar que dançava. Não. Novak abandonou-se, caiu leve no chão de madeira errática e fez-se noite abraçando sombras imaginárias, enquanto voava pelas nuvens desassossegadas dos sonhos. No céu de leite o sonho caminhava surdo perante as impossibilidades. Tal como a vida e a escrita, o sonho, numa incontrolável amálgama, saltava datas, esquecia freios e intrigava incoerências. Perdido naquele lugar onírico, podia

ser ele. Novak buscava prazer para enganar a estranheza da vida. A memória e os desejos enroscados. A mão irrequieta acariciando o ouriço de pelúcia, que insistia em escapar, a outra segurando o peso incalculável das razões de Borges, o pé descalço no chão de gelo encontrava um animal, à frente tigre, no meio polvo, atrás macaco, o outro pé tomando a bola como mundo que rola, um *ouroboro*, o ouvido entortando-se em sinfonias de Baker, o outro perdido por um caminho difuso escorrendo palavras graves. Já não há sonho fora dos sonhos. Comandava, por dentro, a nitidez inconsciente do prazer às fatias. No centro do peito acordou a pedra quente que ainda ouvia o refulgir da fogueira de palavras, retalhadas por universos imensos. Após se quedar estátua, a resposta enfim pôs-se de pé. **Nothing's gonna hurt you, baby.**



(o autor compôs este texto ao som de Cigarettes After Sex.)

NÃO É O TEMPO QUE NOS MOLDA

ISA
SILVA

Não é o tempo que nos molda com o seu saber,
é o rio profundo e calmo do **Sonhar**.

Não somos horas silenciosas sem perceber,
somos montanhas de medos para apagar.

Não é o Sonho acordado
e real que nos comanda.
É o Sonho incerto e demorado
que nos abraça e abranda.

Palavra esta grandiosa que é o **Sonhar**,
que vive em mim como um vício,
vício este de tanto esperar,
Sonho este de tão lento início.

A vida torna-nos tão perdidos
num caminho de alma agitada.
Nunca seremos vencidos
por **Sonhar** de alma libertada.

Lentamente, caminho de encontro a ti,
Sonho, assim, de esperar o futuro,
cheia da esperança que não vivi
nos certos e errados que misturo.

Não consigo explicar este vício de **Sonhar**,
vício este que me alimenta de grata inspiração,
nesta dança de amar e estranhar
num tempo que nos molda sem perdão.



DA ESPERANÇA

MARGARIDA
CORREIA

Perguntaste-me o que é isso,

apontando para os joelhos esfolados.
Respondi-te caí. Caio muitas vezes, sabes?
Ainda te mostrei as palmas das mãos,
calejadas e arranhadas. Os cotovelos negros.
Toda eu um vaivém em cicatrizes,
feridas mais ou menos saradas
que o sol amanhece na pele sem protetor.
Sigo em frente, livre para atropelar
o sonho desse dia.
Não há brilho que desfaça,
deslace ou encandeie o coração,
mesmo que o transborde.
É esta mania de ler a solidão dos olhos
e levantar bandeiras sem descansar.
Leva-me pela ousadia do riso de uma criança.
(Já paraste para escutar a inocência desse riso?)
A verdade é que se compartimentasse os sonhos
teriam eles comando para se erguerem perante a vida?
Um dia um levanta o dedo, um espreita
noutro instante e, logo de seguida,
já está outro em bicos de pés.
Ainda que conte carneirinhos a atropelarem-se
nas noites que se encostam aos olhos,
as manhãs despertam vencedoras.
E, embora esteja agora na cozinha
de toalha enrolada aos cabelos e segure
uma caneca azul a dissipar-se em fumo,
o final do dia será só e tão somente
sobre o amor oferecido, de mãos estendidas.

sonho

A magia do estar sempre um passo acima

do

pé...

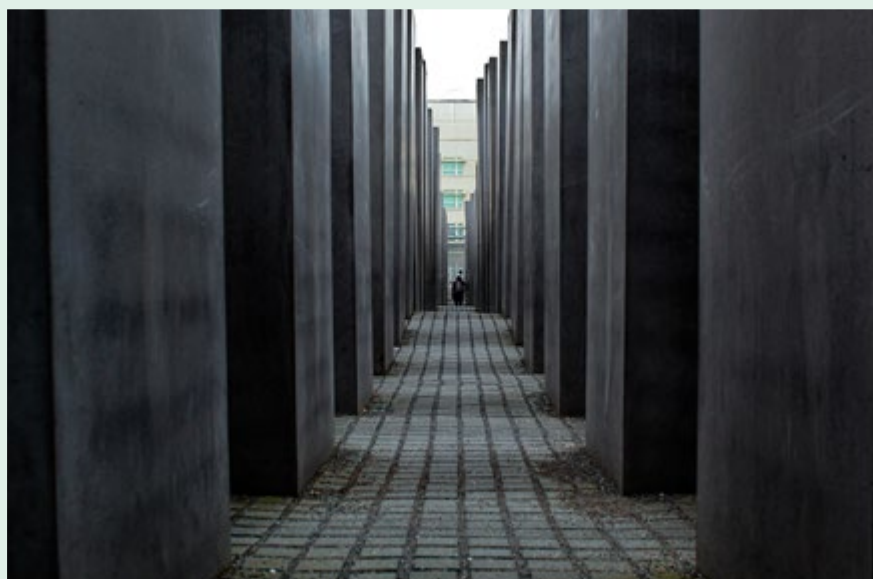


Não foi por acaso

ter um caso
dentro de mim.

Descobri o ser finito
que há em mim
sobrevivi à adversidade
num caminho sem idade
aceitei a finitude
do meu corpo iluminado
uma vida de plenitude
num tempo limitado.

Permaneço...
a alma iluminada
num **tempo ilimitado!**



O SONHO E O POEMA

MARIA LUÍSA
FRANCISCO

Adormecer sem escrever deixaria o dia incompleto
Queria voar no sono e deixar as palavras planar nos meus sonhos...
Desde o dia em que acordei com um poema a espreguiçar-se em rimas
Percebi o impacto das últimas palavras registadas antes de dormir
Nesta metodologia atribulada
Não sei se foi o sonho ou o poema que invadiu o meu sono
Só sei que nesse recanto onde habitam as emoções
O sonho e o poema confundem-se, saem do tempo
E vagueiam por entre livros e pétalas num etéreo folhear...
O poema é um sussurro, depois uma metamorfose...
É algo que ainda não é, mas que já mora em nós
A leitura que precede o sono é a companheira onírica
Que guia as palavras enquanto segura a alma do poema.
Não sei se sonhei ou se escre(vi)vi...

Neste devaneio do poeta sonhador
O incentivo ao prazer da leitura
Que voa para além do tempo
No inacabado livro do ser
Onde sonhamos para melhor ler o mundo
E onde lemos para melhor **sonhar a vida**.



Sonhos que em meu peito acalentei
Que tenho e que não morrem jamais!
Com eles minha leda mocidade enfrentei
E eram como cantares de rouxinóis e pardais.

Povoados de magia, ilusões e muita fantasia
Deixam em mim gratas e agradáveis lembranças.
O meu pensamento com eles se inebria e extasia
Vai celebrando fazendo rituais e alegres danças.

Quando vou passeando pela cidade ou pela aldeia
Recordo que as ruas são ainda minhas confidentes.
Delas emergiam melodias e músicas em melopeia
E os meus olhos tinham o brilho de sóis nascentes.

Foram sonhos de menina, de jovem e rapariga
Que imaginava viver em deslumbrantes castelos.
Hoje tenho um ninho e o teu coração me abriga.
Confesso que estes sonhos foram os mais belos.

Aos rios revelava muitos dos meus segredos
Contava-lhes baixinho que eles eram o meu mar.
Quando os vejo digo-lhes em surdina e sem medos
Que o meu maior sonho é ser amada e **muito amar.**



SALTANDO DO PARÊNTESES

SONHOS COLETIVOS

ANA
CANDEIAS

Talvez esteja a sentir-me cansada. E, por isso, deixo que o pensamento fuja para onde bem entender. Dou por mim focada em sonhos coletivos. Recuo até ao ano 2020, onde claramente se formou um sonho coletivo representado por um arco-íris, pintado em cartazes nas janelas e nas varandas das casas, estampado em t-shirts e em chávenas almoçadeiras. Ora pequeno, ora grande. Presumivelmente, com todas as suas cores, vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil (ou índigo) e violeta. Sim, tive de fazer uma pesquisa, sei que são sete mas, limitação minha, nem mesmo com esta idade interessante que tenho, sei a ordem das ditas cores. Talvez porque não me lembro de alguma vez ter pintado um arco-íris. O que será que isto diz de mim? Os tais arco-íris, pululantes por tudo que era sítio, em 2020, tornaram-se raros, alguns meses depois. Cansaram-se. Esbateram-se. Retiraram-se. Talvez porque o sonho que representavam, fosse apenas fruto do pasmo e do medo. Não, não ficámos todos bem. Houve (e ainda há) morte, doença,



precariedade, solidão, *burnout*. Se o arco-íris no céu é um fenómeno ótico, estes arcos-íris em terra, foram, ou são, um fenómeno utópico. Ambos, temporários, transitórios. Porém, no meio de tantos arcos-íris de boas intenções, representando uma esperança em dias isentos de um vírus exportado e importado, por instantes, por uns breves instantes, não só houve esse sonho coletivo de que tudo iria ficar bem (o que não aconteceu), como também houve o sonho coletivo de que nós, seres humanos, seres pensantes, no meio do desaire pandémico, tínhamos a oportunidade de mudarmos, de sermos melhores com os outros e com a nossa casa (entenda-se, planeta).

O que também não aconteceu.

Por esses breves instantes, as mentes ficaram mais puras (ou os corações, o que for) e o ambiente, também. Heróis e heroínas, com ou sem licenciatura, sacrificavam-se em prol da sociedade. Vizinhos, até então desconhecidos, ofereceram ajuda.

Investigadores, quiçá rivais, uniram-se à procura de uma possível solução. Famílias e amigos, apartados fisicamente, reuniam-se digitalmente. Vamos ficar bem, vamos fazer diferente. Uma espécie de mantra para um mundo melhor. O ar ficou mais limpo de gases. As águas do mar ficaram cristalinas. Os habitantes de

grandes metrópoles conseguiram ver o céu azul (mas não o arco-íris, porque, esse, tinha descido à terra, multiplicando-se por tudo o que era sítio). As ruas ficaram mais silenciosas. Até os indianos puderam ver, pela primeira vez em trinta anos, a cordilheira himalaia de Dhauladhar, segundo circulou nas notícias.

Um sonho coletivo, que afinal era uma utopia, com um pesadelo pelo meio. Veio ao de cima o que não é bom, como o azeite em água.

Mostrou-se (e mostra-se) o incivismo de muitos.

Incivilidade e egoísmo, inevitavelmente juntos.

Pensar em si e não nos outros. Reclamar os direitos e desdenhar os deveres. Da corrida ao papel higiénico, às máscaras com o nariz à janela, aos encostos nas filas, às festas clandestinas, ao negacionismo e às teorias da conspiração, ainda mais as máscaras que invadem as águas, concorrendo com plásticos e outros lixos dos seres humanos. Os seres pensantes. Não nos tornámos melhores, nem com os outros, nem com a nossa casa (entenda-se, outra vez, o nosso planeta). Algum dia seremos melhores do que somos? E com efeitos universais e notórios? Haja esperança.

Afinal, os líderes dos G20 conseguiram concordar em limitar o aquecimento global a 1,5°C. Comprometeram-se a fazer esforços para tal. O quê? Quando? Jogaram, de semblante sorridente, uma moeda na Fontana Di Trevi para dar sorte a este sonho de não nos afogarmos com os abusos ambientais que fazemos.

Tento sair deste azedume onírico em que me sinto a mergulhar e que associo ao cansaço.

Travo o pensamento, relembro-lhe que a sua liberdade, tal como a minha e a de todos, não é absoluta, mas sim apenas relativa, há regras, há condições. Quero animar-me. Exijo ser transportada a sonhos com final feliz. *I had a dream*. Palavras que arrebataram uma multidão

e fizeram a história avançar, ainda assim, pouco, já que, mais de 50 anos depois, ainda sobressai o preconceito da cor. *Yes, we can*. Reacendeu-se o sonho de muitos, derrubado pouco depois. Comprova-se que a história e a vida são feitas em ziguezagues.

Nesta altura, reparo que fui transportada apenas para sonhos em língua estrangeira. Refreio novamente o pensamento. Aninho-me no sofá, com o aconchego de uma manta. Contemplo o pinheiro (artificial!) enfeitado de bolas e serpentinas a condizer, em tons de rosa chá, acompanhadas por luzinhas vermelhas, amarelas, verdes e azuis, a piscarem à vez. É época de avivar o sonho coletivo de Paz entre todos nós. Todos os anos, as mesmas aspirações. E, neste ano, acresce o sonho "moderno" de que a Covid deixe de estar no meio de nós. Num ou noutro caso, são sonhos sem final feliz à vista.

Claramente, hoje, os pensamentos não estão favoráveis. Estou num círculo que não me leva a lugar nenhum, comecei com a pandemia e termino na (mal)dita.

«Por esses breves instantes, as mentes ficaram mais puras (ou os corações, o que for) e o ambiente, também.»

SALTANDO DO PARÊNTESES

PELO SONHO É QUE VAMOS

CARMO
MARQUES

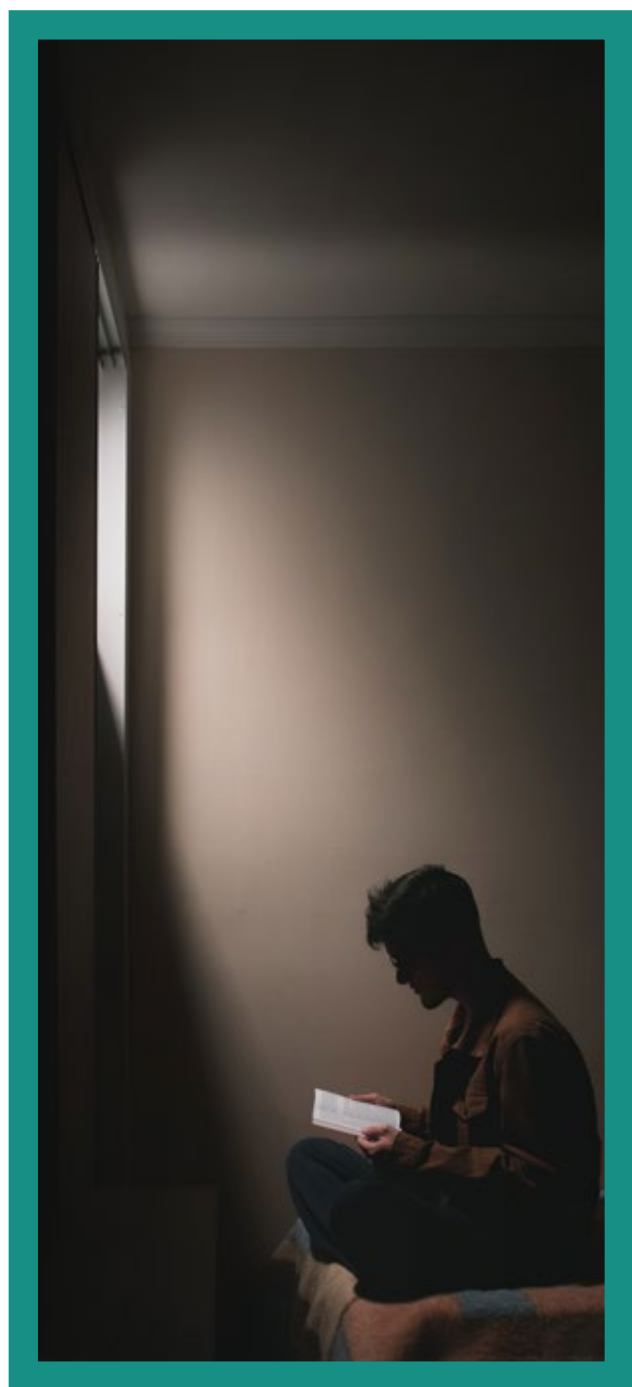
Penélope (para o forasteiro, na verdade, Ulisses
que ela não reconheceu):

— Ouvi meu sonho e vede o que significa.

(Homero. A Odisseia)

Desde sempre, esta faculdade com que a natureza nos dotou intriga-nos e impele-nos a desvendar-lhe sentidos. Na Grécia antiga, acreditavam ser uma dádiva do Deus Prometeu, que assim concedia aos mortais um contacto com o sobrenatural, a antecipar-lhes os perigos ou glórias que haviam de enfrentar. O carácter profético do sonho manteve-se ao longo dos séculos e, ainda hoje, há quem se debruce sobre a interpretação de simbologias oníricas. Na era moderna, o sonho ganhou atenção científica, principalmente após as teses de Freud, que entendia os sonhos como a expressão dissimulada das nossas fantasias e desejos mais obscuros.

Mas sonhar, para os humanos, não se restringe a esse torvelinhar de imagens que se soltam no cérebro enquanto dormimos. E, se é certo que poderão reger as nossas atitudes ou opções, muito mais nos guiam os outros, aqueles que sonhamos de olhos bem abertos. Com eles, projetamos expectativas, construímos subterfúgios de libertação, criamos ilusões para ludibriar a dureza de uma realidade insustentável que a vida nos imponha e, em casos extremos, podemos mesmo transformá-los em estratégia — consciente, ou não — de sobrevivência. Este sonhar acordado é imaginar, é o acreditar que nos impulsiona na busca da superação. ➤



» ***Deus quer, o homem sonha, a obra nasce***
(F. Pessoa. Mensagem)

Dessa busca se tem feito a história da humanidade. Mau grado termos de reconhecer que, tantas vezes, porque alguns sonharam e se focaram na concretização, renegando ou menosprezando danos, muitos outros sofreram. As conquistas, o progresso, a evolução tecnológica e científica de que dispomos têm os pés assentes nas ossadas ensanguentadas das vítimas de gerações que nos antecederam. Na história da civilização quantos sonhos se tornaram perversos? Quantos sonhadores destruíram e mataram, acreditando perseguir

**«Nas páginas do
livro, o escritor
enleia tranças
de palavras para
que cada leitor
as desenlace
a seu modo,
vivenciando o
texto na medida
da bagagem de
vida que carrega,
e assim o recrie,
e se recrie.»**

um bem maior, como servir a deus, ao rei, ao país, a valores ou tradições? *Deus quer, o homem sonha, a obra nasce*, diz Fernando Pessoa, e a referência divina acrescentará fulgor épico ao seu verso, porém, sabemos que só ao *homem* cabe o querer, o sonhar e o fazer. Por isso, e recorrendo a Gedeão, que o sonho seja *espuma* e *fermento* e nos incite a prosseguir, mas também tela, cor e pincel, para que possamos pintar o propósito final sem, no entanto, descurar as implicações na vida dos outros, ou o que teremos de abandonar da nossa, durante o percurso.

***Somente através da arte conseguimos sair de
nós mesmos e conhecer a visão do outro sobre
o universo.***

(Marcel Proust)

Poucas coisas serão tão poderosas para açular o sonho como a arte e, em particular, a literatura. Nas páginas do livro, o escritor enleia tranças de palavras para que cada leitor as desenlace a seu modo, vivenciando o texto na medida da bagagem de vida que carrega, e assim o recrie, e se recrie. Ao ler, superamos fronteiras cronológicas e espaciais, experimentamos sensações e sentimentos, encontramos perspectivas com as quais nos identificamos e que nos apaziguam — pela frase que expressa o que não fomos capazes de verbalizar — e outras que nos inquietam e confundem. E neste fascínio, surge a vontade de também sermos tecedores de sonhos. Urdimos enredos e queremos contá-los aos outros, embalar-lhes a fantasia, emprestar-lhes consolo, ajudar a amadurecer, informar ou legar testemunho.

(...) Comparar a vida ao sonho... é uma das grandes metáforas da literatura, porque corresponde a algo de essencial.

(Jorge Luís Borges)

Entre o querer e a hesitação, a voz interna põe-se a alvitrar:

— Esse é um sonho gigante, de muitas noites e muitos dias; de múltiplas leituras, a acumular provisões para o caminho na procura de uma expressão que seja a tua. Terás de afrontar a incerteza para não sucumbires à severidade da autocrítica ou ao temor da crítica alheia, nem soçobrares perante a dificuldade de alcançar um espaçozinho por entre a fronde de autores — ironicamente, quase todos estrangeiros — alinhados nos escaparates das livrarias do teu país. Ah! Não esqueças o mundo virtual, esse caldeirão onde pulula a demanda por *fast-reading*, tão contrária ao prazer lento de saborear um livro, e onde se perfilam programas capazes de criar personagens, cenários e tramas surpreendentes para compor histórias, ameaçando fazer do escritor uma redundância. E, todavia, uma estrada tão larga pela qual também sentes poder ir.

*(...) haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.*

(Sebastião da Gama)

Então, se esse sonho te comanda os dias, mesmo pressentindo que ao acordar não encontrarás o leitor do outro lado a concluir-lhe a substância; se ele é, para ti, uma razão de viver e com ele não causas dano, então, cumpre-o. Depois, deixa-o pousado no silêncio, à espera que um acaso futuro o encontre e o olhe — com admiração, ou desdém, pouco importa. Vai!

E eu vou. Vou, pelo sonho.

**«Na história
da civilização
quantos sonhos
se tornaram
perversos?
Quantos
sonhadores
destruíram
e mataram,
acreditando
perseguir um
bem maior, como
servir a deus,
ao rei, ao país,
a valores ou
tradições?»**

O ALQUIMISTA COM CHEIRO A MANJERICÃO

GABRIELA
PACHECO

■ O meu filho é um mágico", disse-lhe a minha mãe. "Um mágico", repeti pela incapacidade de encerrar a sensação daquelas palavras no meu corpo. Devem ter-me brilhado os olhos e as mãos suado. O sorriso, cheira-me, deve ter-se escancarado para me engolir o rosto. A minha mãe não é mulher de muitas falas mas, hoje, senti que tinha poupado as palavras toda a vida para dizer, do mais bonito modo, o que eu lhe era. Foi cautelosa e observadora o suficiente para cantar, em bom som, a melodia nesta leveza. Um mágico! A verdade com que o disse não me deu margem para duvidar. "Qual é o melhor truque?", perguntou-lhe a velha peixeira da lota. A peixeira da lota é o mais parecido com uma amiga que a minha mãe resgatou desta vida. Ainda assim, nunca lhe falou de mim além destas frases: "A escola podia ir melhor...", "É bom miúdo.", "Está crescido!". Não é coisa que me apoquente, são chavões a que as mães recorrem para não falar demais ou para não ficarem sem dizer coisa nenhuma. Das frases que servem e a vida continua sem que uma mãe se



comprometa em demasia para nenhum dos lados. A pergunta dos truques ficou sem resposta. Minha mãe limitou-se a sorrir e a entregar-me o saco que a velha peixeira da lota lhe estendeu, para que outras mãos o agarrassem. Entregou-mo com uma ternura especial e não ao despacha, como quem entrega um pertence para ser carregado. O mais natural seria que se usasse da minha potencial figura para o transporte de mercadoria. Afinal, não tardará a que me torne um homem másculo se, porventura, a realidade me fizer o favor ao sonho. Por ora, mantenho os pelos translúcidos no lugar da barba. Entregou-mo como quem entrega um presente, porque o era. Dentro do saco, um belo espécime. Tinha custado aquilo a que se chama os olhos da cara. Segurei o saco com toda a minha força. O Enrico das especiarias acenava, e eu, com o meu espécime dentro de um plástico azul e um

sorriso cravado nas bochechas, levantei o braço, histérico de contentamento. "Pede ao Enrico tudo o que precisas para o teu truque", disse-me a mãe. Não restavam dúvidas da magia de que ela me via capaz. Corri mais rápido do que a minha habilidade. A minha irresistível felicidade fez com que o Enrico juntasse aos pedidos fartos ramos de cebolinho e coentros, por sua própria conta. "Ouvi dizer que és mágico", disse-me piscando o olho. Que maravilha de acontecimento! Não tardei a ter o mercado inteiro dentro do meu sorriso. O dia mais feliz da minha vida acabava de sair do plano da fantasmagoria.

Lá em casa sobramos nós os dois, eu e a mãe. O meu pai não sei onde está. Diz a avó que no céu, mas a mim não me convence. Sei que morria do medo de alturas. Fiz por garantir que lhe guardava o segredo. Nunca gostamos que as mães saibam das nossas fragilidades, tenhamos nós a idade que tivermos. Todos continuam, por isso, certos de que o meu pai está no céu. E mesmo que já morto não possa morrer do medo de alturas, não me parece que lhe fosse dar para mudar de opinião sem que eu soubesse. Ainda estou para lhe descobrir o lugar do poiso, mas as saudades têm-me toldado a vista.

Lembrei-me de que estávamos no dia do meu aniversário quando a avó me juntou um outro saco às mãos, mais pomposo que o da velha peixeira da lota. Tinha um laço, daqueles que só se usam no natal ou nos dias de anos. Uma jaleca e um bilhete. "Para o meu alquimista com cheiro a manjerição". Tinha-a ela costurado. José. Chefe José. E uma folha de manjerição, o mais belo dos bordados na minha jaleca sonhada.

Quando dos três ficámos dois, a minha mãe tornou-se ermita. No tempo em que o luto quer fazer mais mortos, todos os dias lhe levava o caldo ao seu ermitério. O caldo fervido das minudências que o faziam especial. O cuidado, a ternura, o afago. Todos os dias tentava encontrar uma receita que a salvasse, aprimorando o caldo. A minha felicidade resumia-se em ver a linha na tigela mais baixa do que no dia anterior. Adicionei-lhe umas tostas simples quando a linha atingiu o meio. Aperfeiçoei as tostas. Passei

a medir a minha felicidade pelo número de dentadas. Descascava-lhe a fruta e transformava-a em flores, pássaros e corações. Se lhe entregasse a fruta descascada e tão bonita, em formas de esperança, talvez tivesse compaixão pelo meu esforço e a acolhesse no bucho triste. Passou a ver-se mais do que pele e osso: os efeitos dos caldos, da fruta de amor e das tostas com conduto.

Beije o meu nome na jaleca pela avó costurada. No mesmo instante senti um beijo na nuca. Uma espécie de beijos dentro de beijos, uma matrioska deles. "Salvaste-me a alma", disse-me minha mãe. Avaliei o sorriso dela. Soube que o que fizera na cozinha, no tempo em que o luto esmaga, foram, no final de todas as contas, poções mágicas.

"O meu filho é um mágico, há pratos que desabrocham a vida."

Chefe José. O alquimista com cheiro a manjerição da minha avó, o mágico da minha mãe.

Descobri onde está o meu pai. Tenho em crer que, pelo medo das alturas, permaneceu ao meu lado. E o amor voou para o caldo, para a ponta dos meus dedos, para os meus truques.

Na minha jaleca sonhada há amor bordado.

«A pergunta dos truques ficou sem resposta. Minha mãe limitou-se a sorrir e a entregar-me o saco que a velha peixeira da lota lhe estendeu, para que outras mãos o agarrassem.»

SALTANDO DO PARÊNTESES

DIREITO A SONHAR

ISAURA
CORREIA

Faltam três horas para o voo com destino à Madeira. O mês de férias passou vertiginosamente. Enquanto esperamos sentados no *Burguer King* e os meus filhos brincam com o Estrelinha, o novo elemento na família, eu revejo os melhores momentos das férias, com um aperto na garganta.

O Estrelinha, dentro da transportadora, mia como se estivesse a pedir para sair. Começo a viajar no tempo. Quando era criança, queria ter um gato. Tinha uma cadela, a Lassie, uma pastora alemã.

Olho para a frente e vejo um jovem que, em vez de se dirigir ao balcão, vem em direção a uma mesa ao lado da nossa e, rapidamente, pega nos restos do hambúrguer e das batatas fritas e afasta-se a comer avidamente. Fico paralisada, vendo-o ir em direção à porta.

Parece-me que já deve ser hábito esta forma de colmatar a fome.

Olho para a alegria dos meus filhos, que têm a possibilidade de sonhar e de se projetar no futuro, sem ter a preocupação de procurarem satisfazer as necessidades básicas. Ele parece ter entre dezassete e



dezanove anos. Uma idade em que os jovens fazem escolhas, sonham com o seu futuro, vão para a universidade ou optam por outras oportunidades, mas sonham. Porém, esta é apenas uma parte da história. E este jovem? Quais serão os seus sonhos? Faz-me pensar

que a frase "O sonho comanda a vida" não se aplica a todos. Talvez a frase "A vida comanda o sonho" se adeque melhor àquelas crianças e jovens, que, quando são chamadas à vida, não escolhem: a família, o local onde vivem, as condições adversas que vão condicionar o seu desenvolvimento e a sua trajetória. Quando o cérebro está em modo de sobrevivência, haverá espaço para sonhar?

E a genética? Sim, a genética condiciona, mas o contexto tem um impacto, maior ou menor, no potencial de cada um, bem como na capacidade de sonhar. No decorrer dos vinte seis anos que trabalho com crianças e jovens, tenho colocado várias vezes as perguntas: "Quais são os teus sonhos?", "Qual é o teu maior sonho?" Alguns ainda conseguem imaginar:

"Quero ser o Cristiano Ronaldo!"; "Quero ser cantora!"; "Quero ser bombeiro!"

Ultimamente, tenho feito a mesma questão a alguns jovens. Olham para mim como se estivesse a falar outro idioma ou como se fosse uma pergunta estranha ou mesmo descabida. A resposta tem sido "Não sei!" Este "Não sei!" tem um sentido mais profundo. Quando escuto, para além do som das palavras, é como se dissessem: "Como posso saber?", "Como é que posso sonhar?", "Para quê sonhar?".

O sonho comanda a vida. E quando resta apenas a vida?

Há vinte e seis anos que anseio reescrever estas histórias cujo guião tem como desfecho final: que todas as crianças e jovens tenham as necessidades básicas satisfeitas; que todas as crianças e jovens tenham direito à educação; que todas as crianças tenham uma família que as ame; que todas as crianças e jovens tenham alguém que as aconchegue ao deitarem-se; que todas as crianças tenham alguém que lhes leia um livro de embalar.

Entretanto, a realidade segue com outro guião: os protagonistas são buscadores de sobrevivência.

Será que o sonho comanda a vida, ou que a vida comanda o sonho?

Sou uma pessoa com fé e esperança. Sou persistente no que é fundamental para a minha

vida: a defesa dos direitos das crianças e dos jovens. Acredito que têm direito a serem amados incondicionalmente.

Quando ouço algumas pessoas a defenderem os direitos dos animais, e eu gosto muito dos animais, penso sempre: porque não defendem, com essa persistência, os direitos das crianças? Porque não se revoltam e fazem manifestações por esta causa?

Não consigo esquecer o jovem a apanhar os restos de comida. Às vezes, imagino que encontrou pessoas que o ajudaram a mudar o seu percurso. Imagino que tem uma casa e uma família que o ama. Imagino-o a sonhar e a planear a sua vida com entusiasmo. Imagino a sua cara com um sorriso, a prosseguir o seu caminho sem a sombra da pobreza e solidão.

A Carta dos Direitos das crianças está incompleta. Acrescento:

"Todas as crianças têm direito a sonhar".

«Quando ouço algumas pessoas a defenderem os direitos dos animais, e eu gosto muito dos animais, penso sempre: porque não defendem, com essa persistência, os direitos das crianças?»

SALTANDO DO PARÊNTESES

BLUE SKY, O SONHO DE ÂNGELA

MARGARIDA
CONSTANTINO

Intrigava a mim e a metade das pessoas que sabiam da sua existência. Ângela era invisível na cidade. A sua casa térrea rodeada de um pequeno jardim parecia cuidada por um anjo. Emanava graça e harmonia.

De origem Cuanhama*, num ano de seca severa, veio até Moçâmedes com alguns parentes, à procura de melhor local para cultivar. O grupo construiu as suas cubatas entre o mar e o deserto no extremo sul da cidade. Não se soube como Ângela apareceu vestida com farda e avental do Hotel Moçâmedes. Certo foi que depressa se tornou imprescindível numa adaptação rápida a todo o



serviço desde a lavandaria até à cozinha. Surpreendeu todos quando anunciou, perentoriamente, que sairia no fim do mês. Como ninguém suspeitava que a prestativa Ângela podia ter vida própria, todos lamentavam a sua futura falta. Só o Sr. Sacramento se mostrava indiferente. Havia meses que deixara de jogar às damas depois das cinco horas, quando os funcionários dos serviços se juntavam a tomar umas cervejas e a conviver antes do jantar. Quando chegava já os comensais tinham terminado a sopa e esperavam o prato de peixe. Todo ele pergaminhos e desculpas pelo atraso, após a refeição recolhia ao seu quarto. Hóspede desde há um ano, chegara num Pacote para ocupar a chefia de uma agência. Instalara-se no Hotel Moçâmedes. Taciturno, não se conhecia muito da sua vida, sabia-se que era de Setúbal e que era viúvo. Nos mentideros diziam que viera em busca de paz depois de terem morrido a sua mulher e a sua filha, num acidente no carro que ele conduzia.

Ângela gostou da casa com vista para a Baía, nunca mais de lá saiu: o senhor Sacramento que era agora o seu companheiro, o jardim para cultivar e a visão dos navios que chegavam ou zarpavam preenchiam os seus sonhos. À tarde gostava de se sentar na soleira da porta a fumar o seu cigarro invertido, com a ponta acesa dentro da boca que a espaços se abria para sair o fumo em nuvem branca ou azulada. O Sr. Sacramento fazia as compras, dedicava o tempo livre à sua coleção de selos e às brincadeiras com os dois filhos que entretanto nasceram. Em Janeiro de 1976, subiram as escadas do *Silver Sky*, o cargueiro que por acidente se tornou o salvo-conduto de parte da população a fugir de uma guerra irracional, sem estratégia nem comando. Com eles embarcavam mais seiscentas pessoas assustadas e sem futuro. Ângela, tomou a direção da cozinha, fazendo o milagre da multiplicação de alimentos. Colaborou com o enfermeiro a tratar dos que precisavam, da menina que partiu uma perna ao cair, da parturiente que ali deu à luz por entre as pessoas amontoadas e os panos que lhes

serviam de cobertor. Chegados a Windhoek, aos nascidos em Angola foi determinado serem escoltados até à fronteira do país de onde tinham fugido. Os que tinham ascendência portuguesa seguiriam para Lisboa num voo militar. Ângela chegou ao aeroporto de Figo Maduro confiante. Ela vencera a regra cega, negara a separação dos filhos, estavam a salvo. Foram para Setúbal viver na casa confortável que o Sr. Sacramento mantinha na Avenida Luísa Todi. Vi-a muitas vezes vestida de samacaca** a fumar o seu cigarro, invertido na boca, sentada na varanda de onde seguia o movimento dos navios no Sado, entrando para reparação no estaleiro e saindo pintados de fresco, até o silvo anunciar o rumo ao Atlântico. Sonhava com um *Blue Sky*, desta vez um cargueiro de esperança, que a levasse de volta à sua terra.

* Povo do sul de Angola e da Namíbia

**Samacaca tecido angolano que serve para vestir

«Em Janeiro de 1976, subiram as escadas do Silver Sky, o cargueiro que por acidente se tornou o salvo-conduto de parte da população a fugir de uma guerra irracional, sem estratégia nem comando.»

LETRAS ABRAÇADAS

MARIA CELESTE
PEREIRA

Palavras são símbolos, conjuntos de letras que me acompanham há anos e fazem parte de mim. Escrevi missivas de amor, que ainda tenho num relicário com imagens do passado. Com elas fiz redações, escrevi para quem queria comunicar e não sabia. Mães que tinham filhos na guerra ou no estrangeiro. Sabia de cor como começavam: — meu querido filho e lembro o cenário: — Sentada numa pequena cadeira debaixo de um caramanchão, onde pairava o perfume da flor da laranjeira e o grilar como música de fundo.

Eu era muito jovem. Além de ser escritora, era uma amiga compreensiva que não queria diminuir quem me pedia ajuda. Sabia, no entanto, que para cada uma daquelas mulheres eu era o máximo. Sabia escrever e guardava os segredos que tinham para contar.

Quando penso nas pessoas que não sabiam ler e que, para sua orientação, recorriam a risquinhos para contar ou desenhos para se entender, fico descontente. Constato agora, nas redes sociais,

**«Constato
agora, nas
redes sociais,
que quando
se gosta de
algo, escolhe-
-se uma flor
ou umas
mãozinhas a
bater palmas,
sem que as
desenhem,
como faziam
outrora os
tristes dos
tristes que não
conheciam
nem uma
letra.»**

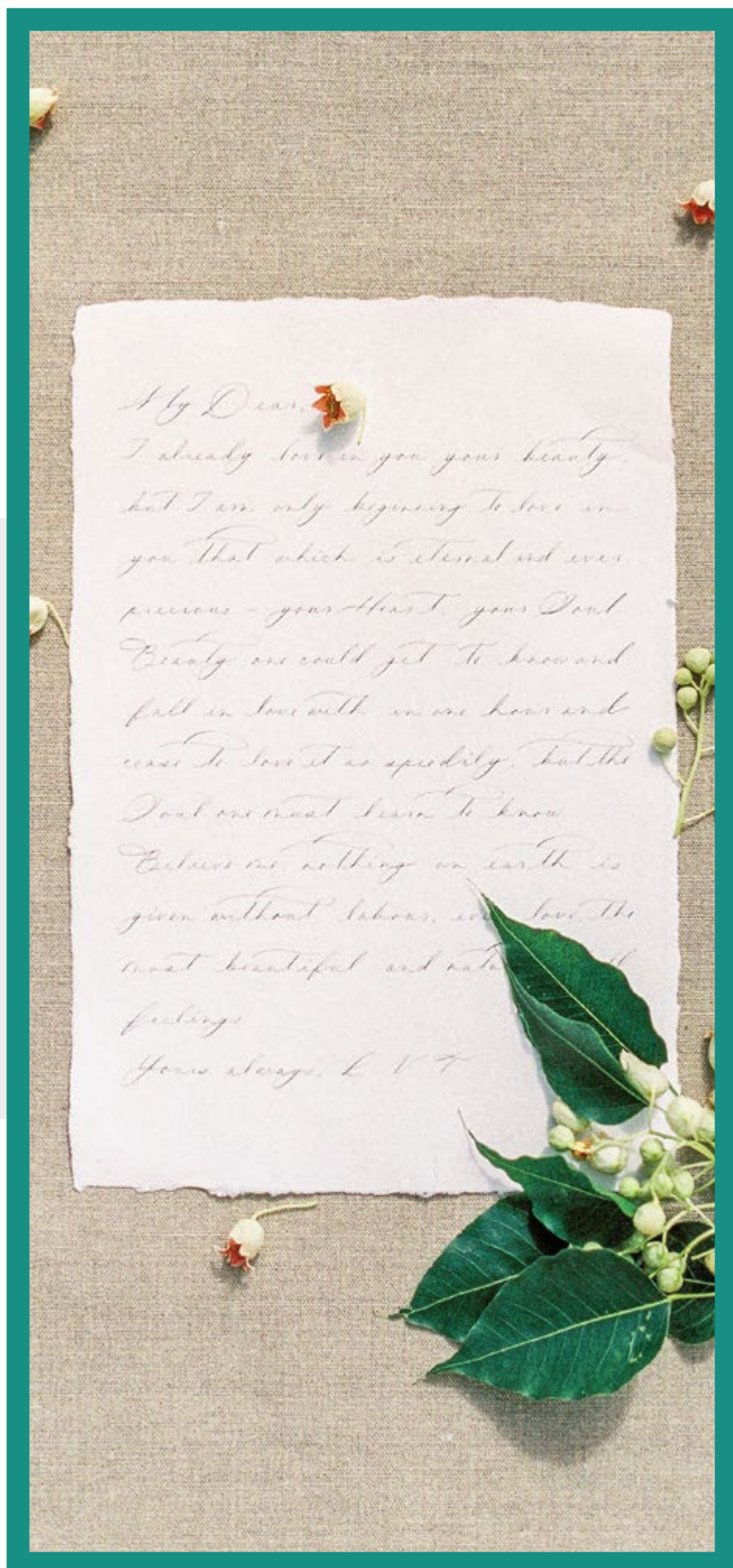
que quando se gosta de algo, escolhe-se uma flor ou umas mãozinhas a bater palmas, sem que as desenhem, como faziam outrora os tristes dos tristes que não conheciam nem uma letra. Hoje está tudo desenhado à medida, como se escrever fosse um trabalho árduo.

Enquanto o teclado do computador não substituir os caracteres alfabéticos por arte rupestre, vou usá-los. Só nas palavras se casam letras que se abraçam. Abraços que andam por aí noutros braços a aguardar a alegria de ler quem nos diz muito, que nos toca e que nos dá força, como a força que têm as palavras. Frases que saem dos nossos dedos, prenhes de sentimentos, e que fazem amor no papel, sob o olhar de qualquer leitor. É bom ler ternura e alento e receber amor dessa união. Encher os olhos de letras, ouvir o eco, sossegar a mente e fazer vibrar o eu, nas horas vazias

e nos dias sempre iguais.
Com as palavras constroem frases que, por vezes, desfilam nas passarelas coloridas e iluminadas. São apresentadas por estilistas da língua que ditam a moda das expressões. São tão divulgadas, como uma música em voga ou o novo fato do manequim apresentado na última passerelle. "AINDA ASSIM" é um desses dizeres, modelos mais usados nos meios de comunicação.

Sendo ela a conetividade de oposição, o sentido contrário, usa-se em desfavor de: "contudo, no entanto, porém e todavia"; — passaram a ser *Vintage* como o corte de cabelo à escovinha, as calças boca-de-sino ou o albernoz. Caíram no esquecimento, já poucos usam, mas não acabaram. Fazem parte do património da nossa língua. As palavras ocupam o lugar certo, variando o seu uso ao longo do tempo, ora abraçadas na escrita, ora bailadas na oratória.

A língua é viva
As palavras
Não morrem
Ficam nos poemas
E nos livros
Dos que levaram a vida a
sonhar
E, sonhando, "comandaram
suas vidas"
Deixaram obra para que eu
também sonhasse.



UMA NOVA ESTRELA

ANALITA
ALVES DOS SANTOS

Há ocasiões em que me pergunto por que motivo nasce uma nova estrela cada vez que sonhamos. A única explicação que encontro é que o céu é infinito.

Os sonhos, tal como as estrelas, precisam de firmamento. De nada vale uma estrela inobservada. Será que existe se ninguém a estiver a ver? Os sonhos também são assim. Pouco importam se permanecerem escondidos na camada porosa do medo. Somos pele — a pele pesa —, mas não só ela nos sustenta. Somos carne — a carne mostra-se —, mas é um tesouro corrompível pelo tempo. Somos sonhos — e esses, sim, tornam-nos imortais. Os sonhos não envelhecem. Quando fechamos os olhos, somos quem sempre fomos sem o lastro do que já vivemos. É preciso agir, dar corda aos sonhos. Sonhar é o primeiro passo rumo à eternidade. Depois da primeira passada é necessário avançar, mesmo que todos os dedos apontem noutra direção. Lembre-se: muitas manadas se perderam e se espezinharam.

No caminho dos sonhos há algumas sombras e uma ponte periclitante de cordas sobre um desfiladeiro, um *Grand Canyon* sem fim à vista. Nunca se sabe qual tábua vai ceder. Continuamos, pé ante pé. Por vezes, saltamos uns quantos degraus, quase caímos. Ficamos suspensos, agarrados à corda fina que nos escorrega das mãos. Respiramos lentos para, mais leves, se cairmos, o vento nos suavizar a queda. Caímos

de quatro, apoiados nos nós dos dedos. Isto de sermos bípedes ainda é recente. Recomeçamos. Aprendemos? O ideal: não cometermos os mesmos erros, mas isto de sermos humanos ainda nos obriga a folhear muitas páginas.

Os sonhos empurram-nos para o que precisamos, não para o que desejamos. A diferença é ténue. Quando a compreendemos, a grandeza apodera-se de nós. Há sempre algo de divino em tudo o que criamos. Os sonhos são o pó das estrelas que permanece em nós, reminiscências das nossas reais potencialidades.

Há sonhos impossíveis? Claro que sim. Não se deixe enganar por conversas moles. Sabe qual o segredo? Enquanto procuramos alcançar o tal sonho impossível, avançamos mais longe do que alguma vez esperávamos. Abraçar essa verdade é a fórmula secreta do êxito e da felicidade de cada momento, que isto da felicidade plena já se sabe: não existe.

**«Eles não sabem, nem sonham
Que o sonho comanda a vida
E que sempre que um homem sonha
O mundo pula e avança
Como bola colorida
Entre as mãos de uma criança.»**
- António Gedeão

Enquanto sonha, tenha a certeza de ser capaz. Quando o desafio lhe parecer perdido, tente contrariá-lo. A História está repleta de enganos que deram certo. Mas, se for preciso, não insista. Desistir também é uma opção. Não há vergonha alheia em quem reconhece que o melhor foi investido sem os resultados esperados, e procura outro sentido.

Sem espaço para frustrações, desmonte a tenda, apanhe o lixo, apague a fogueira e parta noutra direção. Seja um nómada de sonhos, nunca pare de sonhar. Enquanto sonha, nasce uma nova estrela. Alguém saberá quem ela irá, um dia, guiar?

**«Uma visão sem ação não passa de um sonho.
Ação sem visão é só um passatempo.
Mas uma visão com ação pode mudar o mundo.»**

Joel Barker



DO SONHO

EDUARDO
FERNANDES

Algures, num sonho, um pontapé separou mãe e filho. Os árabes *bazaram* com as suas mours encantadas para nascer Portugal, o mais antigo dos novos países europeus.

Uma escola que nunca houve. Numa aula chata de um professor chato, alguém sonhou um mundo mais pequeno, com canela, alcaçuz e pimenta. Partiu-se então de Belém para as Índias, só para se chegar a outras — sem rei, nem lei ou pecado —, onde as Índias andavam nuas e os pássaros falavam.

Café do Brasil, negros de Angola, terramoto em Portugal. Pombal não está na sua rotunda, mas, a sonhar, enterrou os mortos, cuidou dos vivos e fez Lisboa moderna.

Foi o sonho que venceu o sonho de Napoleão, que assinou o papel em Versalhes e que tratou de rasgá-lo após o assassinio do arquiduque.

Livrou o soldado da morte, do gás mostarda e do arame farpado, deixou-o a dormir nos braços da sua amada.

A bolsa quedou-se num

**«Sendo a
minha única
opção a de
ser levado,
que seja pelo
sonho que
comanda a
lida. Obrigó-
-me, então,
à lucidez de
sonhar. E de
sonhar apenas
o que me traz
esperança.»**

pesadelo, do qual nunca acordaram os que pularam dos arranha-céus. O sonho do Reich elevou a mão ao ditador. O americano despejou a bomba em Hiroshima e plantou uma rosa em Nagasaki.

Os hippies sonhavam à ácido, os *vietcongs* à napalm. O sonho que levou o homem à Lua também me leva ao fim da rua.

Saio de manhã a conduzir o sonho, volto à noite conduzido por ele.

Enquanto há sonho, há esperança. Sem ele, há nada, porque o sonho pode até não mover o mundo, mas move o que move o mundo.

Não se controla o tempo, não se controla o destino. Como Cazuza costumava dizer, já que não te posso levar, ó vida, deixo que me leves.

Sendo a minha única opção a de ser levado, que seja pelo sonho que comanda a lida. Obrigó-me, então, à lucidez de sonhar. E de sonhar apenas o que me traz esperança.



O LEITOR SABE A IMPORTÂNCIA DE FAZER A ESCOLHA CERTA?

HELENA
GREGÓRIO

Susana e Irene, duas irmãs com vidas distintas. Educadas pelos pais, os bons valores estavam bem presentes.

Susana, por mais que se esforçasse, não conseguia viver com prosperidade. Sem entender o porquê, estava sempre a ser submetida a enormes sacrifícios e muito sofrimento.

Já Irene vivia uma vida repleta de harmonia. Tinha uma bela moradia, onde nada faltava para o bem-estar da família e tudo transbordava felicidade. Apesar de Susana ser uma mulher esforçada, sem virar as costas a qualquer tipo de sacrifício, era com alguma tristeza que constatava que nada do que fazia dava certo. Tudo corria mal. Logo a ela, que tanto dava de si, quer à família, quer à sociedade, desempenhando a função de catequista. Era comum adormecer em cima da sua máquina de costura, vencida pelo cansaço do trabalho. Quando rendida por fim à cama, acabava por adormecer, enquanto chorava a sua triste sina. Foram anos e anos lançando perguntas sem respostas. Até que um dia resolveu ser verdadeira consigo própria. Parou para refletir e viu que apenas ela podia mudar a trajetória da sua vida. Dedicou-se a ler mais e mais.

Desde pequena, tinha interiorizado que a ler também se aprende. Talvez por isso tivesse apenas um prazer, que era comprar livros.

Foi assim que começou a perceber que tinha sido ela a contribuir, por ignorância, para o que estava agora colhendo. Sem procurar muito, foi fácil relembrar as atitudes dela e as da sua irmã, enquanto jovens. Irene nunca se preocupou com o dinheiro que gastava com a roupa, desde que gostasse e fosse moderno. Já Susana procurava sempre despende o menos possível, só lhe interessava algo que ficasse bem, dentro do mais barato que encontrasse. Logo aqui, ela entendeu que o seu ponto de vista não era o melhor.

O grande problema foi o acumular de situações traumáticas, que viraram crenças. De tal forma, que deixou que lhe fosse tirado o bem mais precioso do ser humano: o "amor próprio". Depois, deu-se o clique, acordou para um despertar novo. Desde então, o principal objetivo de Susana é ajudar outras mulheres que possam estar a viver uma existência de sofrimento. Ela sabe bem o que é ser vítima de violência doméstica, contar os tostões para pôr pão na mesa, lutar pela dignidade, ser mãe e pai, ao mesmo tempo e enfrentar as injustiças, tanto na sociedade, quanto nos tribunais.

Hoje é uma terapeuta de Reiki, Barras, e de outras práticas espirituais.

Dedica-se cada vez mais à leitura, à escrita e à formação. Esta mulher cujo nome fictício é Susana, sou eu, autora deste texto.

O conselho que deixo é o seguinte:

— **Nunca permitas que alguém te tire a capacidade de gostares de ti.**

Quem quer que sejas és um ser único, nada nem ninguém deve ser superior a ti.

Só assim serás feliz.



OS SONHOS NÃO PODEM SER SÓ SONHOS

JÚLIA
DOMINGUES

Nunca sonhei ser escritora. Não porque isso não fosse uma coisa que eu não quisesse, mas porque era uma realidade tão distante, tão inatingível, que nunca chegou a entrar nos meus desejos «realizáveis».

Creio que é aí que reside o «nosso» maior problema. Sempre nos ensinaram, desde pequenos, que há sonhos e sonhos. Uns, pelos quais somos formatados quase à nascença e outros, mais tarde, que aprendemos a «desformatar».

Na realidade, o que é um sonho? Um sonho não é mais do que algo que almejamos, mas sabemos que dificilmente alcançamos. É nisto que nos fazem acreditar. Que os sonhos são só sonhos e que nunca se sentarão à mesa connosco. Os sonhos são (só) sonhos e sonhos não são objetivos. São, sim, na maior parte das vezes, os objetivos de outrem. Os outros sonhos. Sonhamos em ter boas notas, ser bons alunos, acabar o curso, procurar trabalho na área – e isso já é um grande sonho –, encontrar o melhor par, ser mãe/pai (que para alguns nunca foi um sonho), comprar uma casa bonita – se possível, com piscina – e ter um carro à porta. Fim de sonho. E depois? Depois, creio que é aí

que reside o «nosso» maior problema. Passamos a maior parte da vida a acreditar que os sonhos são só isso, que se resumem ao que os outros sonharam para nós. Só que não.

Os sonhos vão (muito) além disso. Os sonhos começam no instante em que acreditas que os sonhos afinal não são (só) sonhos, também são objetivos. E isso começa quando dás uma oportunidade deles se sentarem à mesa contigo. E é quando te perguntam: «Do que é que estás à espera para realizares os teus sonhos?», ou melhor, «O que é que te impede de tentares?».

Confrontado com isto, percebes que te deves, pelo menos, a tentativa de ser feliz. E é aí que convertes os sonhos em objetivos. E tal como qualquer outro objetivo, estes também requerem (muito) trabalho, dedicação, resiliência e perseverança. E alguma teimosia.

Ninguém sabe para que caminhos nos levam os sonhos. Mas quando os «despromovemos» de sonhos e lhes atribuímos a categoria de objetivos, toda a viagem é compensadora. A força de acreditar (em nós) é o princípio de fazer acontecer. Por isso, sonha alto, sonha raso, sonha devagar ou mais depressa, mas nunca deixes de acreditar que és capaz de sonhar e de (te) realizar. O que nos faz voar não é termos muitos sonhos, o que nos faz voar é saber que nada nos impede de (continuar) a sonhar.

Nunca sonhei ser escritora, mas, um dia, dei-me a oportunidade de o ser. E quando digo dei-me a oportunidade, o que quero dizer é que lutei mais do que nunca, que me muni de forças quando elas insistiam em fraquejar, que fui buscar fé (na vida) onde ela não existia, que sequei muitas lágrimas a tentar mais uma vez e que me blindei com a última coisa a morrer – a esperança. E foi por nunca ter desistido de acreditar que hoje posso continuar a sonhar.



QUANDO O SONHO ACONTECE

MANUELA
VIEIRA

A revolta esvazia-nos por dentro e revela-se no anímico que nos caracteriza. Rompe os poros e perfuma o ambiente com o odor da angústia. Um desassossego. Sombras.

Haverá alguém capaz de amar tudo e todos, incondicionalmente? Como o Sol, que ilumina o mundo, pessoas boas, más, assim-assim, pessoas em guerra, em paz, eu sei lá!

O psicólogo pediu-lhe que escrevesse uma carta aos pais em nome da criança magoada que ainda existia nela. Negligenciada ao extremo, acreditava que só o Sol reconhecia a sua existência. Recebia os seus raios, qual carícia a amornar os sonhos que acalentava. Queria ser livre. Livre para amar e ser amada.

Dia após dia, essa presença majestosa alimentava a ardente ânsia. Cresceu. Tornou-se adulta. Perturbada. Ainda mal-amada. Carregava um fardo demasiado pesado. Não compreendia se o fazia de forma voluntária ou não. O certo é que o guardava como uma relíquia que se esconde dos ladrões. Vivia desconfiada, apreensiva, zangada. «Para quando a liberdade?» — questionava-se amiúde. «E esse passado que não cai!» À noite, as insónias povoadas

de teias de aranha, fabricadas com requintados vazios da sua existência, amedrontavam-na. Como se desfazer dessa renda obscura que queima e enjoa?

Não há disfarce possível. O espelho tem a mania que sabe: olheiras, cara feia, horror. Suspirava. O alívio espreitava, ao sair de casa, com o companheiro Sol a abraçá-la sem pedir licença. «Cuidado com a minha bagagem.» Isso ele desconsiderava. Sabia que dentro dos porões amarfanhados da mulher havia o sonho de ser livre. Elegante e teimoso, fazia questão de fazer parte dessa aspiração.

«Diz-me o psicólogo para despejar esta carga num papel em branco? Desde quando é que as letras curam? Hum...» Rapidamente o caixote de papéis encheu-se de lixo. «Mãe, pai, eu odeio-vos...»; «Mãe, pai, eu...» e foram tantas tentativas. Finalmente deslanchou. Escreveu, escreveu, escreveu.

De volta ao psicólogo, um brilho revelava novo olhar. Sem delongas, explicou-se. Falou sem parar:

— Inicialmente, escrevia e deitava fora o papel. Continuei. Enquanto atirava a folha para o lixo, recordava-me de coisas. Escrevia de novo. Chorei. Chorei muito. E sabe do que mais me lembrava? Do Sol. Do meu amigo Sol. Questionava-me sobre o porquê dele iluminar tudo e todos. Até os maus. E dei-me conta da resposta. Quer ouvir, doutor? Eu acho que ele despe tudo e só vê a essência. A essência é pura, é positiva, é... Uau! E a casca que a envolve é dura, insensível. Reconheci a necessidade de a romper e encontrar a força que eu temia agarrar. Ah! Percebi por que razão não tinha desistido de mim, de me iluminar e aquecer. Foi aí que me perguntei: será que os meus pais estavam tão carregados, ignorantes da verdadeira essência, que se tornaram cegos? Sabe, doutor, perdoei...perdoei, perdoei, perdoei mesmo. Estou bem.

— Continue a escrever — disse o psicólogo. — É libertador.



ONDE TUDO COMEÇA

PAULO JORGE
PEREIRA

Nada melhor do que um bem conhecido poema de Sebastião da Gama para começar:

**"Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.
Basta fé no que temos,
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e do que é do dia a dia.**

**Chegamos? Não chegamos?
- Partimos. Vamos. Somos"**

Está aqui implícito tudo o que se queira salientar sobre como "o sonho comanda a vida", conforme se afirma noutro poema tão famoso, "Pedra Filosofal", de António Gedeão, que Manuel Freire canta como ninguém. Não é que seja mais fácil sonhar nestes tempos de pandemia, de alterações climáticas à escala global ou de crise política por cá. Mas é nos contextos mais exigentes que o sonho se impõe como necessidade essencial para todos nós.

A verdade é que precisamos de dormir e sonhar para que a vida ganhe outras cores. Não podemos é ceder à tentação de abusar do sono e passar pela vida adormecidos. Muitos até seguem à risca a máxima de que vale a pena sonhar acordado, servindo essa inspiração para que se consigam tantos feitos extraordinários. Quantas obras de artes plásticas nasceram de sonhos? Quantos filmes, quantas músicas, quantas empresas, quantas invenções? Se não sonhássemos, quantas ideias geniais ficariam pelo caminho?

É por isso que imaginamos, ousamos, partimos, vamos, somos. Tal e qual como escreve Sebastião da Gama. É por isso que ambicionamos ter mais felicidade e um mundo melhor para todos. É por isso que não nos conformamos com pesadelos tão reais como a desigualdade, as discriminações, as injustiças, o racismo, a corrupção, as mentiras, a hipocrisia.

Sonhemos, pois. Mas sem nunca nos iludirmos ou enganarmos – sonhar não está sujeito a imposto, mas existe a possibilidade de não gostarmos do outro lado do sonho. Porque a realidade ultrapassa em muitas ocasiões a ficção, o choque é mais doloroso quando percebemos que nem todos os sonhos passam a barreira da vontade coletiva.

E, afinal, de que somos feitos? A resposta chega-nos de clássicos de épocas bem diferentes: Humphrey Bogart, na pele do detetive Sam Spade, falava disso na célebre passagem do filme "The Maltese Falcon" (1941) ou "Relíquia Macabra", na tradução portuguesa. Mas no filme já se recorria a uma obra bem anterior: "A Tempestade", de William Shakespeare. É Próspero quem nos fala na cena I do Ato IV: "Somos feitos da matéria dos sonhos; a nossa vida pequenina é cercada pelo sono."

Rompamos o cerco do sono. Tornemos as nossas vidas maiores. Não deixemos de sonhar. Como na película "O Clube dos Poetas Mortos" afirma Robin Williams feito professor Keating, "não importa o que nos digam: palavras e ideias podem mudar o mundo". Mas antes delas estão os sonhos. É aí que tudo começa.



ESCREVER É AMAR

DAVID
ROQUE



Amar não é gostar de algo, é a dedicação incondicional ao objeto do amor, confiando que ele cresça e frutifique na plenitude. Amar é trabalho permanente e cansativo, que exige focagem e persistência.

Na escrita, o amor é encarar a obra como objeto digno de empenho e gasto de energia, tendo o cuidado para que ela se transcenda e viva para lá da gestação e do parto. Isto tem implicações nos âmbitos da técnica e também do espírito, entidade intangível e que *E pur si muove!* O escritor ficcional dará o melhor para o apuramento técnico da obra, traçando súperos enredos, personagens, paisagens, ações, e aprimoradas formas escritas para narrar o projeto ideal da sua mente. Porém, há outra dimensão do amor não refletida no número de gestos que realizamos, nem materializada em expressões mensuráveis. A mais-valia da obra literária é a verdade que ela transporta, isto é, a honestidade que o autor põe de si próprio na realização do empreendimento, nessa busca complexa de estabelecer um diálogo entre o eu-escrevente e o outro-leitor. Os grandes começam pelo amor a si próprios, não como expressão do egoísmo ou da vaidade, mas como

manifestação do "conhece-te a ti mesmo", máxima de Tales sabiamente surripiada por Sócrates. Ao amar-se o escritor conhece-se e, entendendo-se, busca dentro de si o melhor que tem para dar à escrita, todo o potencial e universo infinito que cada ser humano transporta. Parece fácil, mas...

Outra componente amorosa é a técnica, só alcançada com vontade e esforço. A "escrita ao natural" que muitos candidatos a ficcionista apresentam, revela sobretudo ingenuidade e imaturidade e, às vezes (o que é mais grave), grande falta de leitura. Ler muito e, depois, mais ainda, continua a ser a melhor terapêutica para combater a pecha da "escrita ao natural". A imaginária (híper valorizada desde o Romantismo) tem maior suporte e projeção com sólido vocabulário, firme fraseologia e seguro ritmo de escrita.

Ao mesmo tempo que o amor se arremessa à obra escrita, ele se dirige, indiretamente, ao leitor, amante derradeiro do apaixonado escrevinhador. É no respeito pelo leitor que o literato dará o melhor de si, não necessariamente aquilo que o cliente exige, mas sim para lhe dar o que este necessita. Uma subtileza filosófica que faz a completa diferença entre o comércio de bananas e a arte. Se o leitor receber apenas aquilo que anseia, não cresce; ao passo que, se receber o que necessita, se transcende enquanto pessoa. Dos vinte e um gramas que a alma pesa, cada grande obra literária deve contribuir com, pelo menos, um decigrama, crédito a apresentar às portas do Paraíso.

Por fim o escritor amante amará a própria arte, cada obra como expressão de algo que não é somente ele, nem os códigos culturais vigentes, ou o leitor; será um *algo outro*, uma criatura viva que existe por si própria, com grandeza e dignidade intrínsecas.

«Na escrita, o amor
é encarar a obra
como objeto digno
de empenho e gasto
de energia, tendo o
cuidado para que ela
se transcenda e viva
para lá da gestação
e do parto. Isto tem
implicações nos
âmbitos da técnica e
também do espírito,
entidade intangível e
que *E pur si muove!*»

ELOGIO DA PONTUAÇÃO

MARCO
NEVES

Sem pontuação demoraríamos muito mais tempo a ler os nossos textos tendo em conta que hoje temos e escrevemos sem parar e teríamos uma vida um pouco mais complicada e a posto que os nossos olhos sofreriam com esta escrita sem descanso

As frases acima são difíceis de ler? Pois era assim que se escrevia, em geral, no tempo dos Gregos e dos Romanos. Era a chamada escrita contínua. Não havia muitos sinais de pontuação — e nem sequer espaços. Ao longo do tempo, lá fomos inventando os espaços, os pontos, as vírgulas. Não é um alívio?

Estes sinais começaram por assinalar pausas e entoações, para ajudar na leitura em voz alta. Também começaram a mostrar como se organizam os textos e as frases, ajudando a ler em silêncio.

A pontuação é muito parecida nas várias línguas da Europa, mas há alguns pontos em que as línguas seguiram caminhos diferentes. Basta pensar nos pontos de interrogação e exclamação ao contrário que vemos no início de muitas frases em castelhano: também já existiram em português, mas perderam-se ao longo do século XX.

O uso dos sinais também vai mudando ao longo do tempo: por exemplo, se formos ver livros publicados no século XIX, encontramos muito mais vírgulas, mesmo entre sujeito em predicado (o grande pecado da pontuação actual).

Não sei porquê, mas gosto muito destes sinais. Talvez seja porque gosto de escrever. Quando conversamos uns com os outros, usamos a voz, mas também o resto do corpo: a cara, os olhos, as sobrancelhas, as mãos...

A própria disposição do corpo ajuda-nos a transmitir a mensagem — e, às vezes, até transmite mais do que queremos. Ora, quando escrevemos, estamos a conversar sem que nos vejam. A pontuação ajuda-nos a substituir aos mãos, a cara, o corpo. Não chega, mas ajuda muito.

Nos dias de hoje, escrevemos constantemente, provavelmente mais do que em qualquer outra época da história. Conversamos por escrito, namoramos por escrito, zangamo-nos por escrito. Ora, a pontuação ajuda quem nos lê a compreender-nos melhor, mas também ajuda quem escreve, ao obrigar a pensar onde pôr a vírgula, onde usar um travessão, onde deixar reticências... Ajuda-nos a conversar melhor, ajuda-nos a viver melhor.

Isto, claro, se ligarmos alguma coisa à pontuação. E vale a pena! Podemos não acertar sempre: ninguém acerta sempre. Podemos discutir esta ou aquela vírgula. Podemos exagerar neste ou naquele sinal. Mas, se pensarmos na pontuação que usamos, mostramos que nos preocupamos com quem nos lê. Há também um certo encanto nestes sinais, do simples ponto tão final

ao arrogante travessão — a riscar a linha e a ocupar o espaço de uma palavra — passando pelo musical ponto de interrogação e pela caprichosa vírgula.

Para lá das regras e das proibições, a pontuação dá-nos várias opções. É um excelente sinal do grau de proximidade que queremos demonstrar... É ainda um piscar de olhos no papel. Mesmo numa mensagem rápida, cada sinal (ou a falta de sinal) transmite mensagens diferentes:

- Beijo.
- Beijo
- Beijo!
- Beijo!!!

O beijo com ponto parece-me mais formal — ou mais seco — que o beijo sem nada. O beijo com ponto de exclamação é um beijo ligeiramente mais premente... Já o beijo com uns excessivos três pontos de exclamação revela um entusiasmo que talvez decorra da personalidade da pessoa — ou da vontade de beijar.

**«A pontuação
é muito
parecida nas
várias línguas
da Europa,
mas há alguns
pontos em
que as línguas
seguiram
caminhos
diferentes.»**



SONHOS E CERTEZAS

OLINDA
BEJA

Um dia voltarás ao cafezal. Colherás um a um os bagos que se oferecem à rubridão da luz. Um a um encherás o saco da desfatura que ainda volteia ao redor de teu ventre e cada bago será o diadema do húmus e do útero e da nossa semente infinda como ginguba semeada em terra prenhe de Uba-Flor

a gamela de madeira há-de gemer de sua abundância e todo o forro *g/kiti* se orgulhará de sua gleba de sua safra Robusta como esperança renascida em cada olhar

Arábica dançará puíta no quintal de Sum Malé seu quimono de seda sua saia godé seu lenço *bôtandji* sua boca frescura de anona e pitanga voltarás a saborear do fruto o aroma no café da manhã virgem de cansaços nas horas lentas de nossa ínsula abençoada

voltarás a serpentear os velhos caminhos do mato a florear os ramos na estação das chuvas e tua boca será pequena demais para albergar tanto sorriso

II

deambularás a ocidente e a oriente do teu nome. Incógnito nome em tua sofrida pequenez arquipelágica

repetirás a exatidão dos gestos e tua será a vermelhidão dos bagos outrora brancos em suas infrutescências. Como noiva em seu vestido imaculado assim florirão teus ramos assim se mostrarão aos passantes da beira dos caminhos como o ventre fecundo das mulheres que carregam seus infantes

e o que outrora foi sangue e lágrimas será vida o que foi mágoa será fruto e será flor e não mais escarnecerão de tua lustrosa, híbrida pele



III

lembrar-te-ás da ilha aberta ao sul
as primeiras chuvas, os pássaros de fogo, as nossas bocas róseas
o sentir da vida a latejar na ânfora dos nossos mares

lembrar-te-ás da estação em que o vento se embrenha nos sonhos
das virgens mães, tua roupa de verde flora e eritrina e verde fruteira
tua língua crioula rente ao verde pálido de tuas mansas águas
falarás em nome do amor e da rorida penumbra que dissipa o quebranto de nossas promessas
lembrar-te-ás de nossas invencidas mãos na safra de Sum Zêfinho
quintal de muito cacau e muita mágoa e muita solidão
lembrar-te-ás das noites de socopé que nossas velhas mães e avós sempre ritmaram em meio de
estrelas

como aguarela da manhã que alucina o coração das águas do silêncio
tua enigmática cor voltará ao êxtase verde do horizonte
nossa velha História fecundada de tantas latitudes de ternura

nos seios das mulheres hão-de germinar os grãos do verde cafezeiro
e de verde se há-de colorir a casa
e a roupa
e os olhos
e todas as fronteiras
(...)

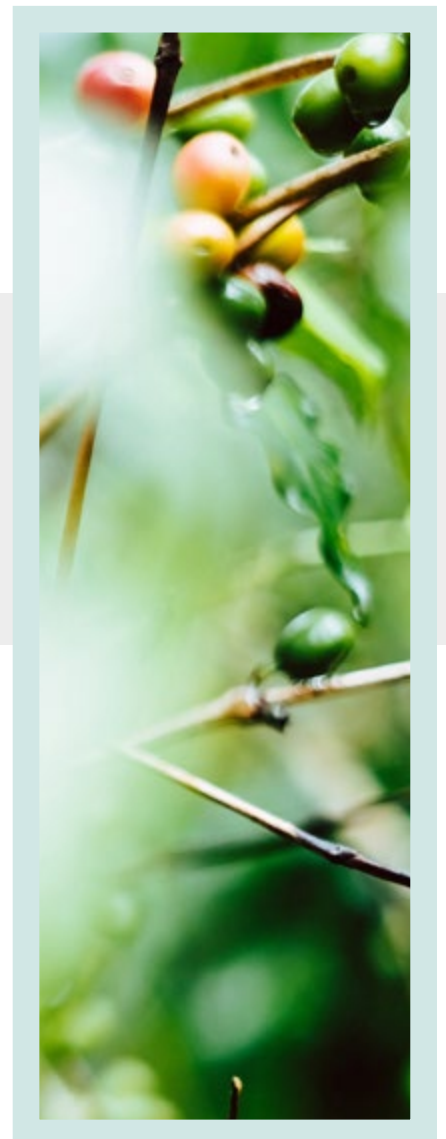
VI

esfolharás as vidas para além da voz dos pássaros
e o eco do teu nome será flor
e chão
e sombra
e palma
e fibra
e a cobra preta há-de enrolar-se em tuas coxas
afrodisíacas e puras

na estação das chuvas hão de florir teus filhos
tuas pérolas de nácar carregadas de esperança. Serão eles
os ecos bem aventurados das manhãs de Morro Peixe a Porto Alegre

no levante do teu corpo
(sacro corpo onde encontro as asas da minha lonjura)
carregarás a sombra que acalenta e envolve a nudez das palavras
recortes de luxúria em cada noite do Riboque
em cada lenda que de teus lábios se desprende
e voga mar adentro de nossas entorpecidas vozes

coisas da terra
da nossa terra



«ÉTONNANTS VOYAGEURS» EM MEMÓRIA DE MICHEL LE BRIS

JOÃO
VENTURA

Há uns anos, num passeio pela costa da Bretanha, dei comigo na baía de Morlaix (Finisterra), em Trostériou, com o olhar perdido entre enseadas e ilhotas, navegando à vista numa mistura de terra e água, junto a uma casa de pescador envolta num manto de hortênsias azuis, a meio caminho entre quintas e a orla marítima de Térénez, um pequeno porto de pesca, viveiros de ostras... Porque a maré estava baixa era visível a faixa de areia que liga o continente à ilha de Stérec. Não sabia eu, na altura, que aquela mistura de terra e água guardava o segredo dos sonhos de Michel Le Bris, que nascera e fora criado naquela casa envolta em hortênsias donde se avistava a ilha de Stérec, o pequeno mundo para onde, em criança, aproveitando a maré baixa que deixava aberto o caminho de areia até à ilha, se escapava, e uma vez lá se imaginava Stevenson na *Ilha do Tesouro*.

Tivesse eu sabido que aquele era o território de infância de Michel Le Bris, e talvez, à tardinha, naquele restaurante no pequeno porto de Térénez, eu me tivesse imaginado à

mesa com ele diante daquela travessa de ostras, ameijoas, navalheiras e lagostins que me puseram na mesa e o escutasse dizendo-me: "Passei toda a minha infância na baía de Morlaix, [aqui neste] porto de Plougasnou, [onde] tanto sonhei com o mundo. O oceano, essa força poderosa é a grande paixão da minha vida. [Aqui], neste lugar onde a terra e o mar se mordem, o oceano é a minha respiração." E Michel Le Bris ter-me-ia ainda falado do apelo eterno da sua Bretanha natal, em particular da baía de Morlaix, e também do apelo nómada que o tornou um "étonnant voyageur" ("espantoso viajante"), seguindo o rasto de Robert Louis Stevenson, Jack London e dos exploradores de ouro numa viagem de três meses pela América. Ter-me-ia certamente falado das suas inesgotáveis paixões de estudo: o romantismo alemão e Robert Louis Stevenson. E com ele eu teria viajado à volta de uma mesa. Tal como viajaram com ele todos aqueles que durante trinta anos tiveram o privilégio de assistir à sua maior e eterna viagem, o Festival "Étonnants Voyageurs" ("Espantosos Viajantes") que fundou com o escritor marselhês Jean Claude Izzo, em 1990, em Saint Malo, e que este ano, entre 4 e 6 de junho terá a sua 32ª edição.

Michel Le Bris (1944–2020) – com quem não cheguei a sentar-me à mesa naquele restaurante à flor da água na baía de Morlaix – jornalista, produtor, editor, estudioso de Louis Robert Stevenson e do romantismo alemão, apaixonado por histórias de piratas e por livros de aventuras, e ele próprio escritor de livros de viagens, já cá não está, mas o seu legado permanece vivo em Saint-Malo "chamando a si todos os filhos de Stevenson e de Conrad de todo o mundo".

790 — PLOUGASNOU (Finistère).
Le Petit Port de Térénez. ND Phot.

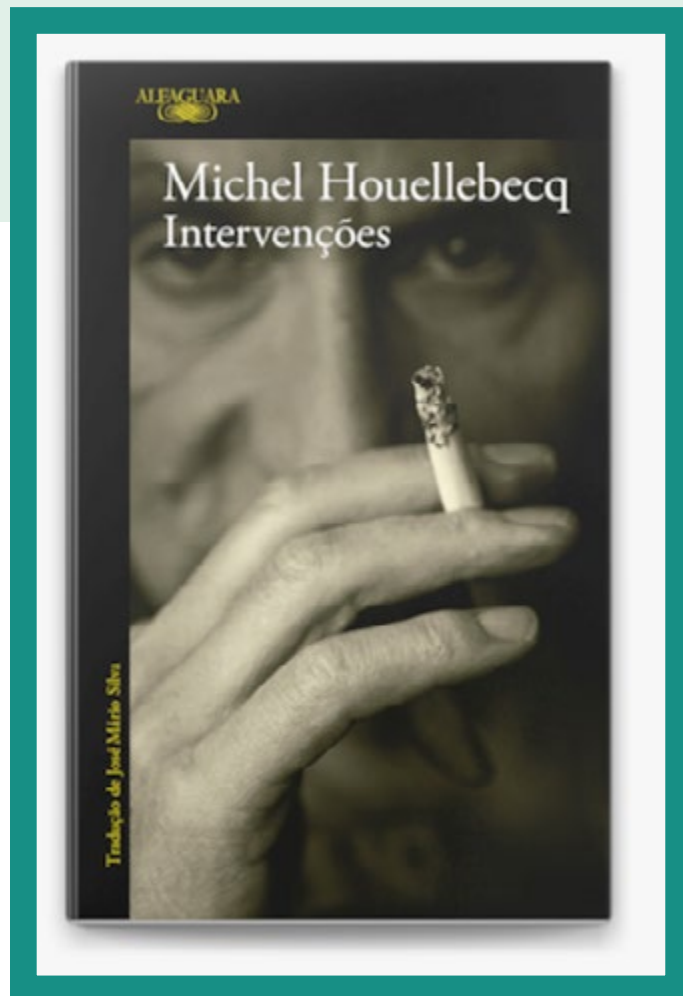


"INTERVENÇÕES" DE UM RABUGENTO

(ALFAGUARA, 2021)

MÁRIO
RUFINO

São muitas as vezes em que um leitor acompanha o nome Michel Houellebecq com um esgar a denunciar sabor azedo, ou odor desagradável. Falar sobre este "sacana" da literatura francesa é perder tempo, dizem. E isso afasta o leitor que nunca leu a ficção de Houellebecq e se ficou por umas frases endossadas por quem leu algumas das suas declarações. Ora, não sabe o leitor o que perde. Se quer começar pelas suas declarações, tem aqui um bom livro: "Intervenções" (Alfaguara) reúne ensaios, entrevistas e opiniões do autor nascido na ilha de Reunião, em 1956. A partir deste documento epitextual à ficção de Houellebecq encontramos chaves de leitura importantes para uma mais completa fruição de livros como "Submissão" e "O Mapa e O Território", entre



outros.

Além da decodificação de vários dos seus romances, desde o comportamento de personagens, estrutura narrativa e ideias fundamentais, existem considerações sobre Trump ("Resumindo, o presidente Trump parece-me um dos melhores presidentes que a América já conheceu."), a União Europeia ("Ou seja, uma ideia nefasta, ou na melhor das hipóteses estúpida, que se transformou aos poucos num pesadelo, do qual acabaremos por despertar."), feminismo ("Pela minha parte, sempre vi as feministas como umas imbecis amáveis, inofensivas por natureza, infelizmente tornadas perigosas pela sua desarmante falta de lucidez."), islamofobia ("Atacar uma religião é um direito. Por isso, sim, sinto-me obrigado, mesmo que não queira, a defender a liberdade de

expressão."), entre outras considerações.

A incisão moralista na literatura tem separado livros reaccionários dos progressistas; progressão como louvor ao novo, à mudança, antes mesmo de ser formalizada a qualidade intrínseca. Quanto ao reaccionário, esse rabugento, é avesso, logo de início, à mudança e só o tempo e o empirismo o podem resgatar da má disposição.

Cair nos livros que ecoam a sensibilidade do leitor é isso mesmo, uma queda. Não pára o leitor de cavar um buraco onde se acabará por refugiar do que o agride. Ora, a literatura é também uma picareta na nuca, um desconforto durável para lá da última página. Ainda que nos revolva as entranhas, ou principalmente por nos revolver as entranhas, deve ser lida. É imperioso contrariar as palavras do autor:

"A expressão puramente negativa deixou de ser aceite."

Houellebecq é um dos autores que indis põe muita gente. E por isso -além da qualidade da sua escrita - é importante lê-lo. Apesar da acidez dos seus comentários, por vezes até revoltantes, a rabugice chega a ser hilariante ("Serotonina" é um excelente exemplo).

Houellebecq irrita-nos, faz-nos rir, leva-nos por boas histórias e nem tanto por boas ideias. É o sacana rabugento tantas vezes no avesso do que pensamos.

Consegue manter a nossa atenção porque é acutilante e inteligente.

"Intervenções" é mais uma boa prova disso.

«A incisão moralista na literatura tem separado livros reaccionários dos progressistas; progressão como louvor ao novo, à mudança, antes mesmo de ser formalizada a qualidade intrínseca. Quanto ao reaccionário, esse rabugento, é avesso, logo de início, à mudança e só o tempo e o empirismo o podem resgatar da má disposição.»

O ONIROMANTE DE AZARUJA

PORVENTURA
CORREIA

A vida de jornalista é limpa? Sorrio-me. Conto esta: era dia de corrida para cumprir peça jornalística e tudo correu mal. Carro avariado em nenhures, nas redondezas de Évora, telemóvel sem rede, entrevista perdida com político nacional. No caminho rematado por sebes de pedra solta, perante os meus impropérios, assomou um moirinho dos muros, homenzinho pela altura do joelho, grandes olhos verdes e cabelo vermelho. O moirinho é ser afável e, tratado com respeito, em dobro nos paga. Conteí-lhe a desgraça e ele, apiedado, revelou precioso segredo, o lugar onde habitava prestigiado oniromante, mestre de entrar nos sonhos e, através deles, saber passado, presente e futuro. De que me valia a ciência dos sonhos? O moirinho riu-se, bamboleou muro abaixo, puxou-me as calças e silabou que sonho de político valia mais do que entrevista, operado por erudito do onírico. No meu bloco de papel, desenhou caminhos até ao pelourinho de Azaruja, onde estaria um velho barbudo sentado e que, mediante a senha dada, me conduziria ao refúgio do oniromante. Socorrido o carro, acelerei para

Azaruja e reconheci o ancião, que me levou a uma habitação descascada. Surpreendi-me com o oniromante, a quem atribui trinta anos, mas com o obscuro é incerto o que os olhos veem, até poderia ter trezentos ou mil. Breves apresentações. Conteí os meus intentos e ele esclareceu os seus limites: era oniromante-leitor, intérprete de sonhos e sentidos, e não um oniromante-manipulador, dos que moldam os sonhos a seu critério; e, muito menos, um oniromante mão-de-ferro, dos quais há uma dúzia espalhada pelo mundo.

Relatou-me ter convivido com um mão-de-ferro na juventude, séculos atrás, um tal de Maguélio, consorciado com a Rapariga das Fitas Brancas. O mais poderoso oniromante do continente. Contudo, o mestre partiu para um sonho e desapareceu. Que sonho era esse? Há especulações no mundo do obscuro, nenhuma concludente. O meu anfitrião tinha opinião, lacónico, anunciou que só o ferro bate o ferro. Um dia, detalharei as minhas pesquisas sobre o caso, por ora, fiquemo-nos por este oniromante-leitor.

No que me interessava, aceitou o desafio de entrar no sonho do político e sacar informações para a minha reportagem. Desapareceu diante os meus olhos, como a ondulação húmida no ar de estio. Passaram quartos de hora, meias horas e, depois, horas; entrou a madrugada com os seus cascos de cordeiro e, por fim, regressou.

As mãos, pretas, ensanguentadas, fumegantes, seguravam uma caixa de madeira, onde o meu perdido entrevistado protegia, na sua mente, os segredos. Corrupção, favores, desvios, imoralidades, ambições e atropelos. O oniromante pagara caro o retirar algo do sonho, tarefa excessiva para mero leitor. Pude digitar num ápice a reportagem estrepitosa e o meu coração ficou-lhe para sempre devedor.



POR QUE A MAIORIA DAS CARREIRAS DE ESCRITOR NÃO DESCOLA?

JAMES
McSILL

Nas agências literárias e nas editoras, quando a gente conversa sem filtros, fala-se abertamente que muitos equívocos são cometidos e, com mais frequência – e, pior ainda –, o bendito escritor não se acha culpado. Para que entendas o que se passa nos bastidores, vou revelar uma lista básica de cinco tópicos, que tendem a se repetir na minha lida diária com escritores de várias partes do mundo.

«Alguns conceitos de história simplesmente não funcionam. Gostávamos que resultassem, mas não resultam.»

Claro, muito escritor nem gosta de saber que essas são as nossas conversas internas e sem filtros. Porém, se tiveres coragem, desafio-te a leres até ao fim. Podes incomodar-te, mas estarás um passo mais próximo da publicação comercial.

1. Um conceito terrível

Alguns conceitos de história simplesmente não funcionam. Gostávamos que resultassem, mas não resultam. 'Como assim?', pensas. 'Tenho ideias geniais', dizes, 'o James é que não se apercebe. Que tal um romance "educacional" para jovens adultos com resmas de explicação sobre ciência climática?' Complemento: descrito em um enredo meio mole e sem graça? Nem pensar! Digo mais, a ambição cerra o coração e o autor para de ouvir conselhos, não se aprimora, é tragado por um sonho e esquece-se de que publicação comercial é uma indústria e, como a desgraça que não marca encontro, termina de escrever o 'livro' e já ela está ali, à espreita, quando o autor envia o suposto 'texto' a meia dúzia de editoras e recebe seis belos «NÃO!!!» Há os que me dizem: 'acho que está na hora de eu refinar as minhas técnicas e entender o que é escrever para publicar'. Contudo, há os que contrariam a realidade e sugerem 'um livro para adultos que apresenta a história de vida do papagaio do autor'. A simples 'história do autor', se ele não for uma pessoa já pública

ou pretenda ser? Quem pagaria o equivalente a dois jantares num restaurante mediano para desfrutar de uma história de papagaio, a menos que esteja magistralmente escrita? Vale mencionar os que me dizem: 'já sei, uma conversa imaginária entre personagens famosos, vivos ou mortos, «O dia em que Platão encontrou Lula da Silva...» Isto há de vender!' Poupa-me!!, penso, mas não digo, pois evito magoar. E há tantas outras coisas que não têm a menor hipótese de vender. Ninguém mais quer ler uma história triste sobre uma crise da meia-idade e tantas outras histórias clichés. Se não fores um gênio para tornar esses assuntos interessantes, ninguém vai se interessar.

Dá para corrigir? Não! Tu só precisas começar de novo. Desculpa!

2. Um livro que não leva o assunto ao extremo, que não encanta o suficiente

Surpreendentemente, é algo que muito a gente vê. Suspiros que não são muito emocionantes.

Comédias que realmente não te fazem rir. Romances que não são realmente tão românticos ou sexy assim. Ficção motivacional que, na verdade, não anima o leitor. Histórias têm de ser realmente emocionantes. Não envolveu, não vendeu.

Dá para corrigir? Dá! Podes corrigi-lo – a princípio — com muito trabalho, mas, na maioria das vezes, é melhor que escolhas uma ideia melhor. O problema não está no manuscrito em si, está na arquitetura da história, não é 'assim' que se escreve para publicar.

«Ninguém mais quer ler uma história triste sobre uma crise da meia-idade e tantas outras histórias clichés. Se não fores um gênio para tornar esses assuntos interessantes, ninguém vai se interessar.»

3. Um livro escrito para um público que não existe mais

A menos que faças algo distintamente novo, não há nenhuma razão pela qual agentes, editores ou leitores devam favorecer o teu livro sobre outros mais contemporâneos, no momento da aquisição de um texto para publicar. Não passa, por exemplo, uma semana sem que eu receba um ou dois manuscritos de histórias alegadamente infantis, que parecem escritos para crianças da década de 1950. Crianças e jovens querem assuntos contemporâneos, a família do 'comercial de margarina' nunca existiu, mesmo naquela época. Pior! Hoje, a imagem tornou-se repugnante, uma família

«Aqueles que nunca viram um corretor do WORD, pelo menos, ou a pontuação se esqueceu de aparecer para o trabalho quando o autor escrevia. Ter um conhecimento mediano da língua em que escreves é essencial, uma formatação neutra do manuscrito apresentado é crucial.»



ridícula, que parece sair de um culto fundamentalista, homofóbica, misógina, sexista e racista. O jovem é mais esperto, mais ligado. Pede histórias do 'aqui e do agora'.

Dá para corrigir? Possivelmente, não. Porque tende a ser a visão retrógrada do mundo em que vive o autor. Talvez ele seja lido se publicar em uma revista conservadora, ou vendido na livraria do culto fundamentalista que frequenta. Na livraria do aeroporto ninguém mais compra esse tipo de coisa.

4. Um livro sem um «quê» discernível

Às vezes, o texto até que está bem escrito. É uma história de amor genuína. Parece contemporânea. O manuscrito pode até, em termos de qualidade, demonstrar um ótimo ângulo e um bom conceito e, no geral, ser cativante. A mulher do viajante do tempo? Quero ler mais. Uma escola para feiticeiros? Conta-me sobre isso. Um hacker de computador sueco com Asperger? Se o teu livro não tiver esse «quê» a mais, provavelmente não vais conseguir publicar.

Dá para corrigir? Sim. Mas dará muito trabalho. Normalmente, precisarás tomar algum aspecto já existente no romance e levá-lo mais adiante do que até então ousaste ir.

5. Apresentação ruim

Há textos que nos enviam em fontes 'de livro já impresso', por exemplo. Aqueles que nunca viram um corretor do WORD, pelo menos, ou a pontuação se esqueceu de aparecer para o trabalho quando o autor escrevia. Ter um conhecimento mediano da língua em que escreves é essencial, uma formatação neutra do manuscrito apresentado é crucial.

Dá para corrigir? Claro! Vai à livraria mais próxima e compra um livro de gramática e redação. E lê muito, lê tudo, de todos os gêneros. O bom autor é um bom leitor.

Aprende os princípios básicos da autoedição para que possas desenvolver as tuas próprias habilidades editoriais. Lembra que escrever um livro requer técnicas específicas, que nada tem a ver com criatividade. Nos meus 44 anos de profissão trabalhei com milhares de autores e editei ou ajudei a editar mais de 10 mil livros! Digo, então, com base na experiência: não é um caminho fácil, mas é totalmente factível.

Dá para saberes mais? Dá! Fala comigo!
@jamesmcsill

**«O bom autor é um
bom leitor.
Aprende os princípios
básicos da autoedição
para que possas
desenvolver as tuas
próprias habilidades
editoriais.»**

ESCRITORES E PÁGINAS EM BRANCO: UMA CERTEZA, UMA INEVITABILIDADE E UM CLICHÉ

LÉNIA
RUFINO

Deparo-me poucas vezes com a página em branco, incapaz de lhe pespegar palavras que sejam sumarentas e que construam narrativas diferenciadoras. E isto acontece pouco porque poucas vezes me sujeito à dor de me sentar a escrever sem saber ainda o que estou ali a fazer. Na maioria das vezes, quando abro um documento em branco, já sei como vou começar o texto. Porque me surgiu uma frase, uma situação, uma ideia qualquer que dá o mote a tudo o que vem a seguir. Exactamente como aconteceu agora, quando me sentei a escrever este texto. A minha angústia vem antes disto. É nos momentos em que ainda não sei sobre o que quero escrever, que história quero contar, que o meu coração se aperta e as incertezas se instalam. É neste momento, antes da ideia, que tenho a minha página em branco. Assim que encontro a voz que vai contar a história, a personagem que a preencherá, o conflito

que quero expor ou o final a que quero chegar, a angústia apazigua-se. Por vezes, regressa mais tarde, quando me deparo com um beco que criei, ou com um problema com o qual não tinha contado antecipadamente. É nestes momentos que paro, releio e, muitas vezes, me socorro de uma técnica para mim bastante eficaz: post-its e setas. Esquematizo muito, gosto de ver os textos de fora, de olhar para eles vendo a "big picture", a sua amplitude máxima. E, mesmo assim, sou surpreendida inúmeras vezes.

Sou das que preferem escrever embalada pela inspiração, confesso. Escrever para cumprir um calendário é-me doloroso e deixa-me inúmeras vezes com a sensação de que escrevi de forma leviana. Por muito que o resultado me agrade, saber que escrevi impulsionada por um prazo ou uma qualquer obrigatoriedade tira um bocadinho do encanto que a escrita tem para mim. Acontece que, para quem escreve profissionalmente, a escrita nem sempre resulta de um rasgo de génio que aparece de forma impetuosa; muitas vezes, é apenas o que acontece quando se tem uma tarefa para cumprir.

Agora, enquanto escrevia este texto, surgiu-me a pergunta: tenho medo de um dia a página em branco ser extensa a ponto de me deixar sem histórias para contar?

A resposta é não. Não tenho medo de ficar sem histórias porque tudo é passível de ser contado. Já todos lemos livros que contam histórias

parecidas, mas a voz do autor, a sua forma de escrever, são coisas únicas. E é por saber que terei sempre a minha perspectiva única sobre o que conto que não me assusta a ideia de poder vir a ficar sem coisas para contar. Em vez disso, olho para a página em branco como lugar de infinitas possibilidades: se, naquela página, nada está escrito, posso escrever o que eu quiser, seguir os caminhos que me apetecer, criar as personagens que me fizerem sentido e inventar conflitos, mágoas e passados de milhares de formas diferentes. Por isso, prefiro olhar para a página em branco como um desafio e não como um carrasco.

Mas nem sempre é fácil escrever a primeira frase. Nem sempre é fácil ter a disciplina necessária para encher páginas e páginas de vidas que não existem.

Não tenho regras nem rituais de escrita. Não escrevo todos os dias, não tenho uma hora perfeita para escrever, nunca me imponho um

número mínimo de palavras. Mas devia! Por isso, para 2022, o meu auto-desafio é esse: ser uma escritora organizada, que não se desvia do caminho que precisa de percorrer, que não se distrai do objectivo. E o meu objectivo é simples: escrever o meu segundo romance. E, sim, já tive momentos de página em branco com ele. Mas também já tive texto a escorrer-me pelos dedos, de forma completamente desregrada a ponto de, chegada ao final daquele trecho, ter olhado para ele e, meio estarecida, ter exclamado um "não sei como é que isto aconteceu aqui!".

Portanto, para este ano que agora começa, espero que a página em branco seja sempre sinónimo de inúmeras portas abertas e nunca de falta de ideias. Ou de medo. Acima de tudo, que nunca seja sinónimo de medo. Porque, entre os milhões de palavras que existem, há sempre algumas que nos salvam. Que sejam essas que vamos escrever, então.



TUDO É POSSÍVEL

SANDRA
BARÃO NOBRE

Escrivo na recta final de 2021, naquela fase em que, como profissional de Biblioterapia e como pessoa que lê por puro deleite, esboço um balanço das leituras feitas nos meses anteriores. São quase sessenta títulos de vários géneros literários — Ficção, Ensaio, Poesia, História, Biografia, Divulgação científica, Religião, Filosofia —, com destaque para a chamada Literatura Infantojuvenil, já que li dez livros comumente classificados nesta categoria (embora um bom livro infantil ou juvenil não tenha faixa etária e possa ser lido com fruição em qualquer fase do nosso desenvolvimento). E é precisamente do último livro infantojuvenil que li em 2021 que vos quero falar. Trata-se de "Tudo é Possível" —, um título sugestivo, agora que encaramos um novo ano, com a habitual carga psicológica do recomeço — escrito por Kobi Yamada, ilustrado por Gabriella Barouch e publicado em Portugal pela editora Zero a Oito.

Um dos benefícios da Biblioterapia enquanto arte que cuida de nós através da leitura de histórias, é o facto de "fomentar a independência do leitor e o seu papel activo no processo

«Um dos benefícios da Biblioterapia enquanto arte que cuida de nós através da leitura de histórias, é o facto de "fomentar a independência do leitor e o seu papel activo no processo terapêutico ao receber, inferir e descobrir a mensagem do texto" sozinho e a partir do seu conhecimento prévio, isto é, tudo aquilo que já sabe ou experimentou na vida. »

terapêutico ao receber, inferir e descobrir a mensagem do texto" sozinho e a partir do seu conhecimento prévio, isto é, tudo aquilo que já sabe ou experimentou na vida. É a partir dessa plataforma — desse ponto onde o leitor se encontra e a partir do qual vai alcançar e interpretar o mundo —, que acontece este exercício de leitura profundamente subjectiva e de carácter existencial em que "não se procura compreender a intenção do autor, mas o efeito do texto sobre o leitor", em que não há interpretações certas ou erradas, falsas ou "verdadeiras, mas apenas interpretações justas". Assim, o mediador

de Biblioterapia de Desenvolvimento (distinta da Biblioterapia Clínica) deve ter o cuidado e a sensibilidade para, ainda que seja ele a seleccionar e a recomendar as histórias a serem lidas, interferir muito pouco nesse processo de leitura e respeitar as conclusões a que o leitor chega por si.

Posto isto, é natural que me perguntem com que critérios e com que legitimidade seleciono e recomendo livros aos meus clientes ou a leitores no geral, como vós, já que a lógica que impera em contexto biblioterapêutico é o clássico "cada cabeça a sua sentença". No caso dos meus clientes, é imperativo que eu os conheça bem, que consiga, através de determinadas ferramentas, traçar um perfil bastante preciso das pessoas que são e dos objectivos que almejam. E no caso dos leitores em geral, aqueles cujas idiossincrasias não posso conhecer, um dos critérios que funciona com razoável grau de sucesso é recomendar livros que me tenham comovido — que tenham mobilizado as minhas emoções, que me tenham feito passar de um estado emocional para outro, de preferência melhor — porque há uma maior probabilidade de comoverem outros leitores também. É aqui que encaixa o delicadíssimo "Tudo é Possível", que na simplicidade do seu texto e na beleza das suas ilustrações me arrebatou e entrou para o topo das minhas leituras em 2021.

"Já alguma vez pensaste porque estás aqui?". Esta é a primeira frase do livro, que não nos conta uma história, levando-nos antes por uma série de reflexões filosóficas acessíveis e explicações originais para o facto de cada ser humano ser único e irrepetível, dos caminhos possíveis para a sua vida serem potencialmente infinitos e dos obstáculos



serem inevitáveis. Se para uma criança reflectir sobre isto poderá ser um exercício completamente novo, um adulto, mais cínico, poderá encolher os ombros e pensar: "Conta-me algo que eu não saiba". Porém, outro dos benefícios da Biblioterapia é fazer incidir sobre temas de sempre, sobre aspectos corriqueiros do dia-a-dia, luzes que ajudam a revelar perspectivas novas. Graças à sua linguagem poética, ao tom humanista e esperançoso, às imagens que espoleta na nossa imaginação e às encantadoras ilustrações — cada uma, uma obra de arte —, "Tudo é Possível" instiga, no mínimo, em espanto renovado pelo privilégio que é estar vivo. Porque é possível que estejamos aqui para ajudar "os outros a encontrar a beleza de cada dia", a "iluminar lugares que estão na escuridão há demasiado tempo" ou a "ser a voz daqueles que não conseguem falar por si". Gostava que a leveza que toma conta e mim após cada leitura deste livro fosse sentida também por vós durante todo o ano de 2022.

AS NOSSAS COLETÂNEAS



O TEMPO DAS PALAVRAS COM TEMPO

Pequenas grandes histórias para ler e viver.

Com prefácio de James McSill

Disponível em:

EBOOK



IMPRESSO 



NÃO VÃO OS LOBOS VOLTAR

Por vezes, é preciso enfrentar o passado para viver o presente.

Com prefácio de Sofia Batalha

Disponível em:

EBOOK



A SUA
REVISTA
LITERÁRIA



PALAVRAR.OPRAZERDAESCRITA.COM

Um projeto:



Analita Alves dos Santos
O PRAZER DA ESCRITA